

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA
CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS E HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA

Danielle Machado Visentini

**AS CONCEPÇÕES SOBRE RELACIONAMENTOS AFETIVO-SEXUAIS
E VIOLÊNCIA NO NAMORO NA PERSPECTIVA DOS
ADOLESCENTES**

Santa Maria, RS
2020

Danielle Machado Visentini

**AS CONCEPÇÕES SOBRE RELACIONAMENTOS AFETIVOS-SEXUAIS E
VIOLÊNCIA NO NAMORO NA PERSPECTIVA DOS ADOLESCENTES**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia, da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM, RS) como requisito parcial para a obtenção do título de **Mestra em Psicologia.**

Orientadora: Prof^ª. Dr^ª Aline Cardoso Siqueira

Santa Maria, RS
2020

Visentini, Danielle
AS CONCEPÇÕES SOBRE RELACIONAMENTOS AFETIVO-SEXUAIS E
VIOLÊNCIA NO NAMORO NA PERSPECTIVA DOS ADOLESCENTES /
Danielle Visentini.- 2020.
92 p.; 30 cm

Orientadora: Aline Cardoso Siqueira
Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Santa
Maria, Centro de Ciências Sociais e Humanas, Programa de
Pós-Graduação em Psicologia, RS, 2020

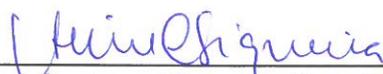
1. Adolescência 2. Relacionamentos afetivo-sexuais 3.
Violência no namoro I. Cardoso Siqueira, Aline II. Título.

Danielle Machado Visentini

**AS CONCEPÇÕES SOBRE RELACIONAMENTOS AFETIVOS-SEXUAIS E
VIOLÊNCIA NO NAMORO NA PERSPECTIVAS DOS ADOLESCENTES**

Dissertação de Mestrado apresentada ao
Programa de Pós-Graduação em Psicologia,
da Universidade Federal de Santa Maria
(UFSM, RS) como requisito parcial para a
obtenção do título de **Mestra em Psicologia**.

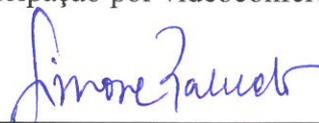
Aprovada em 04 de março de 2020.



Aline Cardoso Siqueira, Dra. (UFSM)
(Presidente/ Orientadora)



Sabrina Mazo D'Affonseca, Dra. (UFSCAR)
(Participação por videoconferência)



Simone Paludo, Dra. (FURG)

Santa Maria, RS
2020

AGRADECIMENTOS

A concretização deste trabalho só foi possível pelo apoio, incentivo, dedicação e compreensão de várias pessoas. Agradeço a todos que de alguma forma, contribuíram para a materialização desse sonho, de uma maneira especial é necessário agradecer:

- A minha mãe, por me incentivar a estudar desde criança, por toda estrutura que me proporcionou, pelo amor e paciência.
- A minha família, em especial ao Rodolfo e sua família, pela compreensão, incentivo e amor a mim destinado nesse processo.
- As minhas amigas e amigos, que souberam entender minha ausência e sempre me deram incentivo.
- Ao meu supervisor, professor César Bridi pelo incentivo e por acreditar em mim.
- A minha orientadora, Aline Cardoso Siqueira, pela dedicação, aprendizado, carinho e confiança nesse período.
- A minha analista, Patrícia Paraboni, por ter acolhido as minhas angústias.
- A professora Regina Costenaro, pelo amparo e incentivo nesse percurso.
- Ao meu grupo, GEPIAV - Grupo de Extensão, Pesquisa e Intervenção com Adolescentes e Violências pela dedicação nesse período.
- Ao NAPS, pela oportunidade de crescimento profissional e pessoal.
- As diretoras das escolas as quais a pesquisa foi realizada, por acreditarem na importância desse trabalho.
- Ao Núcleo de Apoio à Aprendizagem pelo incentivo e crescimento profissional e pessoal.
- Ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia da UFSM pela oportunidade.
- A Universidade Federal de Santa Maria, pública e de qualidade pela oportunidade de desenvolver esse estudo.

*“Se a gente cresce com os golpes duros da vida,
também podemos crescer com os toques suaves na alma”*

Cora Coralina

RESUMO

AS CONCEPÇÕES SOBRE RELACIONAMENTOS AFETIVO-SEXUAIS E VIOLÊNCIA NO NAMORO NA PERSPECTIVA DOS ADOLESCENTES

AUTORA: Danielle Machado Visentini
ORIENTADORA: Aline Cardoso Siqueira

A adolescência tem sido objeto de estudos há muitas décadas, principalmente por ser caracterizada por uma etapa de desenvolvimento de mudanças e conflitos. A sexualidade ganha uma maior proporção, junto com as transformações corporais, e assim, iniciam-se as primeiras experiências afetivo-sexuais. Essas, por sua vez, têm se modificando ao longo do tempo, e adquirindo novas configurações. As relações afetivo-sexuais dos adolescentes geram problemáticas importantes que merecem atenção, especialmente quanto à ocorrência de violência no namoro. Assim, entende-se que é importante conhecer e investigar como os adolescentes compreendem essas situações como forma de minimizar taxas de violência nos relacionamentos. Foram realizados três estudos complementares. O primeiro estudo teve como objetivo conhecer as formas de relacionamentos afetivo-sexuais na adolescência bem como, o papel que as redes sociais ocupam no campo amoroso; o segundo, compreender a percepção sobre a violência vivenciada nos relacionamentos amorosos entre adolescentes e o terceiro conhecer a quem os adolescentes recorrem em situações de violência no namoro e os impactos que a violência pode ter na vida do sujeito. Esta é uma pesquisa qualitativa de caráter descritivo e exploratório. Os participantes foram 29 adolescentes do 9º ensino fundamental e EJA de três escolas públicas do interior do Rio Grande do Sul. Foram realizados grupos focais, sendo realizados três encontros em cada escola, totalizando nove encontros nos meses de abril e maio de 2019. Os dados foram analisados a partir da Teoria Fundamentada nos Dados. Os resultados do primeiro estudo mostram que o "ficar" é a principal forma de relacionamento afetivo-sexual entre os jovens, uma vez que, o namoro nesta fase não é duradouro. O ciúme foi visto tanto como uma manifestação de amor como também, pode ser considerado o dispositivo da violência no namoro ao adquirir o sentido de controle. No segundo estudo, situações de violência física e psicológica foram descritas como comuns nos relacionamentos afetivo-sexuais na adolescência, nem sempre sendo vistas como violência, sendo perpetrada por ambos sexos. Os resultados do último estudo evidenciaram que os amigos e os pais são as principais referências ao que se refere buscar ajuda nas situações de violência. A discussão final dessa dissertação sinaliza as mudanças que os relacionamentos atuais na adolescência enfrentam não descartam o fundamental acompanhamento de familiares e adultos de confiança, no sentido de oferecer ferramentas para os adolescentes construir relacionamentos saudáveis e não abusivos. Entende-se que essa temática deve ser mais explorada tanto no ambiente familiar como escolar a fim de minimizar os índices de violência bem como a implementação de programas de intervenção e prevenção de violência no namoro.

Palavras-chave: Adolescente. Relacionamentos Afetivo-Sexuais. Violência no Namoro.

ABSTRACT

CONCEPTIONS ABOUT AFFECTIVE-SEXUAL RELATIONSHIPS AND DATING VIOLENCE FROM ADOLESCENTS' PERSPECTIVE

AUTHOR: Danielle Machado Visentini

ADVISOR: Aline Cardoso Siqueira

Adolescence has been studied for many decades, mainly because it is characterized by a stage of development full of changes and conflicts. Sexuality reaches a greater proportion, along with changes in the body, and the first affective-sexual experiences tend to take place. Such experiences have been changing over time, and acquiring new settings. Affective-sexual relationships in adolescence bring up important issues which deserve attention, especially regarding the occurrence of dating violence. Therefore, it is considered crucial to get to know and investigate how adolescents understand these situations as a way to reduce the violence rates in relationships. Hence, three complementary studies were carried out. The first study aimed to understand the kinds of affective-sexual relationships in adolescence, as well as the role that social media plays in adolescents' love life; the second one focused on the perception of violence experienced in love relationships among adolescents; and the third one investigated strategies considered important by adolescents in order to identify and prevent the intimate perpetration of violence by someone's intimate partner. This qualitative research is both descriptive and exploratory. The participants include 29 adolescents who are in the 9th grade of Elementary School and Adult and Youth Education (EJA) from three public schools located in the countryside of Rio Grande do Sul. Focus groups were held, with three meetings in each school, totaling nine meetings in the months of April and May, 2019. Data were analyzed based on Grounded Theory. The results of the first study show that "hanging out with someone" is the main form of affective-sexual relationship among young people, since dating does not last long during this stage of life. Jealousy was seen both as a demonstration of love and as means of dating violence when it comes with control. In the second study, experiences of physical and psychological violence were described as common in affective-sexual relationships in adolescence, but they were not always seen as violence, and perpetrated both by male and female participants. The results of the last study indicated that friends and parents are the main reference when it comes to asking for help in situations of violence. This thesis's final discussion addresses that changes in current relationships in adolescence do not discard the essential monitoring of family members and trusted adults, in order to provide adolescents with tools so that they can build healthy and non-abusive relationships. It is understood that this subject should be further explored, both within family and school environments in order to reduce the rates of violence, and that the creation of dating violence prevention and intervention programs is needed.

Keywords: Adolescent. Affective-Sexual Relationships. Dating Violence.

SUMÁRIO

1 APRESENTAÇÃO	9
2 INTRODUÇÃO	10
2.1 O FENÔMENO DA ADOLESCÊNCIA.....	12
2.2 RELAÇÕES AFETIVO-SEXUAIS NA ADOLESCÊNCIA.....	14
2.3 VIOLÊNCIA NO NAMORO NA ADOLESCÊNCIA	17
3 MÉTODO	21
3.1 DELINEAMENTO	21
3.2 PARTICIPANTES	21
3.3 PROCEDIMENTOS DE COLETA DE DADOS E ÉTICOS	22
3.4 ANÁLISE DOS DADOS	23
4 ARTIGO 1	25
5 ARTIGO 2	39
6 ARTIGO 3	63
7 CONCLUSÃO	73
REFERÊNCIAS	76
APÊNDICE A – ROTEIRO PARA O GRUPO FOCAL	84
APÊNDICE B – QUESTIONÁRIO BIOSOCIODEMOGRÁFICO	85
ANEXO A – AUTORIZAÇÃO INSTITUCIONAL	86
ANEXO B – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO	87
ANEXO C – TERMO DE ASSENTIMENTO	89
ANEXO D – TERMO DE CONFIDENCIALIDADE	91

1 APRESENTAÇÃO

A presente dissertação está inserida na linha de pesquisa “Saúde, Desenvolvimento e Contextos Sociais” do Programa de Pós-Graduação em Psicologia (PPGP) da Universidade Federal de Santa Maria. Dentre as temáticas trabalhadas, destaca-se a juventude, violência, a qual inclui esse estudo. Entende-se que compreender as formas de relacionamentos afetivo-sexuais dos adolescentes bem como a sua percepção sobre violência no namoro vai ao encontro à referida linha de pesquisa do PPGP.

O interesse pela adolescência surgiu a partir da Especialização em Clínica Psicanalítica da criança e do adolescente realizada na UFRGS em 2017. As instabilidades e a importância de olhar para esse período da vida fizeram com que eu investisse meus esforços profissionais na adolescência. A temática da violência veio através dos atendimentos clínicos, enquanto bolsista do Núcleo de Apoio à Aprendizagem/UFSM, em que, apareceram demandas que faziam alusão a relacionamentos abusivos e a diversos tipos de violência. Considerando que na adolescência ocorrem as primeiras experimentações amorosas, é importante pensar como isso está sendo vivenciado atualmente.

O objetivo geral da dissertação foi conhecer a concepção dos adolescentes sobre relacionamentos afetivo-sexuais e o que eles compreendem por violência no namoro. Foram realizados três estudos qualitativos e complementares. O primeiro artigo, intitulado de “A pluralidade dos relacionamentos afetivo-sexuais na adolescência”, busca conhecer as formas de relacionamentos afetivo-sexuais na adolescência bem como, o lugar que as redes sociais ocupam nas relações amorosas. O segundo artigo denominado “Adolescência e violência no namoro: ciúmes, controle e redes sociais”, tem por objetivo relatar a percepção sobre a violência vivenciada nos relacionamentos afetivo-sexuais entre adolescentes. E por fim, o terceiro foi nomeado de “Violência no namoro na adolescência: pedir ajuda para quem?” que teve por objetivo conhecer a quem os adolescentes recorrem em situações de violência no namoro e os impactos que a violência pode ter na vida do sujeito.

2 INTRODUÇÃO

A adolescência tem sido foco de pesquisas ao longo dos anos, por constituir-se em um momento chave para o surgimento de processos saudáveis ou desadaptativos para o desenvolvimento. Os adolescentes são notados por suas atitudes, demandas, designações e particularidades. Com isso, adquirirão um lugar e um nome e, talvez ocupem um lugar não necessariamente confortável, pelo contrário, um lugar marcado por intensos conflitos, responsabilidades e inseguranças (CALLIGARIS, 2000). Para além dessa fase distinta do desenvolvimento humano e de grandes turbulências, o fenômeno da adolescência pode ser olhado de diferentes perspectivas, ou seja, considerando mais os aspectos socioculturais, os ambientes que o adolescente está frequentando, suas relações com a família e pares. Por não ter seu início e fim claramente definidos, é necessário ter uma compreensão ampla sobre o adolescente a partir do seu contexto social (SENNA e DESSEN, 2012).

A Organização Mundial de Saúde (OMS, 2001) considera os fatores biológicos e psicológicos no processo de transformações rápidas e profundas que caracterizam essa etapa de desenvolvimento no curso da vida. As modificações físicas e corporais impulsionam um processo de reformulação psicológica, sendo a busca por um par amoroso um dos principais desafios dessa fase do desenvolvimento. Ainda que o conceito de adolescência da década de 60 ainda seja atual, observa-se que os adolescentes manifestam comportamentos que são peculiares da contemporaneidade, os quais se referem à condição de liberdade pessoal diante dos padrões instituídos socialmente, à variedade de maneiras de se relacionar social e amorosamente e à interação entre ambas. Abrangem também relações que implicam sentimentos, fidelidade mútua, um grau de compromisso e aquelas cujo envolvimento é momentâneo, satisfazendo necessidades físicas, prazer e diversão sem continuidade (OLIVEIRA et al., 2007).

O ciúme e a desconfiança no namoro também contribuem para que os adolescentes aderem à prática do ficar, principalmente por pressupor menos risco de se apaixonar e se decepcionar (RIBEIRO et al., 2011). Estudos mostram que o "ficar" pode se tornar um compromisso mais sério e importante e, algumas vezes, marca a transição para um namoro. Ademais, alguns adolescentes acreditam que essa prática é muito superficial e de banalidade afetiva, por isso, optam pelo namoro (MATOS, FÉRES-CARNEIRO e JABLONSKI, 2005; RIBEIRO et al., 2011), caracterizado por um maior envolvimento afetivo entre os pares, sentimento mais sólido, participação no âmbito familiar, com o conhecimento dos pais, envolvendo planejamento do tempo juntos, responsabilidade e lealdade (RIBEIRO et al., 2011).

A principal queixa dos adolescentes referente ao namoro faz alusão ao ciúme seguido da desconfiança e o medo de traição. Alguns jovens mencionam o ciúme como algo saudável, considerando-o uma manifestação do amor. Outros adolescentes dizem que ciúmes extremos acarretam em brigas, proibições e atitudes de controle sobre outro (MATOS, FÉRES-CARNEIRO e JABLONSKI, 2005; RIBEIRO et al., 2011). A vivência da violência é fenômeno multifatorial, com diferentes impactos e consequências, que precisa ser continuamente estudada. Sendo a adolescência um período em que se formam bases necessárias para que seja possível a construção de relações saudáveis ao longo da vida, a vivência de relacionamentos abusivos nessa fase pode ser um marco disfuncional para a concepção de relacionamentos futuros. Logo, compreender como os adolescentes estão esperando e planejando seus relacionamentos e o que está em cena quando há violência ajudará o campo científico a indicar e avaliar possíveis intervenções com foco nesses aspectos. Investigar as relações amorosas e identificar a presença de comportamentos abusivos permite intervir para prevenir, garantindo que os adolescentes tenham relacionamentos sem violência, o que é um investimento muito importante a se considerar tendo em vista a prevenção da violência conjugal (MINAYO, 2011; PAIVA e FIGUEIREDO, 2004; STÖCKL et al., 2014).

A revisão de literatura realizada por Stonard (2014) constatou alta estimativa para prevalência de violência no namoro entre adolescentes de origem física, emocional/psicológica e sexual, incluiu também as violências sofridas através de meios eletrônicos. Uma pesquisa realizada com adolescentes brasileiros de faixa etária entre 15 e 19 anos destacou a prevalência de violência verbal, seguida da violência sexual e a violência física nas relações afetivo-sexuais (OLIVEIRA et al., 2011). Um estudo norte-americano conduzido por Niolon et al. (2015) com adolescentes escolares apontou a perpetração de violências como abuso sexual (15%), relacional (13%) e *stalking* (6%). Outro estudo norte-americano evidenciou que para 75% das meninas que estavam num relacionamento afetivo-sexual nos últimos 12 meses, a prevalência de violência no namoro foi de 6,6% para violência física, 8% para violência sexual, 6,4% para violência física e sexual e 20,9% para outros tipos de violência no namoro. Entre os meninos, 72,8% estavam num relacionamento nos últimos 12 meses e a prevalência de violência foi 4,1% de violência física, 2,9% de violência sexual, 3,3% de violência física e sexual e 10,4% para outros tipos de violência (VAGI et al., 2015).

Pensando na redução dos índices de violência no namoro, vários programas têm sido desenvolvidos com foco na sua prevenção (MURTA et al., 2015, 2016; MURTA, SANTOS, MARTINS e OLIVEIRA, 2013). Em Portugal, um programa realizado na escola, com adolescentes, evidenciou que condutas masculinas de violência foram mais facilmente

desculpabilizadas comparadas às condutas femininas. Demonstrou também que as meninas utilizam de violência psicológica em casos de traição do(a) namorado(a) e que o ciúme é visto em diversas situações como sinônimo de amor em situações de controle. Após as intervenções, o escore de aceitação de violência diminuiu (AFONSO e TEIXEIRA, 2015).

Considerando que nessa fase, há as primeiras experimentações afetivo-sexuais, alguns estudos evidenciam que a idade média para a primeira relação sexual é 15 anos (SILVA et.al, 2015; MARANHÃO, GOMES, OLIVEIRA e NETO, 2017), já outros, indicam que faixa etária tem diminuído para o intervalo de 12 a 14 anos (COSTA, COSTA e NASCIMENTO, 2018; FELISBINO-MENDES et al., 2018). Esse dado instiga a pensar na importância de orientar adolescentes sobre relacionamentos afetivo-sexuais saudáveis a fim de evitar situações de violência nas relações. O presente estudo teve por objetivo geral conhecer a concepção dos adolescentes sobre relacionamentos afetivo-sexuais e violência no namoro e os objetivos específicos foram investigar a maneira que os adolescentes estão se relacionando amorosamente, compreender o que eles consideram uma relação afetiva-sexual saudável, conhecer o que eles entendem sobre violência no namoro e investigar para quem os adolescentes recorrem em situações de violência no namoro.

2.1 O FENÔMENO DA ADOLESCÊNCIA

O período da adolescência, é demarcada por limites cronológicos principalmente para fins estatísticos e políticos. O Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), Lei 8.069, de 1990, compreende a adolescência a partir dos 12 anos até 18 anos de idade, já, a Organização Mundial da Saúde (OMS, 1986) entre 10 e 19 anos. Tem-se falado no prolongamento da adolescência, abrangendo esse período até os 24 anos, pois contempla as diversas compreensões populares sobre adolescência como também inclui diferentes cenários (SAWER, AZZOPARDI, WICKREMARATHME, PATTON, 2018).

A adolescência, enquanto etapa do desenvolvimento humano, é relativamente nova. Até o século XX, o indivíduo passava da fase infantil diretamente a fase adulta, tendo como marca apenas a denominada “juventude” ou “puberdade”, do qual fazia parte apenas às transformações físicas. Stanley Hall, psicólogo norte-americano, em 1904 publica o livro “*Adolescence*”, no qual sugere que minimizem as pressões a fim de uniformizar o comportamento juvenil à conduta adulta, para que os indivíduos possam vivenciar todas as potencialidades da adolescência. Hall (1904) assinalou o período da adolescência como sendo uma época marcada por fortes emoções. Ou seja, grandes oscilações entre sentimentos contraditórios como por

exemplo: indiferença, hiperatividade, desprezo, euforia, gargalhadas, melancolia, depressão. A vaidade e o egoísmo, bem como a timidez e a presunção são características marcantes nesse período. Segundo o autor, essa explosão de sentimentos e de comportamentos tinham origem basicamente biológica.

Embora o conceito de adolescência tenha surgido no século XX, Sprinthall e Collins (1999) asseguram que os elementos psicológicos e fisiológicos essenciais desse período sempre estiveram presentes nos indivíduos, independente do período histórico ou cultural. Mesmo que nem sempre se distinguem as características específicas da adolescência.

A sociedade, de forma geral, caracteriza o adolescente como rebelde, que está passando por uma fase conflituosa e a relação com os pais está fragilizada. Essas atitudes são, por vezes, justificadas pelas transformações hormonais e psicológicas intrínsecas a esse processo (BARBOSA e WAGNER, 2015). Considera-se a adolescência um período da vida muito relevante para os indivíduos, pois representa a construção da identidade e a definição da personalidade. A identidade que se está sendo construída é a imagem que o sujeito tem de si. A adolescência sinaliza, também, a transição entre a infância e a idade adulta, onde as modificações ocorrem, transformando a forma como o adolescente percebe a si e aos outros (PAPALIA, OLDS e FELDMAN, 2001; RUZANY, 2008).

Na adolescência, o sujeito tende a ter alguns comportamentos de risco e a buscar aventura, na tentativa de se reconhecer como adulto, embora ainda não ser. Nesse período, ocorre uma maior aproximação com os pares, iniciando os primeiros relacionamentos afetivo-sexuais e as primeiras experiências sexuais (ALVES, 2016). Brêtas (2004) corrobora dizendo que é protuberante a busca por uma identidade adulta, remetendo às primeiras relações afetivas que o adolescente teve no meio familiar. Nesse momento, ele adapta a realidade atual na interação com seu meio. Através da adolescência, o indivíduo terá a possibilidade de encontrar o seu papel social, conquistando valores, crenças, vontades e princípios que servirão de alicerce para a efetivação do seu processo natural de desenvolvimento psíquico (ABERASTURY e KNOBEL, 1981).

Na adolescência, ocorre uma maior dependência com relação ao social, uma vez que os adolescentes buscam formas de se representarem junto aos outros pares, dedicando mais tempo a essas pessoas e expandindo relações além do núcleo familiar (GOMES e CANIATO, 2016; SPRINTHAL e COLLINS, 1999). Com a ascensão da tecnologia e com as facilidades que ela possibilita para as pessoas, os adolescentes têm cada vez mais engajando-se em interações no mundo virtual, como evidencia a pesquisa de Silva et al. (2017), que mostrou que 88,7% dos adolescentes utilizam internet diariamente. O estudo desenvolvido por Soares e

Câmara (2016) vai ao encontro dessa perspectiva, salientando que adolescentes estão conectados à internet grande parte do dia e o celular ocupa um lugar de destaque na sua vida, chegando em determinados casos a uma dependência. O celular é utilizado para diversas funções, mas, principalmente como um canal de comunicação virtual, conseqüentemente, houve redução nas relações presenciais. Os resultados também indicaram a influência desses dispositivos atrelados a internet, nas transformações nos modos de agir, pensar, se comportar e relacionar dos adolescentes, fomentando novos modos de subjetividade. As formas de interação dos adolescentes passaram por intensas modificações a partir do avanço dos meios de comunicação (BESERRA et al., 2016).

A adolescência exige que o jovem assuma suas responsabilidades enquanto cidadão ao que se refere à participação na construção da sociedade no futuro (FARIAS, 2011). Apesar das mudanças corporais, nas relações de amizade e com os pais, instabilidades de humor, indecisões, esse período, não é igualmente vivenciado por todos os adolescentes (BARBOSA e VAGNER, 2015). Ou seja, a forma como a adolescência é vivenciada e percebida vai depender da cultura, da época e do contexto o qual o(a) adolescente está inserido (SCHOEN-FERREIRA, AZNAR-FARIAS e SILVARES, 2010).

Conforme Almeida (2014), é esperada do(a) adolescente uma nova postura social que, já não é mais criança, porém, ainda não é adulto, é solicitada uma ressignificação psíquica desse processo a partir da organização de suas vivências. Nesse sentido, a família tem um papel crucial, de amparar e acolher esse(a) adolescente. Souza e Batista (2008) salientam que, quando a família é capaz de proporcionar aos seus membros, afeto, cuidado, atenção empática, autonomia e diálogo, ela tende a ser fonte de apoio fundamental para o desenvolvimento dos seus integrantes. Destaca-se que o espaço familiar tem grande potencial para o fornecimento de conteúdo referente a sexualidade (CARDOSO, FALCKE e MOSMANN, 2019). Ratificando essa ideia, o estudo realizado por Ruiz-Canela et al. (2012) demonstrou que os adolescentes recorrem principalmente aos pais (37%), seguido dos amigos (33%) para tratar de questões relacionadas ao amor e sexualidade.

2.2 RELAÇÕES AFETIVO-SEXUAIS NA ADOLESCÊNCIA

Na adolescência, também a sexualidade está no seu ápice e os papéis sexuais vão se definindo. A vida amorosa e sexual está voltada para a busca de identidade e de autonomia. A escolha dos parceiros amorosos é uma maneira de compreender que a sexualidade não se restringe à genitalidade (RIBEIRO et al., 2011). A construção dos relacionamentos afetivo-

sexuais aparece como parte do desenvolvimento da adolescência (VAN de BONRGARDT et al., 2015).

A sociedade passou por transformações ao longo do tempo, dentre elas, está a forma de se relacionar amorosamente (NOGUEIRA, ZOCCA, MUZZETI e RIBEIRO, 2014). A história retrata, mais especificamente no século XIX e início do século XX, em que a escolha pelo par não implicava necessariamente a existência de amor entre o casal, pois eram considerados outros aspectos como cultura, social, política e economia (SILVA, 2002). As uniões eram feitas a partir de acordos familiares dos jovens, os períodos de namoro e noivado eram curtos, o casal praticamente não tinha contato físico. O casamento era algo vitalício, independia de felicidade e satisfação. Por muitos anos, essa era a configuração das famílias até que o amor romântico aparece dando outra conotação para o relacionamento. As relações passam a ter consentimento individual e a escolha de parceiro começa a ser baseada na atração física, carisma, correspondência afetiva, valorizando mais os seus desejos (SILVA, 2002).

A concepção sobre o amor está relacionada com a época e cultura, aspectos que são compreendidos de diferentes maneiras. O amor é vivido em consonância com o momento atual da vida de cada um, é mutável. A concepção sobre o amor, sua definição e as fantasias que dele se originam se modificam a partir das experiências, práticas e expectativas de cada pessoa e o espaço que ele circula (família, amigos) (CHAVES, 2010).

A representação do amor, na concepção dos adolescentes, está associada primeiramente ao companheirismo, respeito, amizade e confiança, seguido de carinho, sentimento, afeto, abraço e beijo. Com relação ao relacionamento, o amor é representado através das palavras namoro, noivado e casamento. Adolescentes citam o amor, carinho, companheirismo, amizade e compromisso como elementos centrais do namoro. Tanto meninas quanto meninos continuam a acreditar na ideia do amor mais romantizado que envolve se relacionar por amor se for correspondido, embora possa ocasionar muito sofrimento quando não correspondido (BERTOLDO e BARBARÁ, 2006; COSTA e FERNANDES, 2012; MINAYO, ASSIS e NJAINE, 2011).

O adolescente também começa a conhecer e a experimentar os seus “poderes de sedução”, dando início à outra etapa da sua sexualidade, ou seja, ele se entrega na busca das suas vivências amorosas. Essa entrega está relacionada à reciprocidade e simultaneidade em relação ao par escolhido. O encontro com o(a) parceiro(a) possibilita o desejo de que o ato sexual se realize e, para isso, é necessário que o adolescente se identifique com a outra pessoa. O interesse advém da atração, paixão, curiosidade e é justamente nesse período que as vivências antecedentes se manifestam na medida em que promovem ou inibem a experimentação atual. A concretização

da relação sexual pode originar a expansão da sexualidade. Ressalta-se que a sexualidade também é efeito dos padrões culturais de um determinado período e contexto, não se caracterizando por uma homogeneidade (COSTA et al., 2001; BRÊTAS et al., 2011).

Uma pesquisa publicada em 2012 com 499 adolescentes constatou que 67,1% das meninas acreditavam que para ocorrer a relação sexual é necessário amar o(a) parceiro(a) e apenas 12,7% responderam que gostar do parceiro(a) já é o suficiente. Para os meninos, 45,3% disseram que sentir atração é fundamental para que aconteça a relação sexual e, 25,8% consideraram amar a(o) parceira(o). Percebe-se que, para as meninas, há uma ligação entre o sexo e sentimento, já os meninos levam em conta mais o desejo (físico) e a disponibilidade da outra pessoa, ficando os sentimentos em segundo plano (COSTA, FERNANDES, 2012; MARTINS et al., 2012).

As relações afetivo-sexuais acompanham as transformações sociais da contemporaneidade e são experienciadas pelos adolescentes. As redes sociais é um dispositivo que contribui para a aproximação de pessoas, possibilitando inclusive encontros amorosos (CANEZIN e ALMEIDA, 2015). Conforme Hintz et al. (2014), as redes sociais vêm ampliando a forma de comunicação entre as pessoas, reverberando na natureza dos relacionamentos interpessoais. O espaço virtual tornou-se um ponto de interação social infinita, sendo um lugar de importância tanto para a atração como para a constituição do sujeito, transpondo os relacionamentos afetivos.

Novas modalidades de relacionamento foram surgindo ao longo do tempo. Dentre elas, destaca-se o “ficar” que tem por particularidade o distanciamento afetivo e a possibilidade de se envolver com diversas pessoas em pouco tempo (NOGUEIRA, ZOCCA, MUZZETI e RIBEIRO, 2014). No estudo de Oliveira et al. (2007) sobre as representações das diferentes formas de relacionamentos afetivos, os adolescentes sinalizaram o “pegar” como outra possibilidade de se relacionar. Ele se caracteriza como um ato espontâneo, sem compromisso, mais voltado para o interesse físico seja pela beleza ou sensualidade. Na atualidade, a literatura tem sinalizado que as relações amorosas têm se mostrado mais temporárias e ocasionais, mas também ratificam a manifestação dos padrões afetivos- sexuais tradicionais (MINAYO, ASSIS e NJAINE, 2011).

O namoro pode ser entendido como uma forma de socialização na adolescência, auxiliando o adolescente a se relacionar com os outros e contribui para o desenvolvimento e entendimento de comportamentos sociáveis. Com relação ao namorar, os adolescentes dizem ser um ato contínuo e repetitivo do ficar, ganha um caráter de maior compromisso e oficialidade frente ao grupo social (família, amigos). Possibilita ao adolescente explorar quem ele é,

compreender papéis de adulto, experimentação sexual e resolução de conflitos. Entretanto, alguns falam da perda da liberdade que têm quando estão namorando por não poderem fazer tudo o que desejam sem que haja uma negociação prévia (FÉLIX, 2012; OLIVEIRA et al., 2007; SANTROCK, 2014).

Os jovens citam o “ficar” e o “pegar” como prática frequente principalmente em festas, boates e “micaretas”, onde as pessoas podem já se conhecerem ou não e, a atração física é a condição mais comum para que ocorra o contato, uma vez que não há um envolvimento afetivo. Entretanto, “ficar” pode ser percebido tanto como uma maneira positiva quanto negativa pelos adolescentes e isso está relacionado com as experiências, expectativas e o momento de vida atual deles. Pode ser uma escolha entre eles, podendo até representar a espera de um namoro como também trazer frustrações, sentimento de estranhamento até mesmo o desprazer. Essas percepções oscilam bastante durante a adolescência, caracterizando a fase de descobertas em relação ao contexto social (RIBEIRO et al, 2011; STENGEL e TOZO, 2010).

Nessa etapa do ciclo vital, é possível constatar que as vinculações afetivo-sexuais são dinâmicas e complexas, além de não serem universais. Os adolescentes consideram o “ficar” somente para um momento da vida, geralmente quando são mais jovens, não sendo uma relação ideal. Com o aumento da idade, já aparece mais visivelmente a necessidade de os adolescentes estabelecerem outros vínculos como o namoro. O namoro por sua vez pressupõe uma relação de compromisso e responsabilidade entre os parceiros, a presença de sentimento recíproco, vínculo estável, fidelidade e monogamia. Para alguns jovens, o namoro é muito sério e deveria ser experimentado apenas quando há intenção de casar (CHAVES, 2004; RIBEIRO et al., 2011; STENGEL e TOZO, 2010). Além disso, no namoro, podem aparecer sentimentos mais ligados à raiva, saudades e ciúmes (SOUZA e RAMIRES, 2006). Este último, aparece em muitos estudos como um disparador para a ocorrência de violência no namoro (CARIDADE e MACHADO, 2006, 2013).

2.3 VIOLÊNCIA NO NAMORO NA ADOLESCÊNCIA

A Organização Mundial da Saúde (2012) define a violência cometida por parceiro íntimo como “comportamento dentro de uma relação íntima que causa dano físico, sexual ou psicológico, incluindo atos de agressão física, coerção sexual, abuso psicológico e comportamentos controladores” (p. 11). Esses comportamentos podem, também, causar prejuízo no desenvolvimento do adolescente, além de comprometer sua saúde (NJAINÉ, 2015).

O estudo pioneiro realizado no Brasil sobre violência no namoro, com 455 estudantes universitários do estado de São Paulo entrevistados, foi realizado por Aldrighi (2004). O estudo evidenciou a prevalência de 21,1% de agressão, sendo as violências mais frequentes, a psicológica e coerção sexual. Revelou também que 72,4% das agressões eram cometidas entre os parceiros de ambos os sexos.

Outra grande investigação com esse tema, porém, agora com o público adolescente foi realizada no Brasil, sob a coordenação de Minayo et al. (2011). Durante os anos de 2007 a 2010, foram investigados 3205 estudantes, com idades entre 15 e 19 anos de dez capitais brasileiras. O estudo relatou a prevalência de 86,9% de vitimização e 86,8% de perpetração de algum tipo de violência no relacionamento e os papéis de vítimas e perpetradores se fizeram presente em 76,6% dos adolescentes de ambos os sexos.

Estudos sinalizam um maior índice de violência emocional e verbal entre os relacionamentos afetivos na adolescência (FERNÁNDEZ-FUERTE e FUERTES, 2010; SILVA, 2017). Corroborando esses achados, o estudo de Barreira, Lima e Avanci (2013), sobre a prevalência das violências que ocorrem entre namorados adolescentes de Recife, mostrou que 19,9% dos adolescentes perpetraram violência física contra seus parceiros. Em relação à violência psicológica, 82,8% disseram já terem praticado no namoro. Sobre a ocorrência de ambas as violências no namoro, 18,9% afirmaram já ter perpetrado. O estudo de Oliveira et al. (2014) que investigou a perpetração de violência psicológica no relacionamento afetivo-sexual atual de adolescentes, apontou que 29,8% dos adolescentes mencionaram já ter vivido violência psicológica em relacionamentos anteriores. Um estudo com 1141 adolescentes demonstrou que as meninas perpetram mais violência psicológica e física enquanto os meninos, violência sexual (REIDY et al., 2016). É recorrente a presença de violências nos relacionamentos afetivo-sexuais na adolescência. Esse fenômeno faz parte da realidade de adolescentes de ambos os sexos e distintos contextos sociais (BRANCAGLIONI e FONSECA, 2016).

A violência física, definida pelos participantes do estudo de Guerrero (2016) como tapas, chutes, puxões de cabelos e a violência psicológica, é entendida como agressões verbais as quais culminam xingamentos e ofensas. O expressivo índice de violência psicológica perpetradas por adolescentes nas suas relações amorosas está também relacionado à agressão verbal da mãe e do pai; à vivência de violência psicológica entre pais, irmãos, amigos e relacionamentos anteriores. Esse dado salienta a circularidade da violência psicológica e seu impacto em diferentes contextos sociais do adolescente (OLIVEIRA et al., 2014).

O estudo realizado por Gómez (2011) evidenciou que vivenciar violência no namoro na adolescência foi um fator significativo para a perpetração de violência conjugal. As violências

perpetradas nos relacionamentos afetivo-sexuais de jovens se mostram um fator que causa preocupação principalmente porque pode se intensificar e repercutir para as relações conjugais (EXNER-CORTENS, ECKENRODE, BUNGE e ROTHMAN, 2017; SOUZA, PASCOALETO e MENDONÇA, 2018), ratificando a relevância da prevenção em fases mais precoces de relacionamento amorosos.

Ressalta-se que a violência nas relações de intimidade advém a partir da adolescência e segue a vida adulta, mais notada através no casamento ou da coabitação, começando pelo namoro. Esse tipo de violência é considerado uma pandemia que toca principalmente as mulheres transcorrendo a todas as culturas, alcançando todos os níveis socioeconômicos ou educativos, tendo suas origens sócio históricas. A violência iniciada no namoro, comumente tende a continuar nas futuras relações conjugais (LEITÃO, 2013; PAIVA e FIGUEIREDO, 2004). Contribuindo com essa perspectiva, a pesquisa de Colossi et al. (2015), que contou com a participação de 186 casais, evidenciou altos índices de agressão psicológica conjugal e a quão naturalizada ela se apresentou, sendo que muitas vezes nem foi reconhecida como violência e sim percebida como uma estratégia de resolução de conflitos.

A violência no namoro é consequência de diversos fatores tais como: individuais, familiares, comunitários e sociais. Esses fatores podem envolver comportamentos agressivos ou delinquentes, consumo de substâncias psicoativas, ter presenciado violência interparental, conflitos conjugais, desemprego, o domínio e perda de controle no relacionamento (MINAYO, 2011; MOURA, 2012; DARDIS, DIXON, EDWARDS e TURCHIK, 2015). Comportamentos antissociais, baixa autoestima e depressão também são características que podem influenciar na ocorrência de violência no namoro (DARDIS, DIXON, EDWARDS e TURCHIK, 2015). Além disso, há evidências de que o tempo de namoro contribui para o surgimento da violência de acordo com o sexo, ou seja, com o aumento do tempo da relação, aumenta a perpetração e vitimização feminina, já para o sexo masculino, aumenta somente a condição de perpetrador (BESERRA et al., 2016; NJAINE, 2015).

O estudo conduzido por Santos e Caridade (2017) demonstrou que os comportamentos abusivos perpetrados nas relações afetivo-sexuais dos adolescentes são decorrência do ciúme de ambos os parceiros. Confirmam com esses resultados o estudo de Fernández-Fuertes e Fuertes (2010), o qual encontrou uma relação entre o ciúme e as manifestações de atos abusivos nos relacionamentos de adolescentes espanhóis. Acrescenta-se também insegurança e uso de substâncias psicoativas como aspectos que justificam a violência no namoro (GUERRERO, 2016).

O ciúme e a infidelidade também foram encontrados no estudo de Oliveira et al. (2016) como preditor da violência no namoro. O ciúme, muitas vezes, surge automaticamente associado ao amor, fazendo com que as pessoas não concebam amor sem ciúme. Ele faz parte da maioria das relações afetivas e se caracteriza por um conjunto de emoções suscitadas por alguma ameaça no relacionamento (CENTEVILLE e ALMEIDA, 2007).

Miller, Jones e McCauley (2018) reforçam a importância de ficar atento aos comportamentos abusivos que também ocorrem no ambiente virtual. O *cyberabuso* é vivenciado de diferentes formas, dentre elas, encontra-se a *sextortion*, que envolve fazer ameaças de expor imagens sexuais a fim de coagir a pessoa a enviar fotos, fazer sexo, entre outros, podendo estar presente nas relações na adolescência. Essa prática tem forte relação com a ocorrência de violência no namoro (WOLAK, FINKELHOR, WALSH e TREITMAN, 2017).

As redes sociais afetam as relações interpessoais, de maneira a ampliar a diversidade de formas de ser e existir. Ao mesmo tempo, perpetuam alguns discursos que ratificam relações não-saudáveis, a exemplo do ciúme, entendido como uma peculiaridade dos relacionamentos afetivos-sexuais e, podem legitimar comportamentos abusivos (UNDER e SANTOS, 2017). O ciúme é manifestado quando o(a) parceiro(a) adiciona um amigo novo na rede social ou quando apaga a conversa com um (a) ex-namorado(a). Nesse aspecto, entende-se que as redes sociais podem se constituir como palco para influenciarem negativamente os relacionamentos (CANEZIN e ALMEIDA, 2015).

Um estudo sobre a prevalência de violência no namoro entre adolescentes, verificou que entre os adolescentes que haviam sido agredidos(as) pelos(as) namorados(as), 26,7% relataram não ter tido nenhum sentimento referente à agressão, 18,7% consideraram normal e os sentimentos de revolta, vingança e decepção variaram de 16,0% a 18,7% (BESERRA et al., 2015). O estudo de Guerrero (2016) evidenciou que os jovens têm entendimento sobre violências físicas e psicológicas. Entretanto, algumas situações de violência não são reconhecidas como tal. A falta de experiência em relações amorosas, juntamente com desejo de liberdade dos adolescentes podem dificultar o reconhecimento de uma condição de violência, impedindo uma solução para esses atos (MATOS et al., 2006). Um aspecto de tais relacionamentos que confunde é a falsa percepção de que são atos legítimos, que ocorrem para a proteção e representam que o indivíduo perpetrador quer o bem do outro (Ayala et al., 2014). Eles percebem que a violência ultrapassa as agressões físicas. No entanto, não as reconhecem quando manifestadas em forma de proibições, controle, e restrição da liberdade do (a) outro (a) parceiro (a), podendo serem interpretadas como brincadeiras (ALMEIDA e LOURENÇO, 2011; CARIDADE e MACHADO, 2006; NASCIMENTO e CORDEIRO, 2011; OLIVEIRA

et al., 2016). Os resultados da pesquisa de Ayala et al. (2014) evidenciou que a maioria dos participantes tinham sido vítimas de algum abuso, mas não perceberam.

Quando situações desagradáveis acontecem ou episódios de violência, os adolescentes geralmente recorrem aos amigos, pais, religiosos e raramente procuram profissionais da saúde (MINAYO, ASSIS e NJAINE, 2011). Os efeitos da violência no namoro são amplos e podem ser percebidos a longo prazo (CDC, 2017). Uma investigação realizada por Taquette e Monteiro (2019) identificou que as consequências da violência no namoro permeiam sintomas de depressão, ansiedade, baixa autoestima chegando em fins mais trágicos como o feminicídio.

A partir da constatação da alta prevalência de violência nos relacionamentos afetivo-sexuais, vêm sendo desenvolvidos programas de intervenção para a diminuição da legitimação da violência no namoro principalmente no ambiente escolar (AFONSO e TEIXEIRA, 2015; MURTA et al., 2015, 2016; MURTA, SANTOS, MARTINS e OLIVEIRA, 2013). Tanto estudiosos quanto os adolescentes acreditam que a escola poderia ser um espaço potente para à discussão da violência nos relacionamentos afetivo-sexuais e questões referente a sexualidade (NJAINÉ, OLIVEIRA, RIBEIRO, MINAYO e BODSTEIN, 2011). Assim, estudos que possam amparar cientificamente políticas públicas de prevenção à violência são necessários tanto pelo seu valor clínico quanto científico.

3 MÉTODO

3.1 DELINEAMENTO

O presente estudo é uma pesquisa qualitativa de cunho descritivo-exploratório (MINAYO, 2008). Esse método se faz pertinente pois, ressalta os significados dos atores sociais, e a dinâmica das relações que estabelecem a construção do conhecimento exterior ao sujeito. (MINAYO, 2008). O caráter descritivo-exploratório permite uma nova perspectiva acerca do problema através do aprimoramento de ideias e descrição de características de um determinado fenômeno ou população (GIL, 2008).

3.2 PARTICIPANTES

Os participantes do estudo foram 29 adolescentes do 9º ano do Ensino Fundamental e do Ensino de Jovens Adultos (EJA), de três escolas públicas do interior do Rio Grande do Sul. O critério de inclusão adotado foi estar matriculado em uma escola pública e ter assiduidade, e o critério de exclusão, coabitar com parceiro(a). Os adolescentes tinham idade média de 14,5 anos (DP=1,088) sendo a idade mínima 13 anos e máxima 17 anos, eram majoritariamente

(73,3%) do sexo feminino. A maioria dos adolescentes (68,96%) já tinham namorado sendo 13 anos a média de idade do primeiro relacionamento. Atualmente, apenas 20,69% estavam namorando e 65,52% estavam sem se relacionar.

A configuração familiar dos adolescentes se concentrou em família nuclear (31,03%) e monoparental materna (31,03%). A escolaridade dos pais era heterogênea, com predominância do ensino médio completo para ambos os pais (31,03%). Quanto à cor da pele, a maioria dos adolescentes intitulou-se branco. Os participantes foram identificados através de siglas para garantir a privacidade dos mesmos e optou-se por não fazer correção ortográfica das falas.

3.3 PROCEDIMENTOS DE COLETA DE DADOS E ÉTICOS

As escolas foram selecionadas por conveniência e estavam localizadas em bairros afastados do centro da cidade. O projeto de pesquisa foi apresentado aos diretores das escolas, que foram solícitos e demonstraram interesse no estudo, aprovaram a realização do mesmo assinando o Termo de Autorização Institucional (Anexo A). A pesquisa foi aprovada pelo Comitê de Ética, CAEE 09210918.5.0000.5346 e as diretrizes de pesquisas com seres humanos foram respeitadas (CONSELHO NACIONAL DE SAÚDE, 2012, 2016).

A pesquisadora, fez o convite pessoalmente nas escolas. Cada escola tinha apenas uma turma de 9º ano e uma turma do EJA que corresponde às etapas 3 e 4, as turmas continham aproximadamente 28 alunos, exceto a escola A que tinha cerca de 20 alunos. Participaram na escola A três adolescentes, na escola B, 15 e na escola C, 11 adolescentes. A coleta dos dados ocorreu nos meses de abril e maio de 2019. Os adolescentes que não aceitaram participar da pesquisa e que não cumpriram os critérios de inclusão realizavam atividades escolares. Os participantes não tiveram prejuízo no conteúdo escolar que foi recuperado posteriormente.

Os responsáveis assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (Anexo B) e os estudantes, após elucidações acerca dos objetivos do estudo e procedimentos de pesquisa, assinaram o Termo de Assentimento (Anexo C).

O procedimento de coleta de dados utilizado foi o grupo focal (GF). Por meio do GF é possível, investigar com detalhes, experiências em certas condições. Para isso, é importante que os participantes possuem, ao menos, uma característica em comum, que garanta a homogeneidade do grupo. Por meio da interação entre os participantes, torna-se possível conhecer a opinião das pessoas, sobre um determinado assunto o qual é proposto pelo moderador. Oportuniza a criação de questões mais precisas, acrescenta informações referente a conhecimentos específicos de um grupo em relação a atitudes e percepções. Proporciona também a elaboração de hipóteses de pesquisa para estudos complementares. A vantagem de

se trabalhar com essa técnica é suscitar diversas ideias ou averiguá-la em maior profundidade. Além do moderador, que conduz a discussão do GF, pode haver a presença de um observador, que não se manifesta, porém fica atento, registrando o máximo de informações possíveis (GIL, 2008; MINAYO, 2008). A observadora participou de todos os encontros e suas anotações foram utilizadas para análise dos dados juntamente com as transcrições dos grupos que foram audiogravados. Os grupos aconteceram durante o período de aula que foi previamente cedido pelas escolas (B e C), com exceção da escola A que foi realizado no turno inverso.

Realizou-se um grupo focal composto por três encontros em cada escola, totalizando nove encontros. O tópico-guia (Apêndice A) abrangeu as seguintes temáticas: relacionamentos amorosos na adolescência, espaços onde encontram seus/suas parceiros(as), conhecimento sobre violência no namoro e, para quem recorrer nas circunstâncias de violência.

No primeiro encontro, os estudantes assinaram o Termo de Assentimento e responderam um questionário que continha dados biosócioemográficos (Apêndice B). Posteriormente, deu-se início a discussão sobre a maneira que os adolescentes estão se relacionando amorosamente atualmente bem como o(s) local(is) onde encontram seus/suas parceiros(as) e teve duração de aproximadamente 40 minutos em todas as escolas.

No segundo encontro, foi exibida uma animação disponível numa plataforma digital, sobre um casal heteroafetivo que estavam se relacionando amorosamente e, no transcorrer da animação, apareceram algumas situações de controle por parte do menino, deixando a parceira triste. O vídeo é finalizado com a seguinte mensagem: “NÃO CONFUNDA AMOR COM ABUSO”. A discussão começou com os adolescentes relatando as formas que isso se faz presente nas relações amorosas e os tipos de violência existentes e teve duração de aproximadamente 45 minutos.

No terceiro encontro, uma história em quadrinhos denominada, história do Léo e da Bia, retirada do livro “Diferenciando baladas de ciladas: Um guia para o empoderamento de adolescentes em relacionamentos íntimos” (MURTA et al., 2011) foi entregue a cada participante. A finalidade era elaborar um desfecho individual para a história após a leitura. Os assuntos abordados nesse encontro tangenciaram os seguintes eixos: como e para quem solicitar ajuda quando está vivendo uma situação de abuso, o que fazer em situações de violência e como preveni-las. Posteriormente foi solicitado que os alunos criassem um cartaz informativo, para fixar na escola que ilustrasse as reflexões oriundas dos grupos, que foram mais importantes para eles, caracterizando um *feedback* dos encontros.

3.4 ANÁLISE DOS DADOS

Os dados foram analisados após a transcrição na íntegra dos grupos focais e a leitura dos relatos feitos pela observadora e optou-se pela Teoria Fundamentada nos Dados. Essa teoria sugere a elaboração de uma teoria baseada nos dados que foram coletados, em uma realidade, propiciando o esclarecimento do fenômeno pesquisado (CHARMAZ, 2009; STRAUSS e CORBIN, 2008). Primeiramente, foi realizada uma leitura minuciosa das transcrições dos grupos focais e juntamente com as anotações da observadora foi feita uma codificação. Assim, obteve-se a codificação axial, com a intenção de organizar e sintetizar os dados, a partir da identificação dos códigos mais expressivos. Por fim, realizou-se síntese, a qual contempla os principais sentidos oriundos dos dados, possibilitando a associação dos códigos em categorias conceituais. A partir da definição das categorias conceituais, de onde parte a construção da teoria, os códigos com força temática alteram-se em eixos com força conceitual em si. O procedimento de análise foi realizado por duas pesquisadoras psicólogas de forma independente, que ao final, discutiram sobre as categorias conceituais centrais e os seus eixos. As divergências foram debatidas e solucionadas por concordância priorizando o objetivo central da pesquisa e a temática investigada.

4 ARTIGO 1

A pluralidade dos relacionamentos afetivo-sexuais na adolescência **Plurality of affective-sexual relationships in adolescence¹**

Resumo

O fenômeno da adolescência é amplo e possibilita diversos olhares com diferentes enfoques. Uma vez que, na adolescência, ocorre a vivência de vinculações amorosas e as versatilidades das mesmas principalmente com o advento da tecnologia, este estudo objetivou conhecer as formas de relacionamentos afetivo-sexuais na adolescência bem como, o lugar que as redes sociais ocupam nas relações amorosas. Trata-se de um estudo qualitativo, descritivo e exploratório no qual participaram 29 adolescentes, estudantes do 9º do ensino fundamental de três escolas públicas do interior do Rio Grande do Sul. Foi utilizado como procedimentos de coleta de dados o grupo focal. Os adolescentes também responderam um questionário biosociodemográfico. Os dados foram analisados por meio da Teoria Fundamentada nos Dados, que originou duas categorias conceituais centrais. Entre os principais resultados, destaca-se que os adolescentes constroem laços em diferentes situações e espaços, tanto em círculo de amigos quanto redes sociais, tendo os ambientes virtuais e reais o mesmo peso. Nessas experiências, tem-se uma variabilidade de configurações de relacionamentos, sendo o "ficar" a forma mais popular. Os adolescentes retrataram que os laços formados eram instáveis, pouco confiáveis e permeados por emoções negativas, evidenciando um panorama negativo para seus desenvolvimentos. Conclui-se que a dinâmica e a complexidade da adolescência se manifestam também no momento de formação de laços afetivo-sexuais, e que o ambiente virtual das redes sociais desempenha um importante papel na vida dos adolescentes no que tange a esses relacionamentos.

Palavras-chave: Adolescência; Relações afetivo-sexuais; Redes sociais.

Abstract

The phenomenon of adolescence is comprehensive and allows several perspectives with different approaches. Considering the experience with loving bonds and their versatility, mainly with the advent of technology, in adolescence, this study aimed to address the forms of affective-sexual relationships in adolescence as well as the place of social networks in love relationships. This is a qualitative, descriptive and exploratory study with 29 adolescents who study in the 9th grade of three public schools in the countryside of Rio Grande do Sul. For data collection, a focus group was conducted. The adolescents also answered a biosociodemographic questionnaire. Data were analyzed based on the Grounded Theory, which originated two main conceptual categories. Among the main results, it is highlighted that adolescents build bonds in different situations and spaces, both in circles of friends and on social network, with the same relevance identified for both virtual and physical environments. In the experiences, several relationship configurations were observed, and "hanging out with someone" was the most popular option. The adolescents claimed that the bonds formed were unstable, not really

¹Artigo submetido para a Revista International Journal of Developmental and Educational Psychology.

trustworthy and crossed by negative emotions, which shows a negative scenery for their development. It is concluded that the dynamics and complexity of adolescence also manifest themselves at the moment of affective-sexual bonds formation and that social networks' virtual environment plays an important role in adolescents' lives regarding these relationships.

Keywords: Adolescence, Affective-sexual relationships, Social networks.

Introdução

O fenômeno da adolescência pode ser olhado de diferentes perspectivas, considerando tanto os aspectos socioculturais, os ambientes que o adolescente está inserido, quanto suas relações com a família e pares (Moreira, Rosário & Santos, 2011; Rossi & Cid, 2019). A família tem importante função no desenvolvimento de seus membros, principalmente durante a adolescência (Pratta & Santos, 2007), proporcionando afeto, cooperação e incentivo a autonomia (Furlanetto et al., 2019).

A adolescência é caracterizada por uma etapa de transformações emocionais, cognitivas e sociais, sendo que um dos seus desafios repousa na construção de laços afetivo-sexuais com pares (Borges & Dell'Aglío, 2019). A maneira que esses relacionamentos são construídos e vivenciados auxilia no desenvolvimento de relações mutáveis e complexas (Chaves, 2016).

Os estudos atuais sobre as relações afetivas-sexuais dos adolescentes versam sobre os impasses vividos nesse campo. Essas investigações, vão desde estudos sobre a ocorrência de "*stalking*" após rompimento (Borges & Dell'Aglío, 2019), a estudos sobre a vivência de relações abusivas (Minayo, 2011). Ribeiro, Avanci, Carvalho, Gomes e Pires (2011) argumentam que, nas relações humanas, é observada uma lógica da "relação-consumo", estabelecida em decorrência da ilusão da paixão eterna, do amor idealizado, quando se deixa de investir afetivamente no amor romântico, ele é descartado e tão logo substituído. Essa perspectiva é mais forte na adolescência, momento em que há a inserção no campo da experimentação amorosa. Nesse período, o adolescente passa a se relacionar em grupos, experienciando possibilidades de relacionamentos com os outros. Essas novas vivências, assim como outras que ele vivencia durante esse período, podem despertar medo e angústia concomitantes com o interesse em buscar e desbravar o novo (Brêtas, Ohara, Jardim, Junior & Oliveira, 2011).

Liberdade e responsabilidade são temáticas associadas a adolescência. A liberdade é relacionada a questões geracionais, ou seja, uma comparação entre a adolescência atual e de gerações anteriores como a dos seus pais, sobre aquilo que era permitido fazer, os espaços ocupados pelos adolescentes. Atualmente, os adolescentes têm frequentado lugares como shopping ou casa, geralmente lugares fechados, devido a segurança. A responsabilidade, por sua vez, alude encontrar um equilíbrio entre os estudos e a diversão. O divertimento nessa fase, não é mais no brincar e sim, nas descobertas das relações afetivo-sexuais (Fontenele & Miranda, 2017).

Com a versatilidade das relações afetivo-sexuais na adolescência e com as múltiplas vivências, tem-se uma variabilidade nas formas de se relacionar que não estão mais restritas apenas ao namoro. A partir da década de 1980, a expressão "ficar" vem ganhando popularidade entre os jovens. Ela se caracteriza por ser uma fase de atração na qual não há maiores compromissos, mesmo envolvendo beijos e/ou relações sexuais. O principal objetivo é a busca por prazer e por experiências, não implicando a existência do amor, pois, outros fatores são levados em consideração, como social, cultural, político e econômico (Chaves, 2004; Ribeiro et al., 2011).

Arelado a isso, o advento das tecnologias está causando impacto na vida das pessoas, possibilitando espaços de pertencimento, reconhecimento e interações sociais (Lima, Moreira, Stengel & Maria, 2016). Os meios de comunicação influenciam a maneira de pensar dos adolescentes e tendem a dar grande importância ao que acontece nas redes sociais, como por

exemplo, atualização da foto do perfil e as curtidas recebidas (Jambrina & Pedro, 2018). Silva e Silva (2017) acrescentam ainda que as tecnologias digitais estão provocando mudanças nos comportamentos e hábitos sociais na maioria dos adolescentes, já que eles estão cada vez mais conectados. Dentre as inúmeras vantagens das redes sociais, destaca-se a facilidade em conhecer pessoas para se relacionar e até mesmo estabelecer um tipo de relacionamento (Bordignon & Bonamigo, 2017). Ainda que a literatura científica tenha produzido conhecimento sobre a adolescência e sua dinamicidade, estudos que versem sobre as características das relações afetivo-sexuais atuais vividas na adolescência, que tenham um delineamento qualitativo em especial, são escassos. Considerando o exposto, o presente estudo teve por objetivo conhecer as formas de relacionamentos amorosos e/ou afetivo-sexuais na adolescência bem como, o papel que as redes sociais ocupam no campo amoroso.

Método

Delineamento e participantes

Trata-se de uma pesquisa qualitativa de cunho descritivo-exploratório (Minayo, 2008; Triviños, 2009). Participaram da pesquisa 29 adolescentes do 9º ano do Ensino Fundamental e do Ensino de Jovens Adultos (EJA), de três escolas públicas do interior do Rio Grande do Sul. O critério de inclusão adotado foi estar matriculado em uma escola pública e ser assíduo nas aulas, e o critério de exclusão, coabitar com parceiro(a). Os adolescentes tinham idade média de 14,5 anos (DP=1,088) e a maioria era do sexo feminino (70,4%). 31,03% da amostra afirmaram que suas famílias eram de configuração nuclear e 31,03%, monoparental materna. Quanto à escolaridade de ambos os pais, 31,03% relataram ensino médio completo e 34,48% não sabiam responder. Com relação a cor da pele, a maioria dos adolescentes intitularam-se ser da cor branca (65,52%). Para preservar a identidade dos participantes, eles foram identificados por meio de siglas.

Procedimentos éticos e de coleta de dados

O projeto de pesquisa foi apresentado às direções das escolas. As mesmas foram escolhidas por conveniência e estavam localizadas em bairros periféricos da cidade. Após apreciação e aprovação institucional, foi assinado o Termo de Autorização. A pesquisa foi aprovada pelo Comitê de Ética (CAEE 09210918.5.0000.5346) e as diretrizes de pesquisas com seres humanos foram respeitadas (Conselho Nacional de Saúde, 2012, 2016). O Termo de Consentimento Livre e Esclarecido foi assinado pelos responsáveis. Posteriormente terem sido feitos os esclarecimentos acerca dos objetivos do estudo e procedimentos de pesquisa, os adolescentes assinaram o Termo de Assentimento. A coleta aconteceu entre abril a maio de 2019.

Cada escola tinha apenas uma turma de 9º ano e uma turma do EJA. Os encontros ocorreram durante o período de aula, que foi previamente cedido pela escola, com exceção de um encontro que foi realizado no turno inverso a aula. Os adolescentes que cumpriram os critérios de inclusão foram convidados para integrar a pesquisa. Os alunos que não aceitaram participar dos grupos, realizaram atividades escolares. Os participantes não tiveram prejuízo no conteúdo escolar que foi recuperado posteriormente.

O procedimento de coleta de dados adotado foi o grupo focal (GF), que tem como propósito, explorar alguma experiência vivida em determinadas condições. É necessário que os participantes compartilhem de, pelo menos, uma característica em comum, para garantir a homogeneidade do grupo. Possibilita, por meio da interação entre os participantes, conhecer a percepção das pessoas acerca de um determinado assunto proposto pelo moderador. O GF oportuniza a formulação de questões mais precisas, agrega informações referente a

conhecimentos específicos de um grupo em relação a atitudes e percepções. Ademais, proporciona a criação de hipóteses de pesquisa para estudos complementares. A vantagem de se trabalhar com essa técnica é suscitar diversas ideias ou averiguá-la em maior profundidade. Além do moderador, que conduz a discussão do GF, pode haver a presença de um observador, que não se manifesta, porém fica atento, registrando o máximo de informações possíveis (Gil, 2008; Minayo, 2008). Os adolescentes também responderam um questionário sociodemográfico.

Os grupos foram audiogravados e contaram com a participação de uma observadora, que, participou de todos encontros com os adolescentes e anotava aspectos não verbais e impressões sobre os debates. Foram realizados três encontros de grupos focais com cada escola. O tópico-guia adotado incluiu os seguintes temas: os relacionamentos amorosos/afetivo-sexuais na atualidade, locais onde encontram seus/suas parceiros(as), compreensões sobre violência no namoro e formas de evitar que relações abusivas ocorram nos relacionamentos.

Análise dos dados

Os dados foram analisados após a transcrição dos grupos focais e a leitura dos relatos do observador, seguindo critérios de qualidade descritos da literatura (Tong, Sainsbury & Craig, 2007). Para a análise qualitativa, optou-se pela Teoria Fundamentada nos Dados que pressupõe a construção de uma teoria baseada nos dados coletados, a partir de uma realidade, possibilitando a explicação do fenômeno investigado (Charmaz, 2009; Strauss & Corbin, 2008). O processo de análise se iniciou com a leitura atenta linha a linha das transcrições dos grupos focais e uma primeira codificação. Assim, realizou-se a codificação axial, a fim de organizar e sintetizar os dados, a partir da identificação dos códigos mais significativos. Por fim, realizou-se uma síntese, que contém os principais sentidos extraídos dos dados, possibilitando a articulação dos códigos em categorias conceituais. Com a definição das categorias conceituais, de onde parte a elaboração da teoria, os códigos com força temática se transformam em eixos com força conceitual em si. As duas categorias conceituais centrais atreladas ao objetivo do presente estudo são: Onde encontrar o(a) parceiro(a) e Modalidades de relacionamentos amorosos na adolescência. A primeira categoria conceitual central é composta por dois eixos conceituais: redes sociais e círculo de amigos, e a segunda, por quatro: ficar, namorar, casar e amizade. O procedimento de análise foi realizado por duas pesquisadoras de forma independente, que ao final, debateram sobre as categorias conceituais centrais e os seus eixos. As divergências foram discutidas e resolvidas por consenso.

Resultados

Os adolescentes encontram seus pares amorosos, em diferentes situações e lugares, indo desde amigos dos seus amigos, colegas da escola e pessoas que adicionam nas redes sociais como evidencia a figura 1.



Figura 1. Forças conceituais da formação de pares amorosos

Os aplicativos de relacionamentos, como *Tinder* e *Badoo*, foram citados como ferramentas possíveis para a busca de encontros afetivo-sexuais, ainda que muitos não pudessem fazer uso, já que não tinham os 18 anos mínimos para criar uma conta nesses aplicativos. Considerando essa limitação, os adolescentes mencionaram que o mais frequente era o uso das redes sociais tanto para a ampliação do círculo de amizade quanto para a busca de parceiros.

Os participantes afirmaram fazer um constante uso das redes sociais. Os meninos adicionavam mais que as meninas e as encontravam através de amigos em comum nas redes sociais, adicionando a menina no caso de terem "gostado da foto". Segundo os adolescentes, a maioria das meninas aceitam no primeiro momento o convite de uma amizade nova na rede social, como relatou a participante A.C. (16 anos) "aceito o guri (rapaz) quando eu conheço". Pode acontecer também dessa solicitação partir de um desconhecido, nesse caso, algumas meninas optaram por não aceitar enquanto outras adicionam, como afirmou a participante E. (13 anos) "eu aceito todo mundo". O participante R. (15 anos), vê como uma possibilidade de ampliar sua rede de contatos e mencionou que a rede social "ajuda a conhecer pessoas novas que nem imaginava que existiam". Após o aceite na rede social, espera-se que o menino inicie uma conversa. Todavia, caso o menino não entre em contato ou mesmo, não tenha uma abordagem considerada satisfatória, ele é excluído da rede social da menina.

Tanto para as meninas quanto para os meninos, ficou evidenciada a importância da quantidade de amigos nas redes sociais. Para as meninas do estudo, esse aspecto estava relacionado a um aumento da autoestima, pois também estava associado à possibilidade de um maior número de curtidas. Tanto os meninos quanto as meninas almejavam que suas fotos recebessem curtidas. A ferramenta dos grupos no aplicativo "*WhatsApp*" também consistiu em uma maneira de tentar aproximação com a pessoa do seu interesse. Os participantes contaram que, uma vez que muitos adolescentes pertencem a diferentes grupos nesse aplicativo, eles podem pegar o número de telefone no grupo e conversar no privado como demonstrado nos seguintes relatos: "Se conhecem através das **redes sociais, de festas, amigos de amigos**" (R., 15 anos), "onde tem uma brechinha vai... até por *sms*" (A.S., 14 anos).

A partir dessas interações, surge a oportunidade de estabelecer relações, entre elas, a amorosa/afetivo-sexual. Então, como os adolescentes atualmente estão se relacionando atualmente? Essa pergunta norteadora do primeiro encontro do GF originou as seguintes modalidades exemplificadas na figura 2.

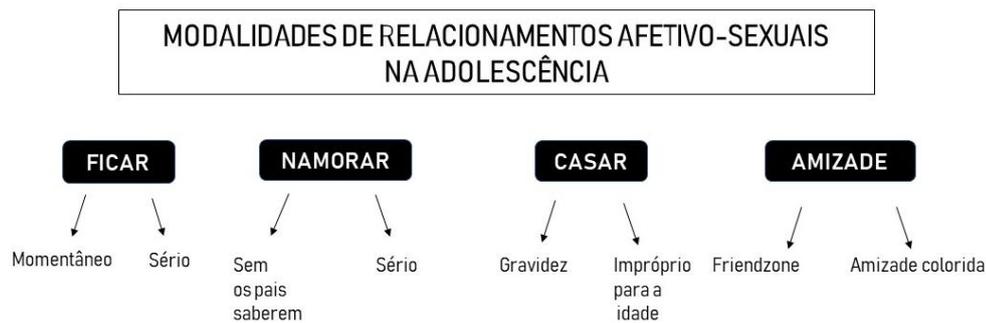


Figura 2. Forças conceituais das modalidades de relacionamentos

O “ficar” foi a forma de relacionamento mais mencionada pelos adolescentes e é considerado por eles um ato **momentâneo** que pode ocorrer devido a uma atração física, podendo ou não a pessoa ser conhecida, bem como ilustram as seguintes falas: “fica é tipo só no momento” (Rh, 17 anos) e Y.D. (14 anos), “fica é uma, duas, três vezes assim ou mais”. De acordo os participantes, a maioria dos adolescentes **não quer um compromisso**. Segundo E.D. (13 anos), “atualmente ninguém quer algo sério”. Normalmente acontece em festas, na escola e shopping, exemplificado no discurso de M. (14 anos): “tu nunca viu a pessoa na vida, tu vê a pessoa na festa. Talvez tu nunca vai vê ela na tua vida de novo”. No “ficar”, os adolescentes podem trocar beijos, “mãos bobas” e sexo. Para que relações sexuais ocorram, é preciso **conhecer a outra pessoa**, sendo pequena a probabilidade de ocorrer na primeira vez que ficam. Poucos adolescentes mencionaram o sexo e, quando falaram, foi de forma tímida e com baixo tom de voz.

Para os adolescentes do estudo, muitas vezes, o “ficar” pode se tornar um compromisso mais sério, porém, não se intitula como namoro. Os adolescentes denominaram de “**ficar sério**” o ato de encontrar um parceiro com mais frequência, conforme disse R.H. (17 anos): “se rolar a química, fica 1, 2, 3 vezes e vai *ficando*” e M (14 anos) “a gente *tá só ficando* mas não fica com mais ninguém”. Essa modalidade de relação pode chegar a um namoro, mas não é regra.

Namorar, na concepção dos adolescentes, já configurava uma relação mais sólida e com maior engajamento entre o casal, como elucidado por R. (15 anos) “(...) namorar é mais sério, é mais tempo”. Eles elucidaram que, no “namorar”, há a possibilidade de desenvolvimento pessoal e “progresso na vida”, ou seja, estar ao lado de alguém que compartilha sonhos, ajuda a realizá-los e não abandona nas situações adversas da vida. Para R. (15 anos), “um namoro mais sério é quando tu *tá* progredindo na vida, *tá* mudando quem tu era. Ela *tá* contigo nas horas mais difíceis”.

Embora estar namorando promovesse um processo de crescimento individual em direção a um amadurecimento emocional, como foi sinalizado pelos participantes, a maioria deles relatou que o namoro na adolescência **não é duradouro**. A temporalidade da relação varia de um dia, uma semana, um mês até, no máximo um ano. Segundo a participante E. (13 anos), “*tá* todo mundo iludindo todo mundo”, transmitindo a ideia de que os relacionamentos não são estáveis. Ciúmes, traições e falta de confiança no(a) outro(a) são as principais justificativas dada pelos adolescentes para o curto período de relacionamento. Conforme esclarece os participantes R.H. (17 anos) “namorar é a dois, tem que *faze* as coisas juntos, *faze* coisas diferentes de solteiros”, E. (13 anos) “pode acontecer *muita coisa ruim* como traição, gravidez (...)” e C. (15 anos) “falta de confiança, não tem confiança num e outro. Então tipo, dura 2 meses e acabou”.

Entretanto, não há motivos para continuar numa relação que está desconfortável para o casal ou para um deles, “é que não adianta continuar com a pessoa se não... como vou dizer...

se não encaixa as ideias, não concorda com muitas coisas” esclarece M.L. (14 anos). Num primeiro momento, pode parecer que vai ser um envolvimento interessante, mas, no decorrer do convívio perceber que é um pouco diferente daquilo que havia imaginado e até mesmo apresentado. Mesmo assim, é imprescindível que haja **respeito e confiança** na relação, considerados pelos participantes como fundamentais para se **manter um relacionamento**.

Os adolescentes elucidaram que no período da conquista de seu par amoroso/afetivo-sexual, os adolescentes se mostram de um determinado jeito, diferente do seu jeito natural e espontâneo. Com o passar do tempo, eles vão mostrando os seus defeitos e dando sinais que não condizem com o início da relação. Por vezes, acabam interrompendo o namoro, como aludem alguns adolescentes “(...) quando a pessoa conhece outra, não é ela mesmo, tipo, finge um negócio que depois a pessoa vai mudando sabe... a pessoa não é a mesma do início” (M.L., 14 anos), “(com o passar do tempo) vai conhecendo quem ela é” (M., 14 anos). No período da conquista, a pessoa tenta ao máximo atrair a atenção do par amoroso e acaba por mostrar ser alguém que não é realmente. Essa prática não é vista positivamente pelos adolescentes, pois “a pessoa tem que gostar de ti do jeito que tu é” relatou a participante M. (14 anos), em concordância com outros adolescentes. Eles sabiam que não havia perfeição, ou seja, um par ideal, e eles acreditavam que era preciso compreender o outro, “aprende a lidar” (F.M., 16 anos) com o jeito da pessoa por entenderem que “ninguém é perfeito, tem que aceitar os defeitos dela, aprender a lidar com aquilo. Se não te prejudicar, sabe?” sintetiza M.L. (14 anos).

Segundo os participantes, um namoro poderia ocorrer sem a **ciência e aprovação dos pais**. Alguns adolescentes pronunciaram que esse era o único impedimento para que pudessem estabelecer um namoro e ter a aprovação dos pais deixava a relação mais séria, o que eles denominavam de **namoro sério**. No entendimento dos adolescentes, “têm pais mais compreensivos” como falado por M.L. (14 anos), referindo-se aos pais e familiares que concordavam que o(a) filho(a) namorasse. Embora o consentimento dos pais fosse importante, o adolescente poderia manter o namoro mesmo sem ter essa liberação. Nesses casos, eles **namoravam “escondidos”**.

Acreditavam que um dos motivos dos pais não consentirem o namoro era por pensar que isso iria atrapalhar o desempenho escolar do(a) filho(a) como evidenciado nos relatos, “tem uns que dizem pra ti focar mais no estudo, não que tu vai começar a namorar e largar os estudo (...)” (M.L., 14 anos); “porque acham que são muito novo, que tem que estudar primeiro” (F.Q., 13 anos). Outro fator que contribui para não ter o aval dos pais, é que eles estabeleceram uma idade, a priori, que consideram aceitável para o(a) filho(a) começar a namorar, como citou a M. (14 anos) “a minha mãe fala que deixa depois dos 15, antes não, não sei porquê”.

Segundo os adolescentes, o fato de não poderem compartilhar os acontecimentos e impasses de suas vidas com seus pais contribuía para um distanciamento entre eles. Mesmo que não tivesse a permissão dos pais, a maioria dos adolescentes tentava encontrar formas para se relacionar. As redes sociais tiveram uma importante contribuição para que o casal fizesse combinações a fim de se encontrarem, exemplificado na fala de M. (14 anos) “combina pelas redes sociais e só vai...”. É preciso também, contar com o apoio dos amigos, que são como álibis, já que os pais não liberam para encontrar o(a) parceiro(a). Isso significa que mentiras são contadas a fim de sair e ver a pessoa desejada, como por exemplo, avisar que vai passear com a amiga.

Além disso, o que podia influenciar era a diferença de geração. Segundo os participantes, a adolescência dos pais foi diferente daquela vivida pelo(a) filho(a) na atualidade: “eu acho que depende dos pais também. Tem pais mais conservadores, mais rígidos (...)” (M.L., 14 anos). Foi exposto também, que os pais não falavam sobre namoro com seus filhos e, até mesmo “fingiam” não saber dos envolvimento amorosos dos adolescentes, como nos relatos: A.V. (14 anos) “a minha mãe não deixa eu namorar porque ela fala que é para o meu bem entendeu?! (...) eu namoro, ela sabe, só se faz de 'louca” e M.L. (14 anos) “a minha mãe não

deixa oficialmente mas ela sabe assim.. eu conto pra ela”. Os adolescentes da pesquisa mencionaram que tem pais que possuíam um diálogo aberto com os filhos sobre relacionamentos amorosos, uma vez que alguns participantes que namoravam tinha o consentimento dos mesmos.

O **casamento** aparece como resposta a uma situação de gravidez inesperada. As adolescentes da amostra relataram observarem a seguinte dinâmica: quando uma adolescente engravidava, para essa criança ter uma família, era muitas vezes imposto que ela se casasse, “é, pra criança ter um pai” (E., 13 anos). Geralmente, os adolescentes iam morar com os pais de um deles. Mesmo tendo a formalização do relacionamento, muitos adolescentes da amostra acreditavam que um casamento ocorrido nessas circunstâncias não seria duradouro, como menciona V.R. (13 anos): “provavelmente não vai durar muito porque... **é mais difícil durar**”. Há quem repudia o casamento na adolescência por razão da pouca idade para assumir esse compromisso e por que o casamento representava para eles abdicar de viver inúmeros eventos típicos da adolescência, como E. (13 anos) afirmou “eu acho horrível, **estraga toda a vida. Vai ta casado com uma pessoa e tu é adolescente tem muito ainda pra viver**”.

Além dessas modalidades de relacionamentos, encontrou-se a **amizade** em duas versões: **friendzone** e **amizade colorida**. *Friendzone* está relacionado às situações em que um adolescente se apaixonava por um amigo, que por sua vez nutria apenas sentimento de amizade por ele. Os participantes afirmaram que esses casos são frequentes, há muita **desilusão amorosa** nesse período da vida. Todavia, o sofrimento por não ser correspondido era passageiro. Havia uma grande rotatividade no objeto de amor, ou seja, ele podia ser “trocado” a cada semana.

A amizade colorida foi mencionada como outra modalidade de relacionamento entre os adolescentes, ocorrendo quando dois amigos ficavam juntos sem que a amizade se modificasse ou terminasse. Segundo M.L. (14 anos), “a amizade prevalece, mas, de vez enquanto rola alguma coisa”. **Quando há vontade, o casal de amigos ficava junto porém isso não atrapalhava a relação de amizade que eles tinham um para com o outro**, “que a diferença é que a amizade colorida tu pode ficar com a pessoa mas continua aquela amizade sabe...” explana M.L. (14 anos). Pode acontecer, também, das pessoas confundirem a amizade com a “amizade colorida” porque, conforme F.Q. (13 anos), “quando a menina e o menino andam juntos, conversam bastante, tem pessoas que não entendem que **pode haver amizade entre ambos os sexos**.” Nessa situação, não há qualquer outro tipo de envolvimento interpessoal além da amizade.

Discussão

O presente estudo qualitativo forneceu dados atuais sobre a formação de laços afetivo-sexuais entre os adolescentes, evidenciando a importância das ferramentas do ambiente virtual nesse momento de construção de vínculos afetivo-sexuais, as características das relações construídas, como instabilidade desses laços, e a pobre relação de confiança com familiares. Sobre o uso de tecnologias, foi constatado que o ambiente virtual representa um espaço de inúmeras interações, cujas relações estabelecidas adquirem tanto valor quanto as relações não virtuais. Os adolescentes entrevistados mencionaram fazer grande uso da internet para acessar redes sociais, corroborando a literatura que indica a rapidez de conhecer pessoas como uma das principais vantagens das redes (Spizzirri, Wagner, Mosmann & Armani, 2012). O uso de tecnologias na sociedade atual tem gerado muitas inquietações principalmente no público jovem ao que tange o emprego dessa ferramenta, como ressalta Picon et. al (2015) “às plataformas das redes sociais vêm sendo amplamente difundidas entre crianças, adolescente e adultos” (p. 50). Elas propiciam espaços de pertencimento, reconhecimento e relacionamento social (Lima, Moreira, Stengel & Maia, 2016), corroborando os dados encontrados no presente estudo.

A presença e importância das redes sociais para os adolescentes do presente estudo podem representar um dado de destaque dessa população na atualidade. Estudos apontam que muitas relações nascem através das redes sociais e outras são mantidas através delas (Martín & Pedro, 2018), como também podem facilitar vários aspectos da vida das pessoas, como manter contato com amigos que moram longe, fazer trabalho da escola, aproximar as pessoas, conversar e até mesmo namorar (Oliveira, 2017). Dos 35 adolescentes pesquisados por Beserra et al. (2016), 12 pronunciaram gostar de relacionamento virtual, e 23 manifestaram-se não gostar desse tipo de relacionamento por acreditarem ser perigoso, sendo poucos os adolescentes que compareceram a encontros marcados no ambiente virtual.

Diante do que foi exposto nos grupos focais, notou-se que as relações na adolescência são permeadas por atrações momentâneas, decepções e incertezas. Os adolescentes do estudo transmitiram a vivência de um panorama instável, de insegurança e falta de confiança nas relações estabelecidas. Aspectos que podem incrementar a vivência de estresse comumente presente em outros momentos de vida do adolescente. Manter uma relação amorosa estável pode ser interpretada como um compromisso e uma responsabilidade extra, considerando as várias obrigações e demandas que o indivíduo precisa responder socialmente (Chaves, 2010; Minayo, 2011). Por outro lado, o estudo realizado por Brêtas et al. (2018) com adolescentes escolares (12 a 18 anos) sobre suas percepções referente ao ato de se relacionar sem comprometimento social ou afetivo está relacionado a manifestação do desejo e diversão. É visto também como possibilidade de conhecer pessoas e é algo bom quando recíproco, considerando que relações como o namoro não são duradouras e requerem maior investimento.

Nesse estudo, o “ficar” ocorreu a partir da intimidade e proximidade maior com a outra pessoa, podendo haver encontros frequentes e até um namoro após um período. É a forma de relacionamento mais frequente entre os adolescentes e a duração varia conforme o desejo e o interesse entre o casal. Esse dado corrobora estudos, nos quais o “ficar” é entendido como uma forma alternativa ao namorar, pois, não pressupõe a perda de liberdade e acordos entre pares como no namoro (Bittar & Nakano, 2017) bem como revelados pelos adolescentes pesquisados. A duração do ficar pode ser de dias, semanas e até mesmo transformar em um compromisso (Brêtas et al., 2018). O namoro, na concepção dos adolescentes da presente pesquisa, também foi entendido como uma relação que não tem uma longa duração, o que facilita a troca de parceiro(a) rapidamente. Namorar também remete a um compromisso, configurando uma relação com mais estabilidade e a entrada do(a) parceiro(a) no ambiente familiar (Ribeiro et al., 2011). Esse entendimento sobre namorar vai ao encontro com os dados encontrados nessa pesquisa que pressupõe que um namoro sério conta com a participação da família, seja no convívio como na aprovação da relação.

Com relação ao casamento, a maioria dos adolescentes manifestaram-se contra esse ato durante a adolescência pois associavam a perda de liberdade e interrupção de vivências necessários para o amadurecimento, deixando esse tipo de relacionamento para algo futuro. Os adolescentes pesquisados por Riter, Dellazzana-Zanon e Freitas (2019) mencionaram que o projeto de casamento e ter filhos estava em segunda instância, tendo por prioridade seus estudos e trabalho. O casamento também apareceu como uma resposta imediata à gravidez, porém é algo visto sem muitas perspectivas no futuro. Entende-se que isso possa ser complementar ao estudo de Castro e Pereira (2016), o qual revelou que relações afetivas-sexuais iniciadas por consequência da gravidez na adolescência, geralmente são por obrigação ou pressão criando laços fragilizados com grandes chances de logo serem rompidos.

Sobre a relação com os pais, os participantes da amostra afirmaram que os adolescentes atualmente são capazes de dialogar com os pais, ainda que essa possibilidade dependa do conteúdo da conversa. No que concerne aos relacionamentos afetivo-sexuais, ainda há dificuldades e entraves na comunicação, decorrentes do descompasso entre os planos dos pais, que gostaria que os filhos estivessem focados nos estudos, e o desejo dos adolescentes, que se

encontram em fase de descoberta afetivo-sexual. Os adolescentes (n=58) do ensino médio, participantes do estudo de Nepomuceno e Witter (2010) consideraram ter bom relacionamento com a família, sendo os pais, os que eles mantêm melhor relação. A família, de acordo com os autores supracitados, é uma instituição a qual tem grande influência nas decisões dos adolescentes e as principais são com relação ao estudo, profissão e namoro.

Um fator que pode dificultar a comunicação entre pais e filhos corresponde aos assuntos que envolvem a temática da sexualidade, principalmente relacionamentos afetivo-sexuais. A literatura mostra que para os pais abordarem esses temas, eles precisam refletir sobre sua própria sexualidade (Bulut & Gölbaşı, 2009). Nery, Feitosa, Sousa e Fernandes (2015) entrevistaram 22 pais para saber como eles dialogam sobre sexualidade com seus filhos adolescentes e constataram que muitos não falavam com seus filhos por eles não terem, naquele momento, um parceiro sexual. Já os adolescentes investigados por Furlanetto et al. (2019), no sul do Brasil, afirmaram receber orientação sobre sexo e sexualidade da família. Há pais que conversam apenas sobre sexo e prevenção de Infecções Sexualmente Transmissíveis (ISTs), os quais repassaram informações conforme seus conhecimentos prévios, ainda que tenham relatado não saber agir perante a manifestação da sexualidade dos filhos. A falta de intimidade com o(a) filho(a), ausência de conhecimento e até mesmo vergonha são vistos como empecilhos pelos pais para conversar sobre sexualidade com seus/suas filhos(as) (Silva & Rosenburg, 2017).

Nos relatos dos adolescentes pesquisados, a mãe foi a pessoa que eles recorriam quando algo acontecia devido a maior proximidade e compreensão. Infere-se, na pesquisa realizada, que a figura paterna ainda é considerada mais conservadora quando comparada à figura da mãe, que está mais disposta a escutar sem emitir julgamentos. Segundo o estudo de Bulut e Gölbaşı (2009), os assuntos mais conversados entre adolescentes do sexo feminino da Turquia com suas mães foram menstruação (78,4%), escolha do cônjuge (71,9%), alterações físicas referente a puberdade (68%), flertes (63,3%) e noivado (60,2%). Entende-se que esses tópicos devem ser presente no diálogo familiar, mas também, incluir assuntos sobre relacionamentos afetivo-sexuais pode contribuir para relações saudáveis.

Considerações Finais

Com o advento da tecnologia, as relações na atualidade tangenciam o campo virtual. A internet se tornou um espaço para conhecer e desenvolver relações interpessoais, até mesmo afetivo-sexuais. As redes sociais mais especificamente, passaram a ser grandes aliadas dos adolescentes, pois através delas pode-se encontrar o(a) parceiro(a) e, combinarem encontros. Foi constatado que há uma pluralidade nas formas de relações afetivo-sexuais na adolescência, sendo o “ficar” a maneira mais popular entre os adolescentes. Uma peculiaridade nos relacionamentos atuais dos adolescentes é a curta duração da relação principalmente ao que refere ao namoro. Este ganha um status de seriedade quando tem aprovação dos pais. Muito embora, os adolescentes não deixam de se relacionar quando não há o consentimento dos pais o que pode dar espaço para a ocorrência de fatos desagradáveis. Esses aspectos remetem às características peculiares da própria adolescência (Bronk & Finch, 2010; Hill, Burrow, O’Del & Thornton, 2010).

Os resultados reforçam a importância de os pais dialogarem com seus filhos a respeito da sexualidade como uma forma de prevenção a situações indesejadas como gravidez na adolescência, contágio de ISTs e até evitar relacionamentos abusivos. Outra questão relevante é sobre os adolescentes se sentirem amparados e poderem recorrer aos pais quando algo desagradável ocorrer.

Esta investigação apresenta algumas limitações, nomeadamente no tamanho reduzido da sua amostra e, considerando a abordagem escolhida, pode ser que alguns aspectos não

tenham sido apreendidos por esse estudo. Sendo assim, sugere-se que em estudos futuros sejam realizados com pais de adolescentes para compreender suas concepções dos relacionamentos afetivo-sexuais de seus/suas filhos(as).

Referências

- Beserra, M. A., Leitão, M. N. C., Fabião, J. A. S. A. O., Dixe, M. A. C. R., Veríssimo, C. M. F., & Ferriani, M. G. C. (2016). Prevalência e características da violência no namoro entre adolescentes escolares de Portugal. *Escola Anna Nery*, 20(1), 183-191. doi: 10.5935/1414-8145.20160024
- Bittar, D. B., & Nakano, A. M. S. (2017). Symbolic violence among adolescents in affective dating relationships. *Revista da Escola de Enfermagem da USP*, 51. doi: 10.1590/s1980-220x2017003003298
- Bordignon, C., & Bonamigo, I. S. (2017). Os jovens e as redes sociais virtuais. *Pesquisas e Práticas psicossociais*, 12(2), 310-326. Recuperado de http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809-89082017000200006&lng=pt&tlng=pt.
- Borges, J. L., & Dell'Aglio, D. D. (2019). Stalking following the breakup of dating relationships in adolescence. *Trends in Psychology*, 27(2), 413-426. doi:10.9788/tp2019.2-09
- Brêtas, J. R. S., Ohara, C. V. S., Jardim, D. P., Junior, W. A., & Oliveira, J. R. (2011). Aspectos da sexualidade na adolescência. *Ciência & Saúde Coletiva*, 16(7), 3221-3228. doi:10.1590/S1413-81232011000800021
- Brêtas, J. R. S., Moraes, S. P., Zanatta, L. F., Freitas, M. J. D., Godoi, A. M. L., & Ricardo, L. S. (2018). Relações sem compromisso entre adolescentes. *Revista Brasileira de Sexualidade Humana*, 28(1), 31-38. doi:10.35919/rbsh.v28i1.6
- Bronk, K.C. & Finch, W.H. (2010). Adolescent Characteristics by Type of Long-Term Aim in Life. *Applied Developmental Science*, 14(1), 35-44, doi: 10.1080/10888690903510331
- Bulut, F., & Gölbaşı, Z. (2009). The evaluation of communication between adolescent girls and their mothers related to sexual issues. *Gülhane Askeri Tıp Akademisi*, 8(1), 27-36.
- Castro, A. S. V. P., & Pereira, B. S. (2016). Representação social de adolescentes frente à gravidez. *Revista Psique*, 1(1), 86-101.
- Charmaz, K. (2009). *A construção da teoria fundamentada: Guia prático para análise qualitativa*. Porto Alegre (RS): Artmed.
- Chaves, J. C. (2004). Contextuais e pragmáticos: *Os relacionamentos amorosos na Pós-modernidade* (Tese de Doutorado). Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.
- Chaves, J. C. (2010). As percepções de jovens sobre os relacionamentos amorosos na atualidade. *Psicologia em Revista*, 16(1), 28-46. Recuperado de http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1677-11682010000100004&lng=pt&tlng=pt.

- Chaves, J. C. (2016). Práticas afetivo-sexuais juvenis: Entre a superficialidade e o aprofundamento amoroso. *Psicologia & Sociedade*, 28(2), 320-330. doi: 10.1590/1807-03102016v28n2p320
- Conselho Nacional de Saúde (2012). *Resolução nº 466/2012 - Dispõe sobre pesquisa envolvendo seres humanos*. Brasil: Ministério da Saúde, Brasília, DF. Recuperado de https://bvsms.saude.gov.br/bvs/saudelegis/cns/2013/res0466_12_12_2012.html
- Conselho Nacional de Saúde (2016). *Resolução nº 510/2016 – Dispõe sobre a pesquisa em Ciências Humanas e Sociais*. Brasil: Ministério da Saúde, Brasília, DF. Recuperado de <http://conselho.saude.gov.br/resolucoes/2016/Reso510.pdf>
- Fontenele, L. Q., & Miranda, L. L. (2017). Adolescência(s): Produções e atravessamentos discursivos em análise. *Temas em Psicologia*, 25(3), 969-982. doi: 10.9788/TP2017.3-04
- Furlanetto, M. F., Ghedin, D. M., Gonçalves, T. R., & Marin, A. H. (2019). Individual and contextual factors associated with sexual initiation among adolescents. *Psicologia Reflexão e Crítica*, 32(25), s/p. doi:10.1186/s41155-019-0138-z
- Hill, P.L., Burrow, A.L., O'Dell, A.C., & Thornton, M. A. (2010). Classifying adolescents' conceptions of purpose in life. *The Journal of Positive Psychology: Dedicated to furthering research and promoting good practice*, 5(6) 466-473. doi: 10.1080/17439760.2010.534488
- Gil, A. C. (2008). *Métodos e técnicas de pesquisa social*. 6. ed. São Paulo: Atlas.
- Jambrina, M. A., & Pedro, A. I. (2018). Actitudes, conocimientos, mitos y falsas creencias de los adolescentes ante la violencia de género. *International Journal of Developmental and Educational Psychology. Revista INFAD de Psicología.*, 4(1), 185-202. doi:10.17060/ijodaep.2018.n1.v4.1293
- Lima, N. L., Moreira, J. O., Stengel, M., & Maia, L. M. (2016). As redes sociais virtuais e a dinâmica da internet. *Gerai: Revista Interinstitucional de Psicologia*, 9(1), 90-109. Recuperado de http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1983-82202016000100008&lng=pt&tlng=pt.
- Martín, T. M., & Pedro, A. I. I. (2018). Relación de los menores con las redes sociales y el whatsapp: Causas y consecuencias. *International Journal of Developmental and Educational Psychology. Revista INFAD de Psicología.*, 4(1), 213-222. doi: 10.17060/ijodaep.2018.n1.v4.1297
- Minayo, M. C. (2008). *O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde*. (11. ed.) São Paulo: Hucitec.
- Minayo, M. C. (2011). A condição juvenil do século XXI. In: M. C. S. Minayo, S. G. Assis, & K. Njaine (Orgs), *Amor e violência: Um paradoxo das relações de namoro e do 'ficar' entre jovens brasileiros* (pp. 17-44). Rio de Janeiro: Editora Fiocruz.
- Moreira, J. O., Rosário, A. B., & Santos, A. P. (2011). Juventude e adolescência: considerações preliminares. *Psico*, 42(4), 457-464. Recuperado de <http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/revistapsico/article/view/8943/7450>

- Nepomuceno, R. F., & Witter, G. P. (2010). Influência da família na decisão profissional: Opinião de adolescentes. *Psicologia Escolar e Educacional*, 14(1), 15-22. doi: 10.1590/S1413-85572010000100002
- Nery, I. S., Feitosa, J. J. M., Sousa, Á. F. L., & Fernandes, A. C. N. (2015). Abordagem da sexualidade no diálogo entre pais e adolescentes. *Acta Paulista de Enfermagem*, 28(3), 287-292. doi: 10.1590/1982-0194201500048
- Oliveira, E. S. G. (2017). Adolescência, internet e tempo: desafios para a Educação. *Educar em Revista*, (64), 283-298. doi: 10.1590/0104-4060.47048
- Picon, F., Karam, R., Breda, V., Restano, A., Silveira, A., & Spritzer, D. (2015). Precisamos falar sobre tecnologia: Caracterizando clinicamente os subtipos de dependência de tecnologia. *Revista Brasileira de Psicoterapia*, 17(2), 44-60. Recuperado de http://rbp.celg.org.br/detalhe_artigo.asp?id=177
- Pratta, E. M. M., & Santos, M. A. (2007). Família e adolescência: A influência do contexto familiar no desenvolvimento psicológico de seus membros. *Psicologia em Estudo*, 12(2), 247-256. Recuperado de <http://www.scielo.br/pdf/pe/v12n2/v12n2a05>
- Ribeiro, F. M. L., Avanci, J. Q., Carvalho, L., Gomes, R., & Pires, T. O. (2011). Entre o 'ficar' e o namorar: Relações afetivo-sexuais. In M. C. S. Minayo, S. G. Assis, & K. Njaine (Orgs), *Amor e violência: Um paradoxo das relações de namoro e do 'ficar' entre jovens brasileiros* (pp.55-86). Rio de Janeiro: Editora Fiocruz.
- Riter, H. S., Dellazzana-Zanon, L. L., & Freitas, L. B. L. (2019). Projetos de vida de adolescentes de nível socioeconômico baixo quanto aos relacionamentos afetivos. *Revista da SPAGESP*, 20(1), 55-68. Recuperado de http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1677-29702019000100005&lng=pt&tlng=pt.
- Rossi, L. M., & Cid, M. F. B. (2019). Adolescências, saúde mental e crise: a história contada por familiares. *Cadernos Brasileiros de Terapia Ocupacional*, 27(4), 734-742. doi: 10.4322/2526-8910.ctoao1811
- Strauss A., & Corbin J. (2008). *Pesquisa qualitativa: Técnica e procedimentos para o desenvolvimento da teoria fundamentada*. 2ªed. Porto Alegre: Artmed.
- Silva, L. P., & Rosenburg, E. G. (2017). Contradições: Família, escola, adolescência e sexualidade. *Intercursos*, 16(2). Recuperado de <http://200.198.28.135/index.php/intercursosrevistacientifica/article/view/3672/2077>
- Silva, T. O., & Silva, L. T. G. (2017). Os impactos sociais, cognitivos e afetivos sobre a geração de adolescentes conectados às tecnologias digitais. *Revista Psicopedagogia*, 34(103), 87-97. Recuperado de http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-84862017000100009&lng=pt&tlng=pt
- Spizzirri, R. C. P., Wagner, A., Mosmann, C. P., & Armani, A. B. (2012). Adolescência conectada: Mapeando o uso da internet em jovens internautas. *Psicologia Argumento*,

30(69), 327-335. Recuperado de <https://periodicos.pucpr.br/index.php/psicologiaargumento/article/view/23288/22361>

Triviños, A. N. S. (2009). *Introdução à pesquisa em Ciências Sociais: A pesquisa qualitativa em educação - o positivismo, a fenomenologia, o marxismo*. (5a ed). São Paulo: Atlas.

Tong, A., Sainsbury, P., & Craig, J. (2007). Consolidated criteria for reporting qualitative research (COREQ): A 32-item checklist for interviews and focus groups. *International Journal for Quality in Health Care*, 19(6), 349-357. doi: 10.1093/intqhc/mzm042

5 ARTIGO 2

Adolescência e violência no namoro: ciúmes, controle e redes sociais ²

Resumo

Este estudo qualitativo de cunho descritivo e exploratório, investigou a percepção de adolescentes sobre as violências vivenciadas nos relacionamentos afetivo-sexuais. Participaram 29 estudantes do ensino fundamental e EJA de três escolas públicas do interior do Rio Grande do Sul. Utilizou-se a técnica de grupo focal, na qual foram realizados 3 encontros em cada escola, totalizando nove encontros. A análise dos dados foi feita a partir da Teoria Fundamentada nos Dados, a qual apontou a presença de situações de violência nos relacionamentos afetivo-sexuais entre adolescentes. Agressões verbais e físicas foram as mais citadas entre os participantes, ocorrem tanto presencialmente como no ambiente virtual e são motivadas principalmente por ciúme. Entretanto, nem todas as manifestações de violência são identificadas e compreendidas como tal, pois, podem ser entendidas como sinônimo de amor e cuidado. Nesse sentido, acredita-se ser importante problematizar a respeito dos relacionamentos afetivo-sexuais na adolescência, a fim de promover relações saudáveis, minimizando os índices de perpetração de violências.

Palavras-chave: Adolescência, ciúme, controle, redes sociais, violência no namoro.

Adolescence and dating violence: jealousy, control and social networks

Abstract

This qualitative, descriptive and exploratory study explored adolescents' perception about violence experienced in affective-sexual relationships. The participants include 29 students who are in Elementary School and Adult and Youth Education (EJA) from three public schools located in the countryside of Rio Grande do Sul. The focus group technique was used, with 3 meetings held in each school, totaling nine meetings. Data analysis was based on the Grounded Theory, which indicated situations of violence in affective-sexual relationships among adolescents. Verbal and physical aggressions were the most mentioned experiences among the participants, which occur both in person and in the virtual environment, which are mainly motivated by jealousy. However, not all manifestations of violence are identified and understood as such, as they can be understood as synonymous with love and care. Therefore, discussing about affective-sexual relationships in adolescence is considered important in order to promote healthy relationships and to reduce the rates of perpetration of violence.

Keywords: Adolescence, jealousy, control, social networks, dating violence

Adolescencia y violencia en el noviazgo: celos, control y redes sociales

Resumen

Este estudio cualitativo de carácter descriptivo y exploratorio investigó la percepción de adolescentes sobre las violencias vivenciadas en las relaciones afectivo-sexuales. Participaron 29 estudiantes de la enseñanza fundamental y Educación de Jóvenes y Adultos (EJA) de tres

²Artigo será submetido ao periódico Temas em Psicologia.

escolas públicas del interior del estado de Rio Grande do Sul. Se utilizó la técnica de grupo focal, en la que fueron realizados 3 encuentros en cada escuela, totalizando nueve encuentros. El análisis de los datos fue hecho a partir de la Teoría Fundamentada en los Datos, que apuntó la presencia de situaciones de violencia en las relaciones afectivo-sexuales entre adolescentes. Agresiones verbales y físicas fueron las más citadas entre los participantes, ocurren tanto presencialmente como en el ambiente virtual y son motivadas principalmente por celos. Sin embargo, ni todas las manifestaciones de violencia son identificadas y comprendidas como tal, pues pueden ser entendidas como sinónimo de amor y cuidado. En ese sentido, se cree importante problematizar sobre las relaciones afectivo-sexuales en la adolescencia, a fin de promover relaciones saludables, minimizando los índices de perpetración de violencias.

Palabras clave: Adolescencia, celos, control, redes sociales, violencia en el noviazgo.

Introdução

O namoro na fase da adolescência nem sempre é marcado por uma relação saudável, tranquila e satisfatória, podendo existir episódios de violência (Oliveira, 2009). O fenômeno da violência no namoro ainda é pouco explorado no Brasil comparado com a literatura internacional (Aldrighi, 2004; Minayo et al., 2011; Cecchetto, Oliveira, Njaine, Kathie, & Minayo, 2016; Andrade & Lima, 2018). Países como Estados Unidos e outros do continente europeu, como Portugal e Espanha, apresentam relevantes pesquisas e publicações na temática, sendo a maioria de cunho quantitativo (Arriaga & Foshee, 2004; Yahner, Dank, Zweig, & Lachman, 2015; Helm, Baker, Berlin, & Kimura, 2015; Beserra et al., 2016).

No contexto brasileiro, o primeiro trabalho realizado sobre violência no namoro entre jovens foi desenvolvido por Aldrighi (2004) e contou com a participação de 455 estudantes universitários do estado de São Paulo. Esse estudo revelou índices elevados de agressões entre parceiros de ambos os sexos, sendo a violência psicológica e a coerção sexual mais frequente que a violência física.

Outro estudo significativo sobre essa temática no Brasil foi realizado por Minayo, Assis e Njaine (2011) dos anos de 2007 a 2010 e contou com a participação de 3205 adolescentes, de 15 a 19 anos, estudantes de escolas públicas e privadas de dez capitais brasileiras. O estudo evidenciou dados alarmantes, encontrando uma prevalência de 86,9% de

vitimização, 86,8% de perpetração de algum tipo de violência no relacionamento e 76,6% dos adolescentes de ambos os sexos eram vítimas e perpetradores de diferentes formas de violência.

O *Center for Disease Control and Prevention* (CDC, 2014) assegura que um dos fatores que mais contribui para a ocorrência de comportamentos violentos em relacionamentos íntimos é a crença de que a violência no namoro é admissível. Sendo assim, a violência no namoro é elucubrada como um problema de saúde pública uma vez que, pode ser reproduzida na vida conjugal enquanto um padrão de resolução de conflitos (Oliveira, Assis, Njaine, & Pires, 2014).

A violência também aparece como um meio de comunicação entre os adolescentes, intercalando os papéis de vítima e de autor, dependendo do momento, tipo de agressão, o ambiente em que vivem, como também, podendo ser considerada como a palavra final. Agressões verbais e até mesmo físicas são entendidas como normais na resolução das conflituosas amorosas. Além disso, a violência pode obter a função de sustentação do relacionamento, ser empregada pelo casal como maneira de expressar-se na relação (Minayo, Assis, & Njaine, 2011; Nascimento, & Cordeiro, 2011; Oliveira et al., 2011).

Com relação a tipologia de violência no namoro, as formas de violência mais recorrentes são: *física*, como por exemplo, bater, chutar, usar da força para machucar o(a) parceiro(a), entre outras; *sexual*, que envolve contato sexual indesejado sem penetração, forçar a prática sexual com penetração sem consento da outra pessoa, falas sexualizadas; *psicológica ou emocional*, compreendida como aquela que tenta intencionalmente prejudicar a pessoa mental e emocionalmente e manifesta comportamentos de controle; e, por fim, a *verbal*, também denominada de verbal-emocional, quando ocorrem xingamentos, insultos e humilhações (CDP, 2017). Ciúmes e controle são entendidos por alguns adolescentes como manifestação de amor (Willians, 2012). Associado a estes aspectos, o ambiente virtual

também pode ser palco para práticas de violência, tanto aquelas que envolvem situações de intimidação e humilhação, caracterizando o *cyberbullying*, quanto aquelas que envolvem parceiros íntimos, em uma relação de namoro ou não, configurando o *cyberabuso* (Flach & Deslandes, 2017, Exner-Cortens, Eckenrode, & Rotchman, 2013). O *cyberabuso* tem sido considerado uma modalidade de violência entre parceiros íntimos, ocorre quando há ameaça ou insultos nas redes sociais, exposição de fotos, vídeos e mensagens de natureza íntima sem o consentimento prévio, com o objetivo de humilhar, difamar e controlar tanto os postes do(a) parceiro(a) quanto suas comunicações, acarretando em sérias repercussões na vida e na saúde daqueles que experenciam (Flach & Deslandes, 2017; Zweig, Dank, Yahner, & Lachman, 2013; Wincentak, Connolly, & Card, 2017). Considerando a complexidade do fenômeno, a lacuna de estudos na realidade brasileira bem como a necessidade de fomentar estudos qualitativos que ofereçam uma visão em profundidade do fenômeno, esse estudo apresenta a percepção sobre as violências vivenciadas nos relacionamentos afetivo-sexuais entre adolescentes.

Método

Delineamento e participantes

Trata-se de um recorte de uma pesquisa maior de caráter qualitativo e de cunho descritivo-exploratório (Minayo, 2008; Triviños, 2009). Os participantes do estudo foram 29 adolescentes do 9º ano do Ensino Fundamental e do Ensino de Jovens Adultos (EJA), de três escolas públicas do interior do Rio Grande do Sul. Cada escola tinha apenas uma turma do 9º ano e apenas uma escola tinha EJA. O critério de inclusão adotado foi estar matriculado em uma escola pública, e o critério de exclusão, não ser solteiro e coabitar com parceiro(a). A idade dos adolescentes variou entre 13 e 17 anos, obtendo a média de idade 14,5 anos (DP=1,088) e eram majoritariamente do sexo feminino (n=22). Sobre o *status* de relacionamento, 20,69% disseram estar namorando e 65,52% estavam sem se relacionar no momento. A configuração familiar dos adolescentes se concentrou em família nuclear

(31,03%) e monoparental materna (31,03%). A escolaridade dos pais era heterogênea, com predominância do ensino médio completo (31,03%). Quanto à cor da pele, a maioria dos adolescentes intitulou-se branco. Os participantes foram identificados através de siglas para garantir a não identificação dos mesmos.

Procedimentos éticos e de coleta de dados

As escolas foram selecionadas por conveniência e estavam localizadas em bairros periféricos da cidade. O projeto de pesquisa foi apresentado às direções das escolas e, após análise e aprovação institucional, foi assinado o Termo de Autorização. O convite foi feito pela pesquisadora pessoalmente nas escolas, e as turmas eram compostas de aproximadamente 28 estudantes com exceção da escola A que tinha cerca de 20 alunos. Na escola A participaram três adolescentes, na escola B, 15 adolescentes e na escola C teve 11 participantes. A pesquisa foi aprovada pelo Comitê de Ética, obtendo o CAEE 09210918.5.0000.5346 e, foram respeitadas todas as diretrizes de pesquisas com seres humanos (Conselho Nacional de Saúde, 2012, 2016).

Os responsáveis assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido e os estudantes, após elucidações acerca dos objetivos do estudo e procedimentos de pesquisa, assinaram o Termo de Assentimento. O procedimento de coleta de dados utilizado foi o grupo focal (GF). Por meio do GF é possível, investigar com detalhes, experiências em certas condições. Para isso, é importante que os participantes possuem, ao menos, uma característica em comum, que garanta a homogeneidade do grupo. Por meio da interação entre os participantes, torna-se plausível conhecer a opinião, das pessoas, sobre um determinado assunto proposto pelo moderador. Além disso, oportuniza a criação de questões mais precisas, acrescenta informações referente a conhecimentos específicos de um grupo em relação a atitudes e percepções. Proporcionar também a elaboração de hipóteses de pesquisa para estudos complementares. A vantagem de se trabalhar com essa técnica é suscitar diversas

ideias ou averiguá-la em maior profundidade. Além do moderador, que conduz a discussão do GF, pode haver a presença de um observador, que não se manifesta, porém fica atento, registrando o máximo de informações possíveis (Gil, 2008, Minayo, 2008).

A coleta dos dados ocorreu nos meses de abril e maio de 2019. Os adolescentes que não aceitaram participar da pesquisa e que não cumpriram os critérios de inclusão realizavam atividades escolares. Os grupos aconteceram durante o período de aula, nas escolas B e C, que foi previamente cedido pelas mesmas, com exceção de uma, que foi realizado no contraturno. Os participantes não tiveram prejuízo no conteúdo escolar que foi recuperado posteriormente. Os grupos foram conduzidos pela pesquisadora e contou com a participação de uma observadora em todos os encontros que fazia anotações sobre as discussões dos grupos. Esse material foi utilizado para análise dos dados juntamente com as transcrições dos grupos que foram audiogravados.

Realizou-se um grupo focal composto por três encontro em cada escola, totalizando nove encontros. O tópico-guia seguido abrangeu os seguintes assuntos: os relacionamentos amorosos na adolescência, espaços onde encontram seus/suas parceiros(as), o conhecimento sobre violência no namoro e, o que fazer em situações de violência. No primeiro encontro, os estudantes assinaram o Termo de Assentimento e responderam um questionário que continha dados sociodemográficos. Posteriormente, deu-se início a discussão sobre a maneira que os adolescentes estão se relacionando amorosamente atualmente bem como o(s) local(is) onde encontram seus/suas parceiros(as).

Foi exibido uma animação disponível numa plataforma digital no segundo encontro, sobre um casal heteroafetivo que estavam se relacionando amorosamente e, no transcorrer do vídeo, apareceram algumas situações de controle por parte do menino, deixando a parceira triste. O vídeo é finalizado com a seguinte mensagem: “NÃO CONFUNDA AMOR COM

ABUSO”. A discussão começou com os adolescentes relatando as formas que isso se faz presente nas relações amorosas e os tipos de violência existentes.

No terceiro encontro, foi entregue a cada participante, uma história em quadrinhos denominada, história do Léo e da Bia, retirada do livro “Diferenciando baladas de ciladas: Um guia para o empoderamento de adolescentes em relacionamentos íntimos” (Murta et al., 2011). A finalidade era de realizar uma leitura e, a posteriori, elaborar um desfecho individual para a história. Os assuntos abordados nesse encontro tangenciaram os seguintes eixos: como e para quem solicitar ajuda quando está vivendo uma situação de abuso, o que fazer em situações de violência e como preveni-las. Após o debate, na intenção de dar um feedback aos participantes, foram pontuadas, brevemente, sobre o que foi percebido dos grupos de acordo com o objetivo do estudo. Posteriormente foi solicitado que os alunos criassem um cartaz informativo, para fixar na escola que ilustrassem as reflexões oriundas dos grupos que foram mais importantes para eles.

Análise dos dados

Os dados foram analisados após a transcrição dos grupos focais e a leitura dos relatos feitos pela observadora e optou-se pela Teoria Fundamentada nos Dados. Essa teoria sugere a elaboração de uma teoria baseada nos dados que foram coletados, em uma realidade, propiciando o esclarecimento do fenômeno pesquisado (Charmaz, 2009; Strauss & Corbin, 2008). Primeiramente, foi realizada uma leitura minuciosa das transcrições dos grupos focais e feita uma codificação. Assim, obteve-se a codificação axial, com a intenção de organizar e sintetizar os dados, a partir da identificação dos códigos mais expressivos. Por fim, realizou-se uma síntese, a qual contempla os principais sentidos oriundos dos dados, possibilitando a associação dos códigos em categorias conceituais. A partir da definição das categorias conceituais, de onde parte a construção da teoria, os códigos com força temática alteram-se em eixos com força conceitual em si. Neste estudo, originou-se uma categoria conceitual

central que é violência no namoro. O procedimento de análise foi realizado por duas pesquisadoras psicólogas de forma independente. As categorias conceituais centrais e os seus eixos foram discutidas em conjunto e as divergências debatidas e solucionadas por concordância priorizando o objetivo central da pesquisa e a temática.

Resultados

A partir da análise, constatou-se que a maioria dos adolescentes pesquisados disseram que situações de violência estão presentes nos namoros da adolescência. Os comportamentos que caracterizam essa violência estavam relacionados a agressões físicas e verbais, e situações de controle como ilustrado na figura 1.



Figura 1. Forças conceituais de violência vivenciado no namoro na adolescência

A maior parte dos adolescentes disseram que ocorre violência no namoro na adolescência, alguns foram enfáticos nas suas afirmações e a principal causa para a existência da mesma é o **ciúme**. A violência foi considerada como um problema grave quando se torna insuportável, com muito sofrimento “quando não dá mais pra contornar” (M.L., 14 anos). Essa frase foi rebatida imediatamente por M. (14 anos) “toda a violência é grave”.

Num primeiro momento, quando questionados sobre o que consideram violência no relacionamento, as agressões físicas estavam vinculadas apenas ao ato de bater o(a) parceiro(a) e isso foi relatado como algo não recorrente no namoro na adolescência.

Entretanto, alguns identificaram outros tipos de agressão física como **puxar o cabelo**, **morder** e **arranhar** o(a) namorado(a), trouxeram exemplos de casos que tinham conhecimento, como Y. (14 anos) “é que a namorada dele arranha ele *só*”, e M.L (14 anos), “*tipo* ela ficou com **ciúmes** uma vez e arranhou o braço dele”. Essa última frase gerou um momento de revolta no grupo, uma vez que, os outros participantes disseram que esse comportamento já havia sido repetido mais de uma vez no caso comentado.

Por agressões verbais, os adolescentes entendiam os **xingamentos e humilhações**, como manifestados pelos participantes E. (13 anos): “(...) tipo xinga a pessoa, xinga como ela é, xinga(...)”. C. (15 anos) afirmou “humilha a pessoa, fazer ela se sentir menos e ‘tals’” e F. Q. (13 anos), “por exemplo, a pessoa tá xingando a pessoa por causa de ciúmes, aí começa a xingar e aí começa a fazer a pessoa se sentir pequena, humilhada”. Isso pode acontecer tanto na presença de outras pessoas como ser algo particular do casal.

Embora tenham sido contados alguns casos de agressão física, os adolescentes relataram que as agressões verbais eram mais recorrentes no namoro como mostram as seguintes falas: “(...), mas verbal é mais” (Rh., 17 anos), “eu acho que na adolescência é mais mentalmente mesmo, não é tanto físico” (C., 15 anos) e “mais verbal né” (P., 15 anos). Inclusive, um participante relatou preferir sofrer violência física a verbal pelo impacto que as palavras ditas tem sobre sua vida, “ei *sora!* Eu prefiro sofre física do que verbal *sora* (...) porque a verbal, vai falando, vai falando, entra na mente” (R., 15 anos).

Surgiram várias reflexões acerca de alguns comportamentos considerados pelos adolescentes como sendo de “**controle**”, que demarcam uma certa autoridade sobre o outro como mencionou P. (15 anos) “uma pessoa querendo controlar a outra. Querendo tirar a posição... a opinião da outra também”. Uma participante inferiu que

“uma coisa, tipo, tu se preocupar com a pessoa, outra é tu ter uma preocupação em excesso que fica virando uma coisa de controlar, sabe? Se preocupar se tá bem, onde tá, é uma coisa, sabe? Agora onde tu tá, com quem tu tá, porque tu tá aí, volta pra casa

agora. Uma coisa é tu querer prevenir que a pessoa faça algo errado. Mas outra coisa, é querer controlar a pessoa” (M.L., 14 anos).

Sobre as situações de controle, os participantes mencionaram **proibir** a namorada de usar determinadas roupas, de se relacionar com os próprios amigos, querer ter atenção o tempo todo, sendo a maioria dessas ações motivada pelos ciúmes, como podem ser visualizados nas falas de F. (16 anos) “quando tu não pode andar com as tuas amigas” e R. (15 anos):

“é ruim sora, tu estraga uma relação por ciúmes. E por orgulho de apontar, por exemplo, tu tá namorando e a tua namorada quer bota uma roupa ali que fique legal pra combinar contigo, ir num lugar bonito, aí a pessoa fica com ciúmes e quer manda a pessoa toda tapada de moletom, calça, abrigo”. (R. 15 anos)

As **redes sociais** também são espaços para situações de controle, geralmente causada por ciúmes. As cenas de ciúmes são originadas, principalmente, quando o(a) parceiro(a) percebe que alguém "curtiu" e/ou comentou uma foto publicada nas redes sociais, como pode-se constatar a seguir:

“ele quer proibir ela de se maquiar, de postar foto. Ele fez ela apagar o facebook por causa de uma foto. E ele é tão obsessivo que um dia um cara curtiu a foto dela com um amei e ele conseguiu o número do cara. Ligou pra ele e ameaçou ele” (A. S., 14 anos).

Além de não poder curtir e comentar publicações de outras pessoas, pois já é solicitado que a pessoa seja bloqueada das redes sociais.

Outra situação levantada pelos adolescentes foi com relação ao aparelho celular e ao(a) parceiro(a) ter acesso à sua senha para poder verificar as redes sociais, e até mesmo pegar o celular da pessoa sem sua permissão. Alguns disseram que se não estão fazendo algo indevido, não teria problema em dar a sua senha para o namorado, revelando uma percepção de naturalidade no pedido: “se não tem nada pra esconder...” (Y., 14 anos); “é, se a pessoa não tem nada pra esconder, ela deixa, não tira a senha” (M., 14 anos). Outro, em menor número, acreditava que esse comportamento era invasivo, como relatou F.M. (14 anos) chamado-o de “invasão de privacidade”. Neste estudo, os meninos disseram acreditar que o comportamento de monitoramento é necessário para manter o relacionamento, por medo de

perder a namorada. As meninas por sua vez, explicaram o comportamento de monitoramento das redes sociais como um procedimento que representava a preocupação que tinham com os namorados quando, por exemplo, eles saíam com os amigos.

Algumas situações, por vezes, não eram percebidas como controle, como exemplificado pela M.L. (14 anos): “depende, às vezes a pessoa não tem noção, e às vezes a pessoa tem noção, mas acha que vai poder mudar a pessoa ou acha que a pessoa vai mudar ou acha que é normal. Entende?!”. Às vezes, tem-se a esperança de que esses comportamentos serão passageiros, contribuindo para que cada vez mais eles sejam naturalizados, como menciona M. (14 anos): “é que às vezes a pessoa gosta tanto da outra que tenta aprender a conviver com isso”.

Os ciúmes ainda foram pontuados como algo natural do relacionamento, podendo estar associado ao amor e ao cuidado com o(a) parceiro(a), o que foi retratado por M. (14 anos) “às vezes a pessoa acha que é bonitinho, tá se preocupando comigo, tá com ciúme”. O fato de estar apaixonado(a) pode dificultar a percepção de situações de ciúmes extremo, chegando a configurar violência, o que explicou E. (14 anos) “tem gente que tá tão, tão, apaixonado, que não percebe ou que não quer acreditar que é”. Em contrapartida, alguns adolescentes problematizaram a associação do ciúme com violência e amor. Consideraram a presença de violência quando há um ciúme exagerado e está relacionado com o que o(a) parceiro(a) entende sobre essas situações, o que foi esclarecido pelas palavras de F.M. (16 anos) “depende do nível de ciúmes, do que a outra pessoa acha disso”. Além disso, mesmo que sentir ciúme não seja obrigatório para ser amado(a), é considerado importante, como comentou C. (16 anos) “não sei, tem a necessidade do ciúme pra ti amar alguém, é que tipo, às vezes, tu acha legalzinho, um pouquinho de ciúmes, sabe?!”. Todas as situações mencionadas sobre a vivência de situações de violências ocorrem de forma bidirecional, sendo tanto o menino como a menina perpetradores e vítimas.

Discussão

Os resultados indicaram que as agressões verbais, considerando violência verbal/emocional e psicológica, foram as mais enfatizadas pelos adolescentes esses dados vão ao encontro de outros estudos nacionais e internacionais (Barreira et al., 2014; Brancaglioni & Fonseca, 2016; Cuevas, Sabina & Bell, 2014; Gómez, Delgado & Gómez, 2014; Niolon et al., 2015).

As agressões físicas, como arranhões e tapas, apareceram nas falas dos adolescentes naturalizada e travestida de cuidado e proteção. Entendendo que nenhum comportamento agressivo é aceitável, essa tolerância constitui-se um alerta. Uma meta-análise realizada por Wincentak, Connolly e Card (2017) verificou em 101 estudos que um em cada cinco adolescentes relataram ter sofrido violência física no namoro. Alguns adolescentes relataram alguns comportamentos comuns que confirmam a violência no namoro, como a utilização de bofetadas, empurrões, pontapés, julgar, chantagem, perseguir na escola, dentre outros (Beserra et al., 2016).

A violência física praticada pelas meninas foi menosprezada na visão dos meninos por considerarem sem muito impacto (Cecchetto et al., 2016). Contribuindo com essa perspectiva, um estudo mexicano apontou que 88% dos adolescentes e jovens pesquisados não identificam ou reconhecem os comportamentos abusivos. Há uma crença de que certas ações serão passageiras ou até mesmo de não acreditar que a outra pessoa seria capaz de cometer uma violência (Cortés et al., 2014). O estudo de Cecchetto et al. (2016) sobre violência no namoro, com 519 adolescentes de 10 capitais brasileiras, indicou que as meninas são mais agredidas fisicamente pelos parceiros ainda que se tenha verificado que elas também perpetraram agressões físicas e psicológicas. O estudo de Oliveira et al. (2011) apresentou resultados diferentes do mencionado, mostrando que as meninas (28,5%) agredem mais fisicamente o namorado que os meninos (16,8%) às suas namoradas. Tapas foi o tipo de agressão física

mais perpetrado pelas meninas, mas não foi um aspecto considerado relevante entre os adolescentes pois não eram considerados de grande dano (Oliveira et al., 2016). Na pesquisa conduzida por Caridade e Machado (2013), constatou-se uma contradição entre a alta prevalência das condutas abusivas tomadas pelos jovens e a baixa aceitação social da violência. Por mais que os adolescentes tivessem manifestado ser contra os atos de violência, os índices de prevalência são maiores comparados a casais adultos, sinalizando uma discrepância entre as práticas e as crenças dos jovens.

No que se refere a não atribuição de um grande dano a certos tipos de violência captada nesse estudo, pode-se destacar as primorosas discussões sobre a tipologia e frequência dessas agressões, Bandura, Barbaranelli, Caprara e Pastorelli (1996), ao tratar de mecanismos psicológicos de desengajamento moral de condutas repreensíveis, problematiza o mecanismo do eufemismo, que valida a conduta violenta ao mascará-la ou mesmo conferi-la um status respeitável. Assim, a conduta repreensível transforma-se em aceitável, e uma vez que essa ideia é expandida, ela passa a ser reconhecida pela sua máscara do que pelo dano original. Os autores destacam que a adoção de mecanismos psicológicos como esses pode reduzir a prosociabilidade e a condição humana de autocensura antecipatória, fortalecendo reações cognitivas e afetivas propícias à violência.

Os resultados deste estudo corroboram pesquisas que indicam a bidirecionalidade da violência no namoro na adolescência, ou seja, ambos os sexos perpetram e sofrem violência (Barreira et al., 2014; Brancaglioni & Fonseca, 2016; Costa, Costa & Nascimento, 2018, Santos, Caridade & Cardoso, 2019). Os comportamentos associados à violência ocorrem tanto de maneira presencial como virtual.

O mundo virtual tomou grandes proporções nas relações amorosas dos adolescentes, tornando-se, inclusive palco para a ocorrência de cenas abusivas como, por exemplo, controlar as interações nas redes sociais do(a) parceiro(a), conforme indicado por esse estudo.

De acordo com a pesquisa de Zweig, Dank, Yahner e Lachman (2013), um a cada quatro adolescentes relatou ter sido vítima de violência no namoro por meio da internet. Outro estudo revelou que 18% dos jovens participantes relataram ter sido vítima de *cyberabuso* no namoro (Yahner et al., 2015).

Alguns comportamentos nas redes sociais podem provocar ciúmes como, por exemplo, adicionar um novo amigo rede social, além de suscitar algumas reações como solicitar a exclusão de determinadas conversas (Canezin & Almeida, 2015). As "curtidas" nas fotos postadas também são motivos para ciúmes e brigas entre o casal (Baker & Carreño, 2016). Além disso, os abusos virtuais são vivenciados, na sua maioria, por meio de mensagens e aplicativo de mensagens, por exemplo *whatsapp*, redes sociais e e-mail (Barrajo, Gámez-Guadix, & Calvete, 2015). Um estudo português investigou 272 jovens, a maioria estudantes universitários, sobre a prevalência de *cyberabuso* nos relacionamentos amorosos, demonstrou taxas consideráveis de comportamentos abusivos. Dos participantes que estavam em relacionamento amoroso no último ano, 59,2% manifestaram ter vivenciado pelo menos algum tipo de comportamento de *cyberabuso* no namoro e desses, 66,9% admitiram ter perpetrado pelo menos alguma ação de *cyberabuso* (Caridade & Braga, 2019). Ratificando, a pesquisa de Barrajo, Gámez-Guadix e Calvete (2015) contou com a participação de 433 estudantes universitários com faixa etária de 18-30 anos e verificou que metade da amostra havia sido vítima de *cyberabuso* nos últimos seis meses. Retratou também que o comportamento de controlar o(a) parceiro foi o mais recorrente nas situações de abuso no ambiente virtual geralmente motivado pelo ciúme. Os dados apresentados nesses estudos são semelhantes ao encontrado nesta pesquisa, apesar da faixa etária ser diferente.

Na revisão de literatura proposta por Flach e Deslandes (2017), os autores destacaram que o abuso digital praticado nos relacionamentos entre adolescentes é, muitas vezes naturalizado e entendido como manifestação de amor. Travestido de "proteção" e "cuidado",

novamente, o ciúme aparece como o principal desencadeador de violência no namoro na visão dos adolescentes, sendo percebido como negativo apenas quando é exagerado, ou seja, por meio de controle excessivo e agressões, físicas e verbais (Bittar & Nakano, 2017; Cecchetto et al., 2016, Flach & Deslandes, 2017; Oliveira et al., 2016).

Os ciúmes surgiram neste estudo como desfecho tanto de interações agressivas verbais e psicológicas, quanto de comportamentos de controle, em situações face a face, como também nas virtuais. O estudo de Almeida, Rodrigues e Silva (2008) sugere que os ciúmes podem ser considerados uma construção social que implica vários sentimentos, como amor, ódio, raiva, orgulho e suscita diversas reações, sejam elas reais ou não. Segundo Almeida (2012), os ciúmes aparecem também como resposta à possibilidade da infidelidade e tanto homem como a mulher compartilham desse sentimento. Entretanto, o medo da traição não foi pontuado explicitamente pelos adolescentes. A maioria das brigas no namoro é causada por ciúmes e este é entendido como inerente aos relacionamentos, principalmente nos mais duradouros (Cecchetto et al., 2016, Oliveira et al., 2016). Um estudo realizado por Ferriani et al. (2019) contou com a participação de 16 adolescentes, estudantes do ensino médio, constatou que o ciúme está associado ao sentimento de posse, gerando algumas proibições como se relacionar com alguns familiares. Não é apenas na adolescência que esses comportamentos se fazem presente nos relacionamentos afetivo-sexuais. Santos, Caridade e Cardoso (2019) realizaram um estudo com 287 jovens com idades entre os 18 e os 25 anos e constataram que mais da metade da amostra lança mão do ciúme para justificar condutas abusivas.

Mesmo que alguns participantes considerassem certos comportamentos de seus parceiros inaceitáveis, como controlar as vestimentas da parceira e restringir as amizades, nem sempre estes comportamentos eram sentidos como violência. Esse dado corrobora estudos que evidenciam que muitos adolescentes percebem as atitudes de controle e

monitoramento como irritantes, mas não as veem como abusivas, permanecendo assim no relacionamento (Helm, Baker, Berlin, & Kimura, 2015). A manifestação do ciúme está associada a comportamentos de controle, principalmente nas redes sociais (Ferriani et al., 2019), confirmando os dados anteriormente apresentados.

Embora no presente estudo o ciúme tenha sido citado como algo que não necessariamente representa o amor, a pesquisa de Ferriani et al., (2019) evidenciou que o ciúme também apareceu como algo natural do relacionamento entre adolescentes. Entende-se que há uma naturalização da violência nas relações entre adolescentes, visto que algumas proibições e controle são entendimentos como amor e cuidado (Nascimento & Cordeiro, 2011), afinal “quem ama, cuida”.

Conclusão

Os dados encontrados nesse estudo evidenciaram um panorama do fenômeno da violência no namoro durante a adolescência. Foi constatado que agressões verbais tiveram predominância nas violências relatadas pelos adolescentes, incluindo xingamentos, ofensas e humilhações. As agressões físicas, como arranhões, em certos momentos, foram desqualificadas, não sendo entendida como violência.

Evidenciou-se uma naturalização da violência no namoro na visão dos adolescentes pesquisados, visto que alguns comportamentos abusivos foram eufemizados quanto a sua intenção e dano. Esse achado desperta preocupação pelas suas consequências desenvolvimentais. Entendendo que a adolescência é uma etapa do desenvolvimento em que ocorrerem processos singulares de busca pela identidade, afastamento das figuras parentais como principais fontes de afeto e construção de relações afetivo-sexuais, assumir os comportamentos abusivos como natural poderá ter implicações futuras na sua saúde mental. Dessa forma, torna-se necessário promover junto a pais e adolescentes amplas discussões sobre a qualidade das relações afetivo-sexuais. Os pais precisam estar atentos sobre o fato de

que o relacionamento conjugal que possuem influenciam os filhos, como também sobre a importância de nutrir uma relação de confiança com os filhos, desde a infância, pautada por afeto e respeito, sendo exemplos saudáveis (Barreto & Rabelo, 2015).

As interações por meio da internet, especialmente nas redes sociais, tomaram um lugar de protagonistas da violência no namoro, reforçadas novamente por atos de controle. Além disso, o estudo evidenciou que as agressões são perpetradas por ambos os sexos na adolescência.

As brigas e discussões geralmente provocadas por ciúme, apresentaram-se como a justificativa mais relevante para a violência no namoro. Nas relações adolescentes, o ciúme tem conotação ambivalente, ocupando o lugar de precursor das violências, mas também entendido como manifestação de amor, cuidado e afeto. Talvez, por isso a dificuldade em perceber determinados comportamentos como abusivos. Soma-se a esse raciocínio que o adolescente está em processo de amadurecimento e desenvolvimento de suas habilidades sociais (Longhini et al., 2017). A capacidade de refletir seus atos através de se colocar no lugar do outro, e também, se relacionar com o outro de forma positiva. Além disso, infere-se que esse controle e ciúme excessivos podem estar relacionado com uma dose mais intensa da insegurança típica da adolescência.

É importante ressaltar a adolescência enquanto um período crítico em que se formam bases necessárias para que seja possível a construção de relações saudáveis ao longo da vida. Há nesse estudo algumas limitações, não foi investigado se os adolescentes já haviam sido expostos a algum tipo de violência familiar. Variáveis como gênero e classe social não foram exploradas. Além disso, o vídeo utilizado pode ter influenciado a percepção dos adolescentes sobre a presença de violência no namoro. Sugere-se que novas pesquisas sejam realizadas no início da adolescência, uma vez que, a maioria das pesquisas são com idade superior a 15 anos e com uma amostra maior. Além disso, estudos que busquem aprofundar o

conhecimento e os impactos que as redes sociais tem nos relacionamentos afetivo-sexuais de jovens precisam ser fomentados para que se possa propor intervenções direcionadas a essa população.

Referências

- Aldrighi, T. (2004). Prevalência e cronicidade da violência física no namoro entre jovens universitários do Estado de São Paulo – Brasil. *Psicologia: Teoria e Prática*, 6(1) 105-120.
- Almeida, T. de. (2012). O ciúme romântico atua como uma profecia autorrealizadora da infidelidade amorosa? *Estudos de Psicologia (Campinas)*, 29(4), 489-498. doi: 10.1590/S0103-166X2012000400004
- Almeida, T., Rodrigues, K. R. B., & Silva, A. A. (2008). O ciúme romântico e os relacionamentos amorosos heterossexuais contemporâneos. *Estudos de Psicologia (Natal)*, 13(1),83-90. doi: 10.1590/S1413-294X2008000100010
- Andrade, T. A., LIMA, A. O. (2018). Violência e namoro na adolescência: Uma revisão de literatura *Desidades: revista electrónica de divulgación Científica de la Infancia y la Juventud*, 19, 20-35. Recuperado de <https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=7145219>
- Arriaga, X. B., & Foshee, V. A. (2004). Adolescent dating violence: Do adolescents follow in their friends', or their parents', footsteps? *Journal of Interpersonal Violence*, 19(2), 162-184. doi: 10.1177/0886260503260247
- Baker, C., & Carreño, P. (2016). Understanding the role of technology in adolescent dating and dating violence. *Journal of Child and Family Studies*, 25, 308-320. doi:10.1007/s10826-015-0196-5

- Bandura, A., Barbaranelli, C., Caprara, G. V., & Pastorelli, C. (1996). Mechanism of moral disengagement in the exercise of moral agency. *Journal of Personality of Social Psychology, 71*(2), 364-374.
- Barrajo, E., Gámez-Guadix, M., & Calvete, E. (2015). Cyber Dating Abuse: prevalence, context, and relationship with offline dating aggression. *Psychological Reports: Relationships & Communications, 116*(2), 565-585. doi: 10.2466/21.16.PR0.116k22w4
- Barreira, A. K., Lima, M. L. C. de, Bigras, M., Njaine, K., & Assis, S. G. (2014). Direcionalidade da violência física e psicológica no namoro entre adolescentes do Recife, Brasil. *Revista Brasileira de Epidemiologia, 17*(1), 217-228. doi: 10.1590/1415-790X201400010017ENG
- Barreto, M. J., & Rabelo, A. A. (2015). A família e o papel desafiador dos pais de adolescentes na contemporaneidade. *Pensando familias, 19*(2), 34-42. Recuperado em 14 de janeiro de 2020, de http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1679-494X2015000200004&lng=pt&tlng=pt.
- Beserra, M. A., Leitão, M. N. C., Fabião, J. A. S. A. O., Dixe, M. A. C. R., Veríssimo, C. M. F., & Ferriani, M. G. C. (2016). Prevalência e características da violência no namoro entre adolescentes escolares de Portugal. *Escola Anna Nery, 20*(1), 183-191. doi: 10.5935/1414-8145.20160024
- Bittar, D. B., & Nakano, A. M. S.. (2017). Violência simbólica entre adolescentes nas relações afetivas do namoro. *Revista da Escola de Enfermagem da USP, 51*, e03298. Epub March 15, 2018. doi: 10.1590/s1980-220x2017003003298
- Brancaglioni, B. C. A., & Fonseca, R. M. G. S. (2016) Intimate partner violence in adolescence: An analysis of gender and generation. *Revista Brasileira de Enfermagem, 69*(5), 890-898. doi: 10.1590/0034-7167-2016-0408

- Canezin, P. F. M., & Almeida, T. de. (2015). O ciúme e as redes sociais: uma revisão sistemática. *Pensando famílias*, 19(1), 142-155. Recuperado em 10 de dezembro de 2019, de http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1679-494X2015000100012&lng=pt&tlng=pt.
- Caridade, S. M., & Braga, T. (2019). Versão portuguesa do Cyber Dating Abuse Questionnaire (CDAQ) - Questionário sobre Ciberabuso no Namoro (CibAN): Adaptação e propriedades psicométricas. *Análise Psicológica*, 37(1), 93-105. doi: 10.14417/ap.1543
- Caridade, S., & Machado, C. Violência nas relações juvenis de intimidade: uma revisão da teoria, da investigação e da prática. *Psicologia*. Edições Colibri, Lisboa, p. 91-113, 2013
- Cecchetto, F., Oliveira, Q. B. M., Njaine, K., & Minayo, M. C. de S. (2016). Violências percebidas por homens adolescentes na interação afetivo-sexual em dez cidades brasileiras. *Interface - Comunicação, Saúde, Educação*, 20(59), 853-864. Epub June 28, 2016. doi: 10.1590/1807-57622015.0082
- Centers for Disease Control and Prevention. (2014). *Understanding teen dating violence*.
- Centers for Disease Control and Prevention. (2017). *Preventing teen dating violence*.
- Charmaz, K. (2009). *A construção da teoria fundamentada: guia prático para análise qualitativa*. Porto Alegre (RS): Artmed.
- Conselho Nacional de Saúde (2012). *Resolução nº 466/2012 - Dispõe sobre pesquisa envolvendo seres humanos*. Brasil: Ministério da Saúde, Brasília, DF. Recuperado de https://bvsms.saude.gov.br/bvs/saudelegis/cns/2013/res0466_12_12_2012.html
- Conselho Nacional de Saúde (2016). *Resolução nº 510/2016 – Dispõe sobre a pesquisa em Ciências Humanas e Sociais*. Brasil: Ministério da Saúde, Brasília, DF. Recuperado de <http://conselho.saude.gov.br/resolucoes/2016/Reso510.pdf>

- Cortés, A. M. L., Bringas, M. C., Rodríguez-Franco, L., Flores, G. M., Ramiro-Sánchez, T., & Rodríguez-Díaz, F. (2014). Unperceived dating violence among Mexican students. *International Journal of Clinical and Health Psychology, 14*(1), 39–47. doi: 10.1016/S1697-2600(14)70035-3
- Costa, A. M., Costa, M. C. O., & Nascimento, O. C. do. (2018). Percurso Amoroso e Eventos Violentos nas Relações de Namoro de Jovens. *Revista de Saúde Coletiva da UEFS*. doi: 10.13102/rscdauefs.v8.2973
- Cuevas, C. A., Sabina, C. & Bell, K. A. (2014). Dating violence and interpersonal victimization among national sample of Latino youth. *Journal of Adolescent Health, 55*, 564-570. doi: 10.1016/j.jadohealth.2014.04.007
- Exner-Cortens, D., Eckenrode, J., Rotchman, E. (2013). Longitudinal associations between teen dating violence victimization and adverse health outcomes. *Pediatrics, 131*(1),71-78. doi: 10.1542/peds.2012-1029
- Ferriani, M. das G. C., Campeiz, A. B., Martins, J. E., Aragão, A. de S., Roque, E. M. de S. T., & Carlos, D. M. (2019). Compreendendo e contextualizando a violência nas relações de intimidade entre adolescentes. *Escola Anna Nery, 23*(3). doi:10.1590/2177-9465-ean-2018-0349
- Flach, R. M. D., & Deslandes, S. F. (2017). Cyber dating abuse in affective and sexual relationships: a literature review. *Cadernos de Saúde Pública, 33*(7), e00138516. Epub July 27, 2017. doi: 10.15090/0102-311x00138516
- Gil, A. C. (2008). *Métodos e técnicas de pesquisa social*. 6. ed. São Paulo: Atlas.

- Gómez, M. P., Delgado, A. O., & Gómez, Á. H. (2014). Violencia en relaciones de pareja de jóvenes y adolescentes. *Revista latinoamericana de Psicología*, 46(3), 148-159. doi: 10.1016/S0120-0534(14)70018-4.
- Helm, S., Baker, C. K., Berlin, J., & Kimura, S. (2015). Getting in, being in, staying in, and getting out: Adolescents' perceptions of dating and dating violence. *Youth & Society*. doi:10.1177/0044118X15575290.
- Longhini, L. Z., Rios, B. F., Peron, S., & Neufeld, C. B. (2017). Caracterização das habilidades sociais de adolescentes em contexto escolar. *Revista Brasileira de Terapias Cognitivas*, 13(2), 131-137. doi: 10.5935/1808-5687.20170018
- Minayo, M. C. de S. (2008). *O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde*. 11. ed. São Paulo: Hucitec.
- Minayo, M. C. de S., Assis, S. G., Njaine, K. (Orgs) (2011). *Amor e violência: um paradoxo das relações de namoro e do 'ficar' entre jovens brasileiros*. Rio de Janeiro, Editora FIOCRUZ.
- Minayo, M.C.; Assis, S.G. Njaine, K. (2011). É Possível Construir Relações Amorosas sem Violência? In Mianyo, M. C. de S., Assis, S. G. de, Njaine, K. (Orgs). *Amor e violência: um paradoxo das relações de namoro e do 'ficar' entre jovens brasileiros*. Rio de Janeiro, Editora FIOCRUZ.
- Murta, S. G., Santos, B. R. P., Nobre, L. A., Oliveira, S. A., Diniz, G. R. S., Rodrigues, I. O., Del Prette, Z. A. (2011). *Diferenciando baladas de ciladas: Um guia para o empoderamento de adolescentes em relacionamentos íntimos*. Brasília: Letras Livres.

- Nascimento, F. S., & Cordeiro, R. de L. M. (2011). Violência no namoro para jovens moradores de Recife. *Psicologia & Sociedade*, 23(3), 516-525. doi: 10.1590/S0102-71822011000300009
- Niolon, P. H. et al. Prevalence of Teen Dating Violence and Co-occurring Risk Factors Among Middle School Youth in High-Risk Urban Communities. (2015). *Journal of Adolescent Health* 56, 5-13. doi: 10.1016/j.jadohealth.2014.07.019
- Oliveira, M. S. (2009). *Violência intergeracional: da violência na família à violência no namoro*. [dissertação de mestrado] Porto: Universidade do Porto.
- Oliveira, Q. B. M. et al. (2011). Violências nas relações afetivo-sexuais. In Mianyo, M. C. de S., Assis, S. G. de, Njaine, K. (Orgs). *Amor e violência: um paradoxo das relações de namoro e do ‘ficar’ entre jovens brasileiros*. Rio de Janeiro, Editora FIOCRUZ.
- Oliveira, Q. B. M., Assis, S. G. de, Njaine, K., & Pires, T. O. (2014). Namoro na adolescência no Brasil: circularidade da violência psicológica nos diferentes contextos relacionais. *Ciência & Saúde Coletiva*, 19(3),707-718. doi: 10.1590/1413-81232014193.19052013
- Oliveira, Q. B. M., Assis, S. G. de, Njaine, K., & Pires, T. O. (2016). Violência física perpetrada por ciúmes no namoro de adolescentes: um recorte de gênero em dez capitais brasileiras. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 32(3), 1-12. doi: 10.1590/0102-3772e32323
- Santos, A. P., Caridade, S., Cardoso, J. (2019). Violência nas relações íntimas juvenis: (des)ajustamento psicossocial e estratégias de *coping*. *Contextos Clínicos*, 12(1), 1-25. doi: 10.4013/ctc.2019.121.01
- Strauss, A., Corbin J. (2008). *Pesquisa Qualitativa: Técnica e procedimentos para o desenvolvimento da teoria fundamentada*. 2 ed. Porto Alegre: Artmed.

- Triviños, A. N. S. (2009). *Introdução à Pesquisa em Ciências Sociais: a Pesquisa Qualitativa em Educação – O Positivismo, A Fenomenologia, O Marxismo*. 5 ed. São Paulo: Atlas.
- Williams, L. R. (2012). “Love is...” How adolescents define and experience romantic love. In M. A. Paludi (Ed.), *The psychology of love*. Santa Barbara, CA: Praeger/ABCCLIO.
- Wincentak, K., Connolly, J., & Card, N. (2017). Teen dating violence: A meta-analytic review of prevalence rates. *Psychology of Violence, 7*(2), 224–241. doi: 10.1037/a0040194
- Yahner, J., Dank, M., Zweig, J. M., & Lachman, P. (2015). The co-occurrence of physical and cyber dating violence and bullying among teens. *Journal of Interpersonal Violence, 30*(7), 1079–1089. doi: 10.1177/0886260514540324
- Zweig, J. M., Dank, M., Yahner, J., & Lachman, P. (2013). The rate of cyber dating abuse among teens and how it relates to other forms of teen dating violence. *Journal of Youth and Adolescence, 42*, 1063–1077. doi: 10.1007/s10964-013-9922-8

6 ARTIGO 3

Violência no namoro na adolescência: pedir ajuda para quem?³

Resumo

Objetivo: O presente estudo teve por objetivo conhecer a quem os adolescentes recorrem em situações de violência no namoro e os impactos que a violência pode ter na vida do sujeito. **Método:** Este é um estudo qualitativo de cunho descritivo e exploratório com 29 adolescentes escolares do 9º do ensino fundamental e EJA de três escolas localizadas no interior do Rio Grande do Sul. Para a coleta dos dados, foram realizados grupos focais sendo analisados da perspectiva da Teoria Fundamentada dos Dados. **Resultados:** Foi constatado que dificilmente os adolescentes solicitam ajuda quando vivenciam violência no namoro. As razões apontadas foram sentir medo, vergonha e por manter sentimentos pelo(a) parceiro(a). Entretanto, quando acreditam ser necessário, eles recorrem aos amigos, família e até mesmo a polícia. Verificou-se que ansiedade, depressão, suicídio podem ser consequências da violência vivenciada nos relacionamentos. **Conclusão:** O estudo sinalizou que muitos adolescentes não buscam por ajuda quando vivenciam violência no namoro, ainda que saibam que recursos poderiam acionar. Torna-se necessário fomentar ações de prevenção primária a fim de reduzir os índices de violência no namoro como também explorar os contextos que os adolescentes circulam como escola e família, para a promoção de diálogos, na intenção de um suporte mais eficaz em situações difíceis.

Palavras-chave: adolescente, violência, violência por parceiro íntimo

Adolescents' perception of dating violence: who to ask for help?

Abstract

Objective: This study aimed to know who adolescents resort to in situations of dating violence and the impacts that violence can have on the subject's life. **Method:** This is a qualitative, descriptive and exploratory study with 29 adolescents who are in the 9th grade of Elementary School and Adult and Youth Education (EJA) from three public schools located in the countryside of Rio Grande do Sul. For data collection, a focus group was held, and the analysis was made based on the perspective of the Grounded Theory. **Results:** It was noticed that adolescents do not usually ask for help when they experience violence in intimate relationships. The reasons for that, according to the participants, were fear, shame and feelings they still had for their partners. However, when they consider it necessary, they turn to friends, family and even the police. Moreover, anxiety, depression and suicide were identified as possible consequences of intimate partner violence. In addition, violence may remain in future relationships. **Conclusion:** The study indicated that many adolescents do not seek help when they experience dating violence, even though they know what could be done. Thus, it is necessary to promote primary prevention actions in order to reduce the rates of intimate partner violence, as well as to explore the adolescents' surroundings, such as school and family, so that communication can be fostered, thus providing more effective support in difficult situations.

³ Artigo a ser submetido para a Revista Adolescência e Saúde.

Keywords: adolescent, violence, intimate partner violence

Introdução

A violência no namoro especialmente na adolescência tem chamado atenção pela alta prevalência de perpetração e vem sendo reconhecida como problema de saúde pública^{1,2,3}. O *Centers for Disease Control and Prevention*⁴ aponta que milhares de adolescentes são vitimizados pela violência nas relações afetivo-sexuais nos Estados Unidos por ano. As violências encontradas vão desde agressões físicas, sexual, *stalking* e psicológica, sendo essa última a mais frequente^{1,2,4}.

Além dos elevados índices de violência, as consequências dessa vivência na adolescência têm gerado grande preocupação, principalmente no âmbito da saúde mental^{5,6}. Observa-se que sentimento de culpa, vergonha, isolamento social e comportamentos suicidas são recorrentes nos adolescentes vítimas de violência no namoro⁷. Outros impactos psicológicos como depressão, ansiedade e comportamento sexual de risco também são alguns impactos associados à violência no namoro^{5,8}.

Em algumas situações, o adolescente pode não identificar que está sendo vítima de algum tipo de violência. Nesse sentido, ter alguém para conversar, por meio de acolhimento sem julgamento, é fundamental para cessar os comportamentos violentos, minimizar os impactos que podem desencadear para o bem-estar do sujeito e potencializar a promoção de relacionamentos saudáveis^{9,10}. Esse apoio geralmente é desempenhado pelos amigos e membros da família do adolescente⁹. Um estudo latino conduzido por Sabina & Rodriguez¹¹ identificou que 61% das vítimas recorriam aos amigos e apenas 16% solicitaram apoio da escola.

Conhecer como os adolescentes estão lidando com as situações de violência em um relacionamento e seus recursos internos e externos para a busca por solução poderá auxiliar na prevenção de futuras situações de violência, rompendo um ciclo que se iniciou nessa etapa de vida e minimizar os efeitos dessas situações no seu desenvolvimento biopsicossocial. Ainda, destaca-se que esse estudo se diferencia dos estudos atuais por ter lançado um olhar qualitativo ao fenômeno. Assim, o presente estudo buscou conhecer a quem os adolescentes recorrem em situações de violência no namoro e as possíveis consequências dessas vivências na vida do adolescente.

Método

O presente estudo é uma pesquisa qualitativa de cunho descritivo e exploratório, e foi realizada com 29 adolescentes, do 9º ano do Ensino Fundamental e do Ensino de Jovens Adultos (EJA) de três escolas públicas do interior do Rio Grande do Sul, escolhidas por conveniência.

Os participantes tinham idade média de 14,5 anos (DP=1,088), sendo a idade mínima de 13 anos e a máxima de 17 anos e eram predominantemente do sexo feminino (73,3%). A maioria deles (68,96%) já havia namorado em algum momento e a média de idade no primeiro relacionamento foi de 13 anos. Em relação à variável "com quem residiam", a maioria era com família nuclear (31,03%) e monoparental materna (31,03%). A escolaridade dos pais era heterogênea, com predominância do ensino médio completo para ambos os pais (31,03%). Quanto à cor da pele, a maioria dos adolescentes declarou-se branco (65,52%).

Para a coleta dos dados, utilizou-se a técnica de grupo focal, tendo sido realizados três encontros em cada escola, totalizando nove. Foi utilizado um tópico-guia, o qual contemplou as seguintes temáticas: relacionamentos afetivo-sexuais na adolescência, espaços onde encontram seus/suas parceiros(as), conhecimento sobre violência no namoro e, por fim, investigou-se a percepção sobre como e onde recorrer em situações de violência no relacionamento. Os encontros foram gravados através de áudio, mediados pela pesquisadora e contou com a participação de uma observadora. A coleta ocorreu nos meses de abril e maio de 2019.

Os dados foram analisados após a transcrição na íntegra dos grupos focais e a leitura dos relatos feitos pela observadora e optou-se pela Teoria Fundamentada nos Dados¹². A pesquisa foi aprovada pelo Comitê de Ética, obtendo o registro n. CAEE 09210918.5.0000.5346. O Termo de Consentimento Livre e Esclarecido foi assinado pelos responsáveis dos(as) adolescentes e os participantes assinaram o Termo de Assentimento Livre e Esclarecido. As diretrizes de pesquisas com seres humanos foram respeitadas e, para garantir o sigilo da identificação dos(as) adolescentes, foram utilizadas siglas. Os dados foram analisados após a transcrição na íntegra dos grupos focais e a leitura minuciosa dos relatos feitos pela observadora e optou-se pela Teoria Fundamentada nos Dados (TFD)¹². Seguindo os pressupostos da TFD e no intuito de organizar e sintetizar os dados, identificaram-se os códigos mais expressivos obtendo a codificação axial. Realizou-se síntese, a qual considera os principais sentidos advindo dos dados, possibilitando a associação dos códigos em categorias conceituais. Nesse sentido, foi ressaltado no corpo do texto as expressões com força conceitual.

Resultados

Os dados coletados forneceram informações valiosas e aprofundadas sobre a vivência de situações abusivas no namoro e a percepção sobre os recursos dos adolescentes na busca de ajuda. Os adolescentes, quando questionados sobre as formas de solicitar ajuda em situações de violência, a maioria relatou não tomar atitude e não compartilhar o fato com outras pessoas,

como ilustra a participante E. (14 anos), “na verdade, normalmente os adolescentes **não falam pra ninguém nada**”. Conforme os adolescentes pesquisados, alguns fatores impedem que a pessoa que está vivenciando a violência reaja frente a isso. O **medo** foi um aspecto ressaltado por vários participantes como um desses motivos. Isso ocorre, principalmente, por não saber os efeitos da sua tomada de decisão, medo da perseguição e por temer que pessoas do seu convívio sejam também ameaçadas, como relatou M. (14 anos) “tipo, medo de fala para um amigo ou pro pai e pra mãe, porque a pessoa é tão violenta que tem medo que faça a mesma coisa que faz com ela, com a pessoa que ela ama”. Num primeiro momento, os adolescentes sinalizaram um receio de falar com os pais, porque nem sempre eles tem conhecimento do relacionamento do(a) filho(a). Isso ficou evidente nos seguintes relatos “[...]Tem pais mais conservadores, mais rígidos” (M.L., 14 anos); “porque acham que são muito novo, que tem que estudar primeiro” (F., 14 anos).

Ademais, o medo aparece como resposta ao julgamento social e, associado a ele, a **vergonha** foi salientada pelos adolescentes como um fator importante para não procurar ajuda nessas situações que foi ilustrada nas seguintes falas: “as pessoas podem se culpar às vezes” (M.L., 14 anos) e P. (15 anos),

“é que hoje em dia, na verdade, os adolescentes têm muito medo de serem julgados. Eles têm medo de ir lá e fala que tão passando por isso e as pessoas falarem que, na verdade, o culpado é a pessoa que tá passando e não a pessoa que tá fazendo isso” (P. 15 anos)

Outra dificuldade encontrada em solicitar ajuda está relacionada ao fato de a pessoa **não perceber os episódios de violência**, especialmente quando nutre sentimentos pelo(a) perpetrador(a), como mencionam M. (14 anos) “porque a pessoa tá apaixonada e que é só uma fase”; E. (14 anos) “tem gente que tá tão, tão apaixonado, que não percebe ou que não quer acreditar que é”; “quando a gente tá apaixonado, a gente é cego” (A.S., 14 anos) e Rh (17 anos) “se eu gosto da pessoa, não vou largar assim de mão”. O(a) adolescente tem a expectativa de que o(a) parceiro(a) não repita mais os comportamentos violentos por demonstrar arrependimento, como mostra M.M. (14 anos) “pede desculpa e acaba fazendo de novo”, reforçando a ideia explicada por K. (14 anos) “que ele vai muda”. Nesses casos, os amigos exercem um importante papel de intervenção, na tentativa de mostrar o que está acontecendo e pontuar os casos recorrentes, como mostra os seguintes relatos, “dar um conselho” (R., 15

anos); “tenta conversar aí” (M.M., 14 anos); “chama num canto e diz: oh cara, isso aí é errado, parou!” (E., 14 anos).

Embora perceba-se a resistência em solicitar ajuda, foram debatidas outras possibilidades de conseguir apoio que vão desde denúncias em órgãos especializados até pedir ajuda a amigos e aos pais. A reação imediata sobre outras formas de obter ajuda reverberou nos seguintes relatos: “vai pra **delegacia** e presta queixa” (R., 17 anos); “polícia” (A.S., 14 anos). Foi mencionado também solicitar ajuda em quem desperte confiança, geralmente essa figura é representada pelos **pais e amigos** assim referidos: “falando com os pais, com a família” (Rh., 15 anos); “tem que fala com os pais” (R.F., 14 anos); “maioria das vezes, acaba falando para os amigos principalmente” (M.L, 14 anos), “fala pra amigo” (J., 15 anos).

De acordo com os adolescentes, os relacionamentos marcados por violência podem ter diversos desfechos. Os mais comuns e esperados são o rompimento da relação como mencionam os adolescentes “terminando o namoro” (M.L., 14 anos); “afasta da pessoa” (F.M., 13 anos). Ainda, foi acrescentado dar uma nova chance para a relação, na esperança de que isso não aconteça novamente “se fosse eu, eu ia tenta, se eu gostasse da pessoa” (Rh., 17 anos).

São inúmeros os **impactos** que a violência no namoro pode desencadear no sujeito. Os participantes destacaram como possíveis consequências, dificuldades para se relacionar amorosamente com outra pessoa, presença de crenças autodesvalorativas e pejorativas e a vivência de episódios de tristeza, como demonstram os seguintes relatos: “a pessoa pode ficar traumatizada para futuros relacionamentos” (M.L.,14 anos); “a pessoa pode ficar com depressão também” (M., 14 anos); “baixa autoestima, depressão, essas coisas (...)” (Rh., 17 anos) No relato de F.M. (13 anos), “se eu fosse boa, ele não me bateria, não faria um monte de coisa comigo”, nota-se a concepção de merecimento da atitude abusiva, denotando a presença de baixa autoestima, aspecto associado à permanência no relacionamento.

Discussão

A análise dos dados possibilitou a compreensão da percepção dos participantes sobre os recursos dos adolescentes que vivenciam violência no namoro e sobre as consequências para aqueles que a experenciam. O fato dos adolescentes raramente solicitarem ajuda em casos de vivenciarem violência no namoro é relatado na literatura⁹. A principal razão para isso acontecer era o receio de terminar com o relacionamento por sentirem-se culpados(as) por tornar pública a agressão, deixando de ser segredo, por negarem o problema e também por medo da reação do(a) namorado(a)^{11,13}. Os participantes da pesquisa sinalizaram o medo de serem julgados e, por nutrirem sentimentos pelo(a) agressor(a) são fatores que influenciaram os adolescentes a

não solicitar apoio. Atrelado a isso, eles acreditavam que esses comportamentos serão passageiros e optam por manter o relacionamento principalmente quando há sentimentos pela pessoa, o que dificulta o rompimento. O mito do amor romântico, vinculado à crença da constituição de uma família contribui para a propagação das agressões ao passo que o relacionamento é o que dá sentido à vida e romper com essas situações é entendido como um fracasso⁴, uma vez que é muito presente a reprodução dos padrões de relacionamentos íntimos que pressupõe a idealização do amor¹⁴. Uma investigação realizada com adolescentes² constatou que 40% não tiveram reação frente à agressão e 36,0% escolheram por terminar o namoro. Romper o namoro foi sinalizado pelos adolescentes desta pesquisa como uma solução para as situações de violência.

Apesar da dificuldade em solicitar ajuda, em algumas situações, os participantes sinalizaram que os adolescentes podem recorrer aos amigos e aos pais. Cabe problematizar que é possível que esses amigos possuam limitadas ferramentas para auxiliar a vítima de violência, uma vez que estão em mesma etapa de desenvolvimento. Semelhante aos dados encontrados nessa pesquisa, o estudo de Soares, Lopes e Njaine¹⁵ constatou que 51,5% dos adolescentes procuram em primeiro lugar os amigos, seguido de familiares (36,7%). A família foi a fonte de apoio que mais se destacou entre os adolescentes, indicando que a mesma representava um espaço de amparo e que eles se sentiam acolhidos¹⁶. Os autores Costa e Faria¹⁷ explanaram a necessidade de se estabelecer um equilíbrio na relação pais e filhos e que deve ser baseado no diálogo, respeito e afeto.

A preferência por solicitar os amigos também pode estar associada à dificuldade de comunicação com os pais, talvez por medo ou vergonha e à falta de abertura deles para com os filhos a assuntos relacionados a namoro e sexualidade, por vezes compreendida pela diferença de gerações^{11,13}. Embora os amigos sejam os principais escolhidos para desabafar, eles podem não conseguir orientar e aconselhar sobre possíveis situações de violência no namoro, devido muitas vezes a sua maturidade e até mesmo poderem estar vivenciando situações semelhantes⁹. Nesse sentido, é importante fazer uma articulação com os ambientes em que o adolescente circula, como a família e a escola.

Os achados demonstraram que a delegacia e a polícia são locais em que seria possível recorrer em situações de violência. Entretanto, a literatura aponta outros locais e pessoas em que os jovens poderiam ter um aporte mais satisfatório como professores e serviços de saúde⁹. Estudos indicam que 12,1% dos adolescentes já recorreram aos profissionais da saúde e, somente 5% desses que procuraram ajuda profissional foi por problemas relacionados à violência no namoro. Desses, 3,9% recorrem a profissionais para lidar com questões emocionais

e 1,1%, em decorrência de problemas físicos^{11,13}. Uma outra pesquisa⁹ constatou que, 3,5% dos adolescentes recorreram aos profissionais de saúde. Esse suporte bem como, solicitar ajuda de professores não foram mencionados pelos participantes desse estudo, o que pode estar associado ao medo do julgamento social.

A violência pode acarretar diversas consequências a curto e a longo prazos na vida do sujeito⁴. Os mais recorrentes na fala dos participantes foram a depressão e problemas em relacionamentos futuros. Os adolescentes expostos à violência no namoro têm maiores chances de apresentarem problemas relacionados à saúde mental⁸. Os principais sintomas desenvolvidos são depressão e ansiedade; uso abusivo de substâncias psicoativas; comportamentos antissociais e tentativa de suicídio^{4,8}. Podem manifestar também danos pessoais que levam a baixa autoestima, a culpabilização e sentimentos como raiva¹⁸. Acrescenta-se também, a possibilidade de a violência fazer parte dos relacionamentos seguintes configurando-se uma violência conjugal¹⁸. Esses aspectos reforçam a importância de pensar estratégias de evitar situações violentas. O estudo de Santos e Murta¹⁹, indica que programas de prevenção a violência no namoro têm sido testados e aplicados nas escolas, local o qual o sujeito permanece uma parte considerável da sua vida. De acordo com Njaine, Oliveira, Ribeiro, Minayo, Bodstein⁹, a escola seria o melhor local para ações de prevenção de violência no relacionamento. De acordo com o Relatório Mundial de Prevenção à Violência²⁰, dos 133 países participantes da pesquisa, 22% relataram a implantação de programa voltado para a prevenção de violência no namoro entre os jovens. Entende-se que esses programas ajudam os jovens a lidar com as vivências de violência, proporcionar conhecimento e aprendizagem de habilidades referente a relacionamento saudável e evitar problemas futuros.

Conclusão

Os resultados desse estudo sinalizaram os recursos que adolescentes têm lançado mão para combater as ações abusivas nos relacionamentos afetivos sexuais. Considerando que a violência cometida no namoro um problema de saúde pública principalmente ao que se refere aos impactos nocivos que podem desencadear na vida do adolescente, aprofundar o conhecimento sobre como os adolescentes vivenciam seus relacionamentos assim como o seu entendimento acerca de comportamentos abusivos contribuirão para a redução de adolescentes vítimas de violência é crucial.

Evidencia-se a família e os amigos como importante rede de apoio do adolescente. Acredita-se que quanto mais diálogo existir entre os pais e seus filhos é possível que eles se sintam acolhidos para conversas sobre variados assuntos, incluindo os relacionamentos afetivo-

sexuais. Em decorrência disso, os pais podem pontuar quando perceberem a existência de comportamentos violentos nas relações de seus filhos e orientá-los sobre a situação. Os amigos, colaboram amparando o sofrimento e, sinalizando quando percebem situações de violência. Ressalta-se que essas atitudes podem colaborar para a minimização dos índices de violência, principalmente quando não se está emitindo nenhum julgamento moral.

Notou-se que a violência no namoro pode gerar grandes impactos psicológicos como depressão. O sentimento de culpa, o medo de se relacionar novamente bem como a vergonha são aspectos observados nos adolescentes que vivenciam violência no namoro. Nesse sentido, os dados apresentados sugerem que a escola e os pais estejam em sintonia com os adolescentes a fim de possibilitar o diálogo, reflexão e apoio em situações difíceis e até mesmo evitar efeitos nocivos e até mesmo a perpetração de uma violência.

Esse estudo possui limitações, dentre elas, o uso de apenas uma forma de coletar os dados e a inclusão de estudantes de escolas públicas. Torna-se imperioso replicar esse estudo junto a adolescentes de escolas privadas, já que os estudos atuais contemplam estudantes da rede pública, muitas vezes, pelo maior acesso aos mesmos. Além disso, uma vez que a escola não foi incluída como um contexto de proteção e de ações preventivas, sugere-se que novos estudos sejam realizados considerando o ambiente escolar como potencializador na propagação de relacionamentos afetivo-sexuais saudáveis a fim de minimizar os índices elevados de violências. Por fim, sugere-se a realização de estudos com pais de adolescentes, investigando o que eles compreendem dos relacionamentos afetivo-sexuais dos filhos para que possam melhor orientá-los sobre aspectos negativos das relações.

Referências

1. Cárdenas FP, González BZ, Sotelo KV, Martínez JIV, Narváez YV, Rodríguez G Imelda Hernández, et al. Violencia en el noviazgo en jóvenes y adolescentes en la frontera norte de México. *Journ Heal NPEPS*. [Internet] 2018 [acesso 2020 Jan 18]; 3(2):426-440. Disponível em: <https://periodicos.unemat.br/index.php/jhnpeps/article/view/3117>.
2. Beserra MA, Leitão MNC, Fernandes MID, Scatena L, Vidinha TSS, Silva LMP et al. Prevalence of Dating Violence among Adolescents from Brazilian Public Schools of Recife/Pe: Brazil. *Rev. Enf. Ref*. [Internet]. 2015 Dec [acesso 2020 Jan 19]; (7): 91-99. Disponível em: http://www.scielo.mec.pt/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0874-02832015000700010&lng=en.
3. Organização Mundial de Saúde Violence against women: Intimate partner violence and sexual violence against women. Organização Mundial da Saúde; 2016. Disponível em: <http://www.who.int/mediacentre/factsheets/fs239/en/>

4. Centers for Disease Control and Prevention. Preventing teen dating violence. Estados Unidos: Centers for Disease Control and Prevention; 2017.
5. Bonomi AE, Anderson ML, Nemeth J, Rivara FP, & Buettner C. History of dating violence and the association with late adolescent health. *BMC Public Health*. [Internet]. 2013 [acesso 2020 Nov 9]; (13): 1-12. Disponível em: <https://doi.org/10.1186/1471-2458-13-821>
6. Goncy EA, Sullivan TN, Farrell A D, Mehari K R, & Garthe R C. Identification of patterns of dating aggression and victimization among urban early adolescents and their relations to mental health symptoms. *Psychology of Violence*. 2017. (7)1: 58-68. Disponível em: <https://doi.org/10.1037/vio0000039>.
7. Costa FB de S, Miranda CES. Violência sexual e namoro: experiência de vitimização e impactos nos relacionamentos de adolescentes. *Acta Sci. Human Soc. Sci.* [Internet]. 17º de abril de 2020 [citado 13º de novembro de 2020];42(1):e50492. Disponível em: <http://www.periodicos.uem.br/ojs/index.php/ActaSciHumanSocSci/article/view/50492>.
8. Ulloa EC, Hammett JF. The effect of gender and perpetrator-victim role on mental health outcomes and risk behaviors associated with intimate partner violence. *Journ Inter Violence* [Internet] 2016 [acesso 2020 Jan 19]; 31(7): 1184-1207. Disponível em: <https://journals.sagepub.com/doi/pdf/10.1177/0886260514564163>.
9. Njaine K, Oliveira QBM, Ribeiro FML, Minayo MCS, Bodstein R. Prevenção da Violência nas Relações Afetivo-Sexuais. In: Minayo MCS, Assis SG, Njaine K. Amor e violência: um paradoxo das relações de namoro e do ‘ficar’ entre jovens brasileiros. Rio de Janeiro, Editora FIOCRUZ; 2011. p. 183-207.
10. Caridade S. Violência no namoro: Contextualização teórica e empírica. In: Neves S & Correia A. *Violências no Namoro*. Maia, Edições ISMAI. 2018. p. 9–40.
11. Sabina C, Cuevas C, Rodriguez RM. Who to turn to? Help-seeking in response to teen dating violence among Latinos. *Psychology of Violence*. 2014. P. 348–362. Disponível em; doi:10.1037/a0035037.
12. Charmaz Z. *A construção da teoria fundamentada: guia prático para análise qualitativa*. Porto Alegre: Artmed; 2009.
13. Félix D. *Crenças de legitimação da violência de género e efeitos de campanhas de prevenção: um estudo [dissertação]*. Portugal: Universidade de Lisboa; 2012.
14. Gelpi GI, Pascoll Martín N, Silva Piedra EN. Vínculos afectivo-sexuales y violencia: una experiencia educativa con adolescentes. *Ver electrón educ pedagog* [Internet]. 2019 [acesso 2020 Jan 19];3(.5):76-4. Disponível em: <https://revedupe.unicesmag.edu.co/index.php/EDUPE/article/view/81>.
15. Soares JSF, Lopes MJM, Njaine K. Violência nos relacionamentos afetivo-sexuais entre adolescentes de Porto Alegre, Rio Grande do Sul, Brasil: busca de ajuda e rede de apoio.

- Cad Saúde Pública [Internet]. 2013 Jun [acesso 2020 Jan 19]; 29(6): 1121-1130. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0102-311X2013000600009&script=sci_abstract&tlng=pt.
16. Alves CF, Dell’Aglia DD. Percepção de Apoio Social de Adolescentes de Escolas Públicas. Revista de Psicologia da IMED [Internet]. 2015 [acesso 2020 Fev 04]; 7(2): 89-98. Disponível em: https://www.researchgate.net/profile/Debora_DellAglia/publication/298433273_Percepcao_de_Apoio_Social_de_Adolescentes_de_Escolas_Publicas/links/570ffea008ae74cb7d9eff19.pdf
 17. Costa M, Faria L. Parenting and parental involvement in secondary school: Focus groups with adolescents’ parents. Paidéia. [Internet]. 2017 [acesso em 2020 Fev 01]; 27(67): 28-36. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-863X2017000200028&lng=en&nrm=iso.
 18. Minayo MCS, Assis SG, Njaine K. É Possível Construir Relações Amorosas sem Violência? In: Minayo MCS, Assis SG, Njaine K. Amor e violência: um paradoxo das relações de namoro e do ‘ficar’ entre jovens brasileiros. Rio de Janeiro, Editora FIOCRUZ; 2011. p. 207-12.
 19. Murta SG, Ramos CEPL, Cangussú EDA, Tavares TNG, Costa MSF. Desenvolvimento de um website para prevenção à violência no namoro, abandono de relações íntimas abusivas e apoio aos pares. Contextos clínic [Internet]. 2014 [acesso 2020 Jan 18]; 7(2): 118-132. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1983-34822014000200002.
 20. Organização Mundial da Saúde. Relatório mundial sobre a prevenção da violência 2014. São Paulo: Organização Mundial da Saúde; 2015.

7 CONCLUSÃO

A adolescência é e sempre será pauta de discussão científica em uma sociedade. Uma vez que a adolescência é uma construção social que responde aos processos vividos em uma sociedade, seu estudo terá relevância. Para a Psicologia, enquanto ciência e profissão, é de suma importância compreender a etapa do adolescer e suas nuances no momento atual. Os relacionamentos afetivo-sexuais foram acompanhando as transformações socioculturais da sociedade. Os estudos realizados forneceram informações sobre os relacionamentos afetivo-sexuais na atualidade para o grupo de adolescentes pesquisados, por meio da abordagem qualitativa, do procedimento de grupos focais e da teoria fundamentada nos dados para a análise, possibilitando oferecer um maior detalhamento do fenômeno. Assim, esta dissertação diferencia-se dos estudos já publicados, que são em sua maioria estudos quantitativos e de base estatística. É importante conhecer os fenômenos das relações afetivo-sexuais e violência no namoro na adolescência através de outra perspectiva.

Essa dissertação está composta por três estudos complementares. O primeiro estudo, ao abordar os modos atuais de relacionamentos afetivo-sexuais de adolescência, constatou o “ficar” como sendo a relação mais predominante entre os adolescentes principalmente por não caracterizar um compromisso. Embora, quando há uma continuidade na relação, o “ficar” pode levar a um namoro. Esse por sua vez foi caracterizado pelos adolescentes por não ter uma duração prolongada especialmente por pressupor um envolvimento maior que abre espaço para possíveis situações de ciúme. Além disso, o círculo de amigos e as redes sociais são as principais fontes para encontrar o par amoroso. Salienta-se que as redes sociais se tornaram uma ferramenta de comunicação potente facilitando o acesso e a interação entre as pessoas. É utilizada também para fazer amigos, conhecer possíveis parceiros(as) amigos e marcar encontros afetivo-sexuais.

O segundo estudo, que objetivou conhecer a percepção sobre as violências vivenciadas nos relacionamentos afetivo-sexuais entre adolescentes, sinalizou como seus principais resultados a presença de atos abusivos nos relacionamentos afetivo-sexuais, sendo que a violência no namoro era perpetrada de diferentes formas que iam desde agressões verbais como insultos, humilhações e xingamentos até agressões físicas como arranhões, tapas e puxadas de cabelo e monitoramento do comportamento e das redes sociais. As agressões verbais/psicológicas em diversas situações não foram reconhecidas num primeiro momento como violência. Entende-se que alguns comportamentos foram interpretados como amor e proteção. Notou-se que ambos os sexos eram responsáveis por perpetrar comportamentos violentos, o que salienta a bidirecionalidade da violência no namoro.

O ciúme apareceu como o principal desencadeador de brigas entre casais por isso, alguns adolescentes optam por não assumir um compromisso de namoro, embora, com menos frequência pode estar presente no “ficar”. Algumas situações como, curtidas de fotos publicadas ou aceite de alguém nas redes sociais podiam desenvolver ciúmes por parte do(a) namorado(a). Os adolescentes perceberam o ciúme através de duas perspectivas. A primeira, os adolescentes entenderam o ciúme como manifestação de amor e cuidado. Ou seja, se a pessoa sente ciúmes é porque ela está preocupada com o bem-estar do(a) outro(a). A outra perspectiva estava relacionada ao excesso de ciúme, que é compreendido através do envio insistente mensagens, controle e proibições de se relacionar com amigos e até mesmo da família sem a presença dele(a). Quando essas situações, consideradas extremas ocorrem, é entendido que há violência no namoro.

O terceiro estudo, que focou nos recursos que os adolescentes lançam mão frente a violência cometida pelo parceiro íntimo, demonstrou que os adolescentes não conseguiam reconhecer episódios vívidos como violência, dificultando a solicitação de ajuda. Essa por sua vez, era feita principalmente pelos amigos, que tinham um papel fundamental de aconselhar e acolher a vítima da violência. Os pais também ocupavam esse lugar, embora, para isso era preciso ter uma boa relação de confiança com eles, já que nem sempre se mostravam receptivos. A equipe escolar não apareceu como uma fonte de suporte. Os próprios adolescentes reconheceram o impacto negativo que experiências dessa natureza tem para o desenvolvimento do adolescente e sua saúde mental.

Sendo a busca por um par um acontecimento típico da adolescência, fomentar estudos é uma forma de obter informações sobre as fragilidades desse processo e amparar as futuras intervenções voltadas para prevenção da violência e fortalecimento da saúde mental. As redes sociais se mostraram companheira dos adolescentes, ao mesmo tempo que utilizam para interagir com os(as) amigos(as) e colegas, também servem para conhecer novas pessoas, articular encontros afetivos-sexuais e despertar situações de ciúmes podendo desencadear uma violência. Essa se faz presente de diversas formas e contextos, tanto de maneira presencial como espaço virtual. Muito embora, nem sempre a violência no namoro tenha sido percebida, o que legitima os comportamentos violentos e a manutenção de relacionamentos abusivos. Diante do que foi exposto e considerando as consequências negativas da violência no namoro, vê-se a necessidade de se debruçar sobre os relacionamentos afetivo-sexuais a fim de possibilitar o desenvolvimento de relações saudáveis, ressaltando a importância de pensar em estratégias para diminuir os índices de violência no namoro, focando em programas de prevenção e promoção (ORPINAS et al., 2013). Articulado a essas medidas, cabe salientar que a escola é um espaço

potente para protagonizar essas ações, uma vez que, muitos relacionamentos iniciam e/ou acontecem no ambiente escolar. E por isso, muitas famílias desconhecem ou sequer imaginam que seu/sua filho(a) possa estar vivenciando algum tipo de violência no namoro. A falta de comunicação entre pais e filhos também é um obstáculo a ser vencido ao que se refere a assuntos que envolvem a sexualidade. Pouca informação, medo de incentivar o(a) adolescente a iniciar atividade sexual, a existência de violência dentro da família e tantos outros tabus que são reforçados pela sociedade, são alguns dos obstáculos que impedem essas temáticas de serem trabalhadas naturalmente dentro do ambiente doméstico.

REFERÊNCIAS

- ABERASTURY, A.; KNOBEL, M. **Adolescência normal**: um enfoque psicanalítico. Porto Alegre: Artes Médicas, 1981.
- AFONSO, J.; TEIXEIRA, F. Olhares sobre a violência no namoro: um projeto com adolescentes do ensino secundário. **Revista Ibero-Americana de Estudos em Educação**. p. 504-523, Jun., 2015. Disponível em: <<https://periodicos.fclar.unesp.br/iberoamericana/article/view/7846/5401>>. Acesso em: 20 jan. 2020.
- ALDRIGHI, T. Prevalência e cronicidade da violência física no namoro entre jovens universitários do Estado de São Paulo – Brasil. **Psicologia: Teoria e Prática**. 2004. Disponível em: <<http://editorarevistas.mackenzie.br/index.php/ptp/article/view/1203>>. Acesso em: 5 nov. 2019.
- ALMEIDA, A. N. S. Adolescência e psicopatologia. **Encontro: Revista de Psicologia**. v. 17, n. 27, 2014. Disponível em: <<https://periodicos.pucpr.br/index.php/psicologiaargumento/article/view/19753>>. Acesso em: 06 fev. 2020.
- ALMEIDA, T.; LOURENÇO, M. L. Ciúme romântico: Um breve histórico, perspectivas, concepções correlatadas e seus desdobramentos para os relacionamentos amorosos. **Revista de Psicologia**. v.2, n.2, p.18-32. 2011. Disponível em: <<http://www.periodicos.ufc.br/psicologiaufc/article/view/87>>. Acesso em: 13 jan. 2020.
- ALVES, R. **Adolescência, os anos da mudança**. Lisboa: Vogais, 2016.
- AYALA, M. L. C. et al. Unperceived dating violence among Mexican students. **International Journal of Clinical and Health Psychology**. v.14, p.39–47. 2014. Disponível em: <<https://www.sciencedirect.com/science/article/pii/S1697260014700353>>. Acesso em: 10 jan. 2020.
- BARBOSA, P. V.; WAGNER, A. How you define autonomy?: A discriminant profile in gaúcho (brazilian) teenagers. **Temas em Psicologia**, Ribeirão Preto, v. 23, n. 4, p. 1077-1090, dez. 2015. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-389X2015000400021&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 05 Fev. 2020.
- BARREIRA, A. K.; LIMA, M. L. C.; AVANCI, J. O. Coocorrência de violência física e psicológica entre adolescentes namorados do Recife, Brasil: prevalência e fatores associados. **Ciência & Saúde Coletiva**, 2013.
- BERTOLDO, R. B.; BARBARÁ, A. Representação social do namoro: a intimidade na visão dos jovens. **Psico-USF**. v. 11, n. 2, p. 229-237, jul.-dez. 2006.
- BESERRA, M. A. et al. Prevalência de Violência no Namoro entre Adolescentes de Escolas Públicas de Recife/PE – Brasil. **Revista de Enfermagem Referência**. p. 91-99, 2015.
- BESERRA, M. A. et al. Prevalência e características da violência no namoro entre adolescentes escolares de Portugal. **Esc. Anna Nery**. p.183-191, 2016.

BRANCAGLIONI, B. C. A.; FONSECA, R. M. G. S. Intimate partner violence in adolescence: an analysis of gender and generation. **Revista Brasileira de Enfermagem**. v. 69, n. 5, p.890-898. 2016.

BRASIL. Ministério da Saúde. Lei 8.069, de 13 de Julho de 1990. **Estatuto da Criança e do Adolescente**. Brasília: Ministério da Justiça, 1990.

BRÊTAS, J. R. S. A mudança corporal na adolescência: a grande metamorfose. **Temas sobre desenvolvimento**. v.12, n.72, 2004.

BRÊTAS, J. R. S. et al. Aspectos da sexualidade na adolescência. **Ciência & Saúde Coletiva**. p. 3221-3228, 2011.

CALLIGARIS, C. **A adolescência**. São Paulo: Publifolha, 2000.

CANEZIN, P. F. M.; ALMEIDA, T. O ciúme e as redes sociais. **Pensando Famílias**. v. 19, n.1, p.142-155. 2015. Disponível em: <<http://pepsic.bvsalud.org/pdf/penf/v19n1/v19n1a12.pdf>>. Acesso em: 12 jan. 2020.

CARDOSO, A. T.; FALCKE, D.; MOSMANN, C. P. *Sexting*: percepções de adolescentes sobre o fenômeno e acerca do papel das relações familiares. **Estudos e Pesquisas em Psicologia**. v.19, n. 3, 2019. Disponível em: <<https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/revispsi/article/view/46909/31299>>. Acesso em: 06 fev. 2020.

CARIDADE, S., MACHADO, C. Violência nas relações juvenis de intimidade: uma revisão da teoria, da investigação e da prática. **Psicologia**. Edições Colibri, Lisboa, p. 91-113, 2013.

CARIDADE, S.; MACHADO, C. Violência na intimidade juvenil: da vitimação à perpetração. **Análise Psicológica**, 2006.

CENTERS FOR DISEASE CONTROL AND PREVENTION - CDC. **Preventing teen dating violence**. 2017.

CENTEVILLE, V.; ALMEIDA, T. Ciúme romântico e a sua relação com a violência. **Psicologia Revista**, v. 16, n. 1/2, p. 73-91, 2007. Disponível em: <<https://revistas.pucsp.br/psicorevista/article/view/18058/13418>>. Acesso em: 13 jan. 2020.

CHARMAZ, K. **A construção da teoria fundamentada**: guia prático para análise qualitativa. Porto Alegre (RS): Artmed. 2009.

CHAVES, J. C. **Contextuais e pragmáticos**: Os relacionamentos amorosos na Pós-modernidade. 2004. Tese de Doutorado. Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2004.

_____. As percepções de jovens sobre os relacionamentos amorosos na atualidade. **Psicologia em Revista**. Belo Horizonte, v. 16, p. 28-46, 2010.

COLOSSI, P. M. et al. Violência conjugal: prevalência e fatores associados. **Contextos Clínicos**. p. 55-66, jan.-jun, 2015.

CONSELHO NACIONAL DE SAÚDE. **Resolução nº 466/2012 - Dispõe sobre pesquisa envolvendo seres humanos**. Brasil: Ministério da Saúde, Brasília, DF. 2012. Disponível em:

<https://bvsmms.saude.gov.br/bvs/saudelegis/cns/2013/res0466_12_12_2012.html>. Acesso em: 10 Jan. 2020.

_____. **Resolução nº 510/2016 – Dispõe sobre a pesquisa em Ciências Humanas e Sociais.** Brasil: Ministério da Saúde, Brasília, DF. 2016. Disponível em: <<http://conselho.saude.gov.br/resolucoes/2016/Reso510.pdf>>. Acesso em: 10 Jan. 2020.

COSTA, A. M.; COSTA, M. C. O.; NASCIMENTO, O. C. do. Percurso Amoroso e Eventos Violentos nas Relações de Namoro de Jovens. **Revista de Saúde Coletiva da UEFES.** 2018.

COSTA, M. C. O. et al. Sexualidade na adolescência: desenvolvimento, vivência e propostas de intervenção. **Jornal de Pediatria.** 2001.

COSTA, V.; FERNANDES, S. C. S. O que pensam os adolescentes sobre o amor e o sexo? Um estudo na perspectiva das representações sociais. **Psicologia & Sociedade.** p. 391-401, 2012.

DARDIS, C. M.; DIXON, K. J.; EDWARDS, K. M.; TURCHIK, J. A. An Examination of the Factors Related to Dating Violence Perpetration Among Young Men and Women and Associated Theoretical Explanations: A Review of the Literature. **Trauma, Violence, & Abuse.** v. 16. n. 2, p. 136–152. 2015. Disponível em: <<https://journals.sagepub.com/doi/abs/10.1177/1524838013517559>>. Acesso em: 11 jan. 2020.

EXNER-CORTENS, D.; ECKENRODE, J.; BUNGE, J.; ROTHMAN, E. Revictimization After Adolescent Dating Violence in a Matched, National Sample of Youth. **Journal Adolescence Health.** v. 60, n. 2, p. 176-183, 2017. Disponível em: <<https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pubmed/28109451>>. Acesso em: 11 jan. 2020.

FARIAS, F. R. **Adolescência e Juventude.** Rio de Janeiro: Fundação CECIERJ, 2011.

FELISBINO-MENDES, M. S. et al. Análise dos indicadores de saúde sexual e reprodutiva de adolescentes brasileiros, 2009, 2012 e 2015. **Revista Brasileira de Epidemiologia,** São Paulo, v. 21, 2018. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1415-790X2018000200415&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 12 jan. 2020.

FÉLIX, D. **Crenças de legitimação da violência de gênero e efeitos de campanhas de prevenção:** Um estudo. 2012. Dissertação (Mestrado em Psicologia). Universidade de Lisboa, Portugal. 2012.

FERNÁNDEZ-FUERTES, A.; FUERTES, A. Physical and psychological aggression in dating relationships of Spanish adolescents: motives and consequences. **Child Abuse & Neglect.** v.34, n. 3, p. 183-191, 2010. Disponível em: <<https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pubmed/20207002>>. Acesso em: 10 jan. 2020.

GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social.** 6. ed. São Paulo: Atlas. 2008.

GOMES, V. R. R.; CANIATO, Â. Adolescentes na contemporaneidade: desdobramentos subjetivos do (des)investimento no virtual. **Contextos Clínicos,** v. 9, n. 1, p. 133-146, jun. 2016. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1983-34822016000100013&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 12 jan. 2020.

GOMÉZ, A. M. Testing the cycle of violence hypothesis: Child abuse and adolescent dating violence as predictors of intimate partner violence in young adulthood. **Youth & Society**. v. 43, n. 1, p. 171-192. 2011.

GUERRERO, D. C. M. **Violência no namoro: avaliação e as estratégias de enfrentamento de vítimas e agressores**. 2016. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal do Espírito Santo. 2016.

HALL, G. S. **Adolescence: Its psychology and its relations to physiology, anthropology, sociology, sex, crime, religion and education**. New York: D. Appleton and Company, 1904.

HINTZ, H. C. et al. O monstro dos olhos verdes no ciberespaço: Ciúme e redes sociais. In: **Relacionamentos amorosos: O antes, o durante... e o depois**. v.2, cap. 8, p. 159-181, 2014.

LEITÃO, M. N. C. Violência nas Relações de Intimidade. In: LEITÃO, M. N. C. et al. **Prevenir a Violência no Namoro - N(Amor)O (Im)Perfeito - Fazer Diferente para Fazer a Diferença (O)Usar & Ser Laço Branco**. Unidade de Investigação em Ciências da Saúde: Enfermagem Escola Superior de Enfermagem de Coimbra - Plano de Actividades. Coimbra: 2013.

MARANHÃO, T. A.; GOMES, K. R. O.; OLIVEIRA, D. C.; NETO, J. M. M. Repercussão da iniciação sexual na vida sexual e reprodutiva de jovens de capital do Nordeste brasileiro. **Ciência e Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v.22, n.12, p.4083-4094, Dec. 2017. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-81232017021204083&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 12 Jan. 2020.

MARTINS, C. B. G. et al. Sexualidade na adolescência: mitos e tabus. **Ciencia y Enfermeria**. p. 25-37, 2012.

MATOS, M. et al. Prevenção da violência nas relações de namoro: intervenção com jovens em contexto escolar. **Psicologia: Teoria e Prática**. p.55-75, 2006.

MATOS, M.; FÉRES-CARNEIRO, T.; JABLONSKI, B. Adolescência e relações amorosas: um estudo sobre jovens das camadas populares cariocas. **Interação em Psicologia**, 2005.

MILLER, E.; JONES, K. A.; MCCAULEY, H. L. Updates on Adolescent Dating and Sexual Violence Prevention and Intervention. **Curr Opin Pediatr**. v. 30, n.4, p. 466-471. 2018. Disponível em: <<https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pmc/articles/PMC6453661/>>. Acesso em: 12 jan. 2020.

MINAYO, M. C. **O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde**. 11. ed. São Paulo: Hucitec, 2008.

MINAYO, M. C. A condição juvenil do século XXI. In: MINAYO, M. C. S., ASSIS, S. G., NJAINE, K. (Orgs). **Amor e violência: um paradoxo das relações de namoro e do ‘ficar’ entre jovens brasileiros**. Rio de Janeiro, Editora FIOCRUZ, p. 17-45, 2011.

MINAYO, M. C.; ASSIS, S. G.; NJAINE, K. É Possível Construir Relações Amorosas sem Violência? In: MINAYO, M. C. S.; ASSIS, S. G.; NJAINE, K. (Orgs). **Amor e violência: um paradoxo das relações de namoro e do ‘ficar’ entre jovens brasileiros**. Rio de Janeiro, Editora FIOCRUZ, p. 207-212. 2011.

MINAYO, M. C. S.; ASSIS, S. G.; NJAINE, K. **Amor e violência: um paradoxo das relações de namoro e do ‘ficar’ entre jovens brasileiros**. Rio de Janeiro, Editora FIOCRUZ. 2011.

MOURA, G. **Violência no namoro e estilos parentais na adolescência**: Compressão das atitudes face à violência nas relações de namoro em adolescentes e a relação com a sua percepção dos estilos parentais. 2012. Dissertação de Mestrado. Instituto Universitário Ciências Psicológicas, Sociais e da Vida. Lisboa, Portugal. 2012.

MURTA, S. G. et al. Programa de prevenção à violência no namoro e promoção de empoderamento em adolescentes. In: MURTA, S. G.; BUCHER-MALUSCHKE, J. S. N. F.; DINIZ, G. R. S. (Orgs) **Violência no namoro**: Estudos, prevenção e psicoterapia. Curitiba: Appris, p.203-226, 2015. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-65642013000200005>. Acesso em: 19 jan. 2020.

MURTA, S. G.; SANTOS, B. R. P.; NOBRE, L. A.; OLIVEIRA, S. A.; DINIZ, G. R. S.; RODRIGUES, I. O.; DEL PRETTE, Z. A. **Diferenciando baladas de ciladas**: Um guia para o empoderamento de adolescentes em relacionamentos íntimos. Brasília: Letras Livres. 2011.

MURTA, S. G. et al. Prevenção primária à violência no namoro: uma revisão de literatura. **Contextos Clínicos**, São Leopoldo, v. 6, n. 2, p. 117-131, dez. 2013. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1983-34822013000200006&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 20 jan. 2020.

MURTA, S. G. et al. Efeitos de um Programa de Prevenção à Violência no Namoro. **Psico-USF**. v.21, n.2, p.381-393. 2016. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-82712016000200381&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 19 jan. 2020.

NASCIMENTO, F. S.; CORDEIRO, R. L. M. Violência no namoro para jovens moradores de Recife. **Psicologia & Sociedade**, Florianópolis, v. 23, n. 3, p. 516-525. 2011. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-71822011000300009&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 12 jan. 2020.

NIOLON, P. H. et al. Prevalence of Teen Dating Violence and Co-occurring Risk Factors Among Middle School Youth in High-Risk Urban Communities. **Journal of Adolescent Health**. v.56, p.5-13, fev., 2015. Disponível em: <<https://www.sciencedirect.com/science/article/abs/pii/S1054139X14003140>>. Acesso em: 30 jan. 2020.

NJAINE, K. Violência no namoro. In: **Dicionário Feminino da Infância**: acolhimento e diagnóstico de mulheres em situação de violência. FLEURY-TEIXEIRA, E.; MENEGHEL, S. N. (Orgs.). Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ, 2015.

NJAINE, K.; OLIVEIRA, Q. B. M.; RIBEIRO, F. M. L.; MINAYO, M. C. S.; BODSTEIN, R. Prevenção da Violência nas Relações Afetivo-Sexuais. In: MINAYO, M. C. S., ASSIS, S. G., NJAINE, K. (Orgs). **Amor e violência**: um paradoxo das relações de namoro e do ‘ficar’ entre jovens brasileiros. Rio de Janeiro, Editora FIOCRUZ, p.183-206, 2011.

NOGUEIRA, N. S.; ZOCCA, A. R.; MUZZETI, L. R.; RIBEIRO, P. R. M. Relacionamento amoroso: experiências afetivo-sexuais dos jovens na atualidade. **Revista Uniara**, v.17, n.1, 2014.

OLIVEIRA, D. C. et al. “Pegar”, “ficar” e “namorar”: representações sociais de relacionamentos entre adolescentes. **Revista Brasileira de Enfermagem**. p. 497-502, 2007.

OLIVEIRA, Q. B. M. et al. Namoro na adolescência no Brasil: circularidade da violência psicológica nos diferentes contextos relacionais. **Ciência & Saúde Coletiva**, 2014.

OLIVEIRA, Q. B. M. et al. Violência física perpetrada por ciúmes no namoro de adolescentes: um recorte de gênero em dez capitais brasileiras. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**. v. 32 n. 3. Jul-Set., 2016.

OLIVEIRA, Q. B. M. et al. Violências nas relações afetivo-sexuais. In: MINAYO, M. C. S., ASSIS, S. G., NJAINE, K. (Orgs). **Amor e violência: um paradoxo das relações de namoro e do ‘ficar’ entre jovens brasileiros**. Rio de Janeiro, Editora FIOCRUZ, 2011.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE. **Definitions and indicators in family planning maternal & child health and reproductive health**. Reproductive. Maternal and Child Health European Regional Office. 2001. Disponível em: <<https://extranet.who.int/iris/restricted/bitstream/10665/108284/1/E68459.pdf>>. Acesso em: 12 jan. 2020.

_____. **Prevenção da violência sexual e da violência pelo parceiro íntimo contra a mulher: ação e produção de evidência**. 2012.

_____. **Young People’s Health – a Challenge for Society**. Report of a WHO Study Group on Young People and Health for All. Technical Report Series 731. Geneva: OMS, 1986.

ORPINAS, P. et al. Trajectories of physical dating violence from middle to high school: association with relationship quality and acceptability of aggression. **Journal of Youth and Adolescence**. v. 42, n.4, p.551-565, 2013. Disponível em: <<https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pubmed/23233161>>. Acesso em: 12 jan. 2020.

PAIVA, C.; FIGUEIREDO, B. Abuso no relacionamento íntimo: estudo de prevalência em jovens adultos portugueses. **Psychologica**. v. 34, p. 75-107. 2004.

PAPALIA, D. E.; OLDS, S. W.; FELDMAN, R. D. **O mundo da criança**. Lisboa: McGraw-Hill. 8 ed., 2001.

REIDY, D. E. Dating Violence and Injury Among Youth Exposed to Violence. **Pediatrics**. v. 137, n. 2. 2016. Disponível em: <<https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pmc/articles/PMC5872809/>>. Acesso em: 12 jan. 2020.

RIBEIRO, F. M. L.; AVANCI, J. Q.; CARVALHO, L.; GOMES, R.; PIRES, T. O. Entre o ‘ficar’ e o namorar: relações afetivo-sexuais. In: MINAYO, M. C. S., ASSIS, S. G., NJAINE, K. (Orgs). **Amor e violência: um paradoxo das relações de namoro e do ‘ficar’ entre jovens brasileiros**. Rio de Janeiro, Editora FIOCRUZ, 2011.

RUIZ-CANELA, M. et al. Familia, amigos y otras fuentes de información asociadas al inicio de las relaciones sexuales en adolescentes de El Salvador. **Revista Panamericana de Salud Pública**. v. 31, n.1, p. 54–61. Disponível em: <<https://scielosp.org/pdf/rpsp/2012.v31n1/54-61/es>>. Acesso em: 06 fev. 2020.

RUZANY, M. H. Atenção à Saúde do Adolescente: Mudança de Paradigma. In: **Saúde do adolescente: competências e habilidades**. Brasília: Editora do Ministério da Saúde, 2008.

SANTOS, M. R. R. P.; CARIDADE, S. M. M. Vivências amorosas em adolescentes: das dinâmicas abusivas às consequências no seu (des)ajustamento psicossocial. **Psyche**. v.13, p. 18-39. 2017.

SANTROCK, J. W. **Adolescência**. AMGH Editora Ltda. Porto Alegre: Artmed, 2014.

SAWER, S.; AZZOPARDI, P.; WICKREMARATHME, D.; PATTON, G. Age of adolescence. **The Lancet Child & Adolescent Health**. v.2, n.3, p. 223-228, 2018.

SCHOEN-FERREIRA, T. H.; AZNAR-FARIAS, M.; SILVARES, E. F. de M. Adolescência através dos séculos. **Psic.: Teor. e Pesq.**, Brasília, v. 26, n. 2, p. 227-234, Jun. 2010. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-37722010000200004&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 06 Fev. 2020.

SENNA, S. R. C. M.; DESSEN, M. A. Contribuições das teorias do desenvolvimento humano para a concepção contemporânea da adolescência. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**. p. 101-108, 2012.

SILVA, R. A., et al. Adolescentes e abuso de tecnologias: um indicativo de problemas comportamentais? **Adolescência e Saúde**. v.14, n.3., p.77-82, 2017. Disponível em: <http://adolescenciaesaude.com/detalhe_artigo.asp?id=675>. Acesso em: 06 fev. 2020.

SILVA, M. C. V. **Violência no namoro**: estudo com adolescentes de uma Escola Secundária de Bragança. 2017. Dissertação de Mestrado. Instituto Politécnico de Bragança: Escola Superior de Saúde. 2017. Disponível em: <<https://bibliotecadigital.ipb.pt/bitstream/10198/14680/1/Maria%20do%20C%3%a9u%20Va%20queiro%20Silva.pdf>>. Acesso em: 10 jan. 2020.

SILVA, A. S. N. et al. Início da vida sexual em adolescentes escolares: um estudo transversal sobre comportamento sexual de risco em Abaetetuba, Estado do Pará, Brasil. **Revista Pan-Amazônica de Saúde**, Ananindeua, v. 6, n. 3, p. 27-34, set. 2015. Disponível em: <http://scielo.iec.gov.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2176-62232015000300004&lng=pt&nrm=iso>. Acessado em: 12 jan. 2020.

SILVA, S. P. Considerações sobre o relacionamento amoroso entre adolescentes. **Cadernos Cedex**, Campinas, SP. v. 22, n. 57, ago. 2002.

SOARES, S. S. D.; CÂMARA, G. C. V. Tecnologia e subjetividade: impactos do uso do celular no cotidiano de adolescentes. **Pretextos**. v. 1, n. 2, jul.- dez. 2016.

SOUZA, M. S.; BAPTISTA, M. N. Associações entre suporte familiar e saúde mental. **Psicologia Argumento**. jul./set., 2008.

SOUZA, R. M.; RAMIRES, V. R. R. **Amor, casamento, família divórcio... e depois**, segundo as crianças. São Paulo: Summus, 2006.

SOUZA, T. M. C.; PASCOALETO, T. E.; MENDONÇA, N. D. Violência contra mulher no namoro: percepções de jovens universitários. **Revista Psicologia e Saúde**, Campo Grande, v. 10, n. 3, p. 31-43, dez. 2018. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2177-093X2018000300004&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 12 jan. 2020.

SPRINTHALL, N. A.; COLLINS, W. A. **Psicologia do adolescente: uma abordagem desenvolvimentista**. 2 ed. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1999.

STENGEL, M.; TOZO, S. M. P. S. Projetos afetivo-sexuais por adolescentes e seus pais. **Pesquisas e Práticas psicossociais**. v. 5, n.1, Jan-Jul, 2010. Disponível em: <https://ufsj.edu.br/portal2-repositorio/File/revistalapip/volume5_n1/stengel_e_tozo.pdf>. Acesso em: 09 jan.2020.

STÖCKL, H. et al. Intimate partner violence among adolescents and young women: prevalence and associated factors in nine countries: a crosssectional study. **BMC Public Health**, 2014.

STONARD, K. E. et al. The relevance of technology to the nature, prevalence and impact of Adolescent Dating Violence and Abuse: A research synthesis. **Aggression and Violent Behavior**. v.19, p.390-417, Jul-Ago, 2014. Disponível em: <<https://www.sciencedirect.com/science/article/pii/S1359178914000585>>. Acesso em: 30 jan. 2020.

STRAUSS, A.; CORBIN J. **Pesquisa Qualitativa: Técnica e procedimentos para o desenvolvimento da teoria fundamentada**. 2 ed. Porto Alegre: Artmed. 2008.

TAQUETTE, S. R.; MONTEIRO, D. L. M. Causes and consequences of adolescent dating violence: a systematic review. **Journal of Injury and Violence Research**. Jul., v.11, n.2, p. 137-147. 2019. Disponível em: <<https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pmc/articles/PMC6646825/pdf/jivr-11-137.pdf>>. Acesso em: 20 jan. 2020.

UNGER, L. G. S.; SANTOS, C. Curti, comentei, compartilhei: modos de subjetivação e relações de gênero em uma rede social digital. **Revista fórum identidades**, Itabaiana-SE, Universidade Federal de Sergipe, v. 23, p. 51-67, jan.-abr. 2017. Disponível em: <<https://seer.ufs.br/index.php/forumidentidades/article/view/6619>>. Acesso em: 11 jan. 2020.

VAGI, K. J. et al. Teen dating violence (physical and sexual) among US high school students: findings from the 2013 national youth risk behavior survey. **JAMA Pediatrics**. v.169. n. 5, p. 474-482, maio, 2015.

VAN de BONGARDT, D. et al. Romantic relationships and sexuality in adolescence and young adulthood: The role of parents, peers, and partners. **European Journal of Developmental Psychology**. v. 12, p. 497-515, 2015.

WOLAK, J.; FINKELHOR, D.; WALSH, W.; TREITMAN, L. Sextortion of Minors: Characteristics and Dynamics. **Journal of Adolescence Health**. 2017 v.62, n.1, p.72. 2017. Disponível em: <[https://www.jahonline.org/article/S1054-139X\(17\)30423-8/abstract](https://www.jahonline.org/article/S1054-139X(17)30423-8/abstract)>. Acesso em: 12 jan. 2020.

APÊNDICE A – ROTEIRO PARA O GRUPO FOCAL

Encontro 1

- Estabelecer o contrato (grupo fechado/sigilo/ não relatar experiências pessoais/ respeito/ uma fala por vez/ não há uma resposta certa ou errada/não haverá julgamentos)
- Aplicar o questionário
- Conhecer a concepção dos jovens sobre relacionamentos amorosos (suas expectativas frente a isso sobre o par ideal, idade que consideram adequada para iniciar relações amorosas)
- Como os adolescentes têm se relacionado atualmente
- Onde encontram seus/suas parceiros(as)

Encontro 2

- Exibição do vídeo
- Quais os aspectos positivos e negativos de um relacionamento
- Ver suas opiniões a respeito de relacionamentos abusivos
- Todos os relacionamentos são saudáveis?

Encontro 3

- O que eles consideram abusivo
- O que vocês entendem como violência no namoro?
- O que a pessoa pode fazer em casos que sofreu violência, como e onde pedir ajuda
- Recursos lúdicos (história em quadrinhos – História do Léo e da Bia)
- Construir um material a respeito de violência no namoro (prevenção, como identificar situações de violência)
- Dar *feedback* dos encontros

APÊNDICE B – QUESTIONÁRIO BIOSOCIODEMOGRÁFICO

- 1) Identificação: _____
- 2) Idade: _____
- 3) Com quem mora: _____
- 4) Escolaridade dos pais: _____
- 5) Cor/raça: _____
- 6) Já namorou? _____
- 7) Qual idade você tinha no primeiro namoro? _____

- 8) Atualmente você está...
 - () solteira(o)
 - () namorando
 - () ficando
 - () outro: _____

ANEXO A – AUTORIZAÇÃO INSTITUCIONAL**AUTORIZAÇÃO INSTITUCIONAL**

Eu _____, abaixo assinado, responsável pela Escola de Ensino Fundamental João Pedro Menna Barreto, autorizo a realização do estudo “*Com quem será? Com quem será?*” *As concepções sobre relacionamentos amorosos saudáveis e não saudáveis na visão dos adolescentes*, a ser conduzido pelas pesquisadoras Professora doutora Aline Cardoso Siqueira e Danielle Machado Visentini.

Fui informado, pelo responsável do estudo, sobre as características e objetivos da pesquisa, bem como das atividades que serão realizadas na instituição a qual represento.

Esta instituição está ciente de suas responsabilidades como instituição coparticipante do presente projeto de pesquisa e de seu compromisso no resguardo da segurança e bem-estar dos sujeitos de pesquisa nela recrutados, dispondo de infraestrutura necessária para a garantia de tal segurança e bem-estar.

Santa Maria, _____ de _____ de 2019.

Responsável Institucional

ANEXO B – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA
CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS E HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA****TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO**

Título do estudo: **"Com quem será? Com quem será?" As concepções sobre relacionamentos amorosos saudáveis e não saudáveis na visão dos adolescentes.**

Pesquisador responsável: Professora Doutora Aline Cardoso Siqueira

Instituição/Departamento: Programa de Pós-Graduação em Psicologia

Telefone e endereço: Ex: (55) 3220-0000/ (55) 984244223. Avenida Roraima, 1000, prédio 74B, sala 3302, 97105-970 - Santa Maria - RS.

Local da coleta de dados:

Eu Aline Cardoso Siqueira, responsável pela pesquisa intitulada "Com quem será? Com quem será?" As concepções sobre relacionamentos amorosos saudáveis e não saudáveis na visão dos adolescentes, o convidamos seu/sua filho(a) para participar como voluntário(a) deste nosso estudo. Esta pesquisa pretende conhecer a maneira que os adolescentes estão se relacionando amorosamente na atualidade bem como suas concepções sobre relacionamentos amorosos saudáveis e não-saudáveis. Acreditamos que ela seja importante porque se percebe a necessidade de explorar as relações amorosas entre adolescentes no meio científico. Uma vez que nesse momento questões relacionadas ao namoro estão em evidência, sendo assim, é fundamental dar voz a esse adolescente para que talvez consiga ter maior conhecimento sobre relações amorosas saudáveis e não saudáveis. Para sua realização será feito grupos focais com adolescentes que serão gravadas e posteriormente transcritas. Esperamos com o estudo evidenciar outras possibilidades de relacionamentos amorosos na adolescência a partir de relações saudáveis a fim de evitar a vivência de situações de violência futuramente.

Durante todo o período o(a) senhor(a) terá a possibilidade de tirar qualquer dúvida ou pedir qualquer outro esclarecimento. Para isso, entre em contato com algum dos pesquisadores ou com o Comitê de Ética em Pesquisa.

O presente estudo não pretende causar nenhum tipo de desconforto físico ou psicológico ao adolescente, mas poderá lhe sensibilizar a manifestar sentimentos e emoções associadas ao tema proposto. Se isso ocorrer, você será encaminhado ao Serviço de Psicologia da Universidade Federal de Santa Maria.

Você tem garantida a possibilidade de não aceitar participar ou de retirar sua permissão a qualquer momento, sem nenhum tipo de prejuízo pela sua decisão. As informações desta pesquisa serão confidenciais e poderão divulgadas, apenas, em eventos ou publicações, sem a identificação dos voluntários, a não ser entre os responsáveis pelo estudo, sendo assegurado o sigilo da participação do(a) adolescente.

Autorização

Eu, _____, após a leitura ou a escuta da leitura deste documento e ter tido a oportunidade de conversar com o pesquisador responsável, para esclarecer todas as minhas dúvidas, estou suficientemente informado, ficando claro que a participação do(a) filho(a) é voluntária e que posso retirar este consentimento a qualquer momento sem penalidades ou perda de qualquer benefício. Estou ciente também dos objetivos da pesquisa, dos procedimentos aos quais ele(a) será submetido, dos possíveis danos ou riscos deles provenientes e da garantia de confidencialidade. Diante do exposto e de espontânea vontade, expresso minha concordância na participação do(a) meu/minha filho(a) neste estudo e assino este termo em duas vias, uma das quais foi-me entregue.

Santa Maria, ____ de _____ de 2019.

Assinatura do pesquisador

Assinatura do responsável pela obtenção do TCLE

ANEXO C – TERMO DE ASSENTIMENTO

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA
CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS E HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA**

TERMO DE ASSENTIMENTO

Assentimento informado para participar da pesquisa: *"Com quem será? Com quem será?"*
As concepções sobre relacionamentos amorosos saudáveis e não saudáveis na visão dos adolescentes.

Nome da criança/adolescente:

Eu Aline Cardoso Siqueira, responsável pela pesquisa intitulada "Com quem será? Com quem será?" As concepções sobre relacionamentos amorosos saudáveis e não saudáveis na visão dos adolescentes, o convidamos a participar como voluntário deste nosso estudo. Seus pais já concordaram com sua participação, mas, se você não quiser não precisa participar. Você pode conversar com alguém antes de aceitar a participação.

Esta pesquisa pretende conhecer a maneira que os adolescentes estão se relacionando amorosamente na atualidade bem como suas concepções sobre relacionamentos amorosos saudáveis e não-saudáveis. Uma vez que na adolescência questões relacionadas ao namoro estão em evidência, sendo assim, é fundamental dar voz aos adolescentes para que talvez consigam ter maior conhecimento sobre relações amorosas saudáveis e não saudáveis. Para sua realização será feito grupos focais com adolescentes que serão gravadas e posteriormente transcritas.

Durante todo o período da pesquisa você terá a possibilidade de tirar qualquer dúvida ou pedir qualquer outro esclarecimento. Para isso, entre em contato com algum dos pesquisadores ou com o Comitê de Ética em Pesquisa. Um comitê de ética em pesquisa em seres humanos é integrado por um grupo de pessoas que trabalham para garantir que seus direitos como participante de pesquisa sejam respeitados. Ele tem a obrigação de avaliar se a pesquisa foi planejada e se está sendo executada de forma ética.

O presente estudo não pretende causar nenhum tipo de desconforto físico ou psicológico a você, mas poderá lhe sensibilizar a manifestar sentimentos e emoções associadas ao tema

proposto. Se isso ocorrer, você será encaminhado ao Serviço de Psicologia da Universidade Federal de Santa Maria.

Esperamos com o estudo evidenciar outras possibilidades de relacionamentos amorosos na adolescência a partir de relações saudáveis a fim de evitar a vivência de situações de violência futuramente. Não falaremos que você está na pesquisa com mais ninguém e seu nome não irá aparecer em nenhum lugar. Depois que a pesquisa for concluída os resultados serão informados para você e seus pais, assim como poderão ser publicados em uma revistas e conferências.

Ninguém ficará bravo ou desapontado com você se você disser não. A escolha é sua. Você pode dizer sim agora e mudar de ideia depois e tudo continuará bem.

Eu _____ aceito participar da pesquisa “COM QUEM SERÁ? COM QUEM SERÁ?” AS CONCEPÇÕES SOBRE RELACIONAMENTOS AMOROSOS SAUDÁVEIS E NÃO SAUDÁVEIS NA VISÃO DOS ADOLESCENTES que tem o objetivo de conhecer a maneira que os adolescentes estão se relacionando amorosamente na atualidade e sobre relacionamentos saudáveis e não saudáveis.

Entendi as coisas ruins e as coisas boas que podem acontecer.

Entendi que posso dizer “sim” e participar, mas que, a qualquer momento, posso dizer “não” e desistir e que ninguém vai ficar furioso.

Os pesquisadores tiraram minhas dúvidas e conversaram com os meus responsáveis.

Recebi uma cópia deste termo de assentimento e li e concordo em participar da pesquisa.

Santa Maria, ____ de _____ de 2019.

Assinatura do(a) adolescente:

Assinatura do pesquisador:

ANEXO D – TERMO DE CONFIDENCIALIDADE

TERMO DE CONFIDENCIALIDADE

Título do projeto: "Com quem será? Com quem será?" As concepções sobre relacionamentos amorosos saudáveis e não saudáveis na visão dos adolescentes.

Pesquisador responsável: Aline Cardoso Siqueira

Demais pesquisadores: Danielle Machado Visentini

Instituição: Universidade Federal de Santa Maria

Telefone para contato: 55-996434660

Local da coleta de dados:

Os responsáveis pelo presente projeto se comprometem a preservar a confidencialidade dos dados dos participantes envolvidos no trabalho, que serão coletados por meio de grupos focais na escola _____ durante o primeiro semestre de 2019. Informam, ainda, que estas informações serão utilizadas, única e exclusivamente, no decorrer da execução do presente projeto e que as mesmas somente serão divulgadas de forma anônima, bem como serão mantidas no seguinte local: UFSM, Avenida Roraima, 1000, prédio 74B, Programa de Pós-Graduação em Psicologia, sala 3302, 97105-970 - Santa Maria - RS, por um período de cinco anos, sob a responsabilidade da professora Aline Cardoso Siqueira. Após este período os dados serão destruídos.

Este projeto de pesquisa foi revisado e aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos da UFSM em/...../....., com o número de registro Caae

Santa Maria,dede 2019.

Assinatura do pesquisador responsável